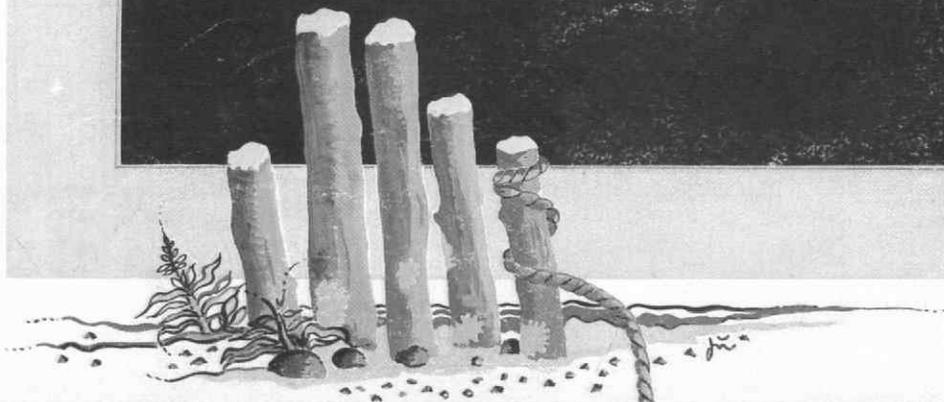
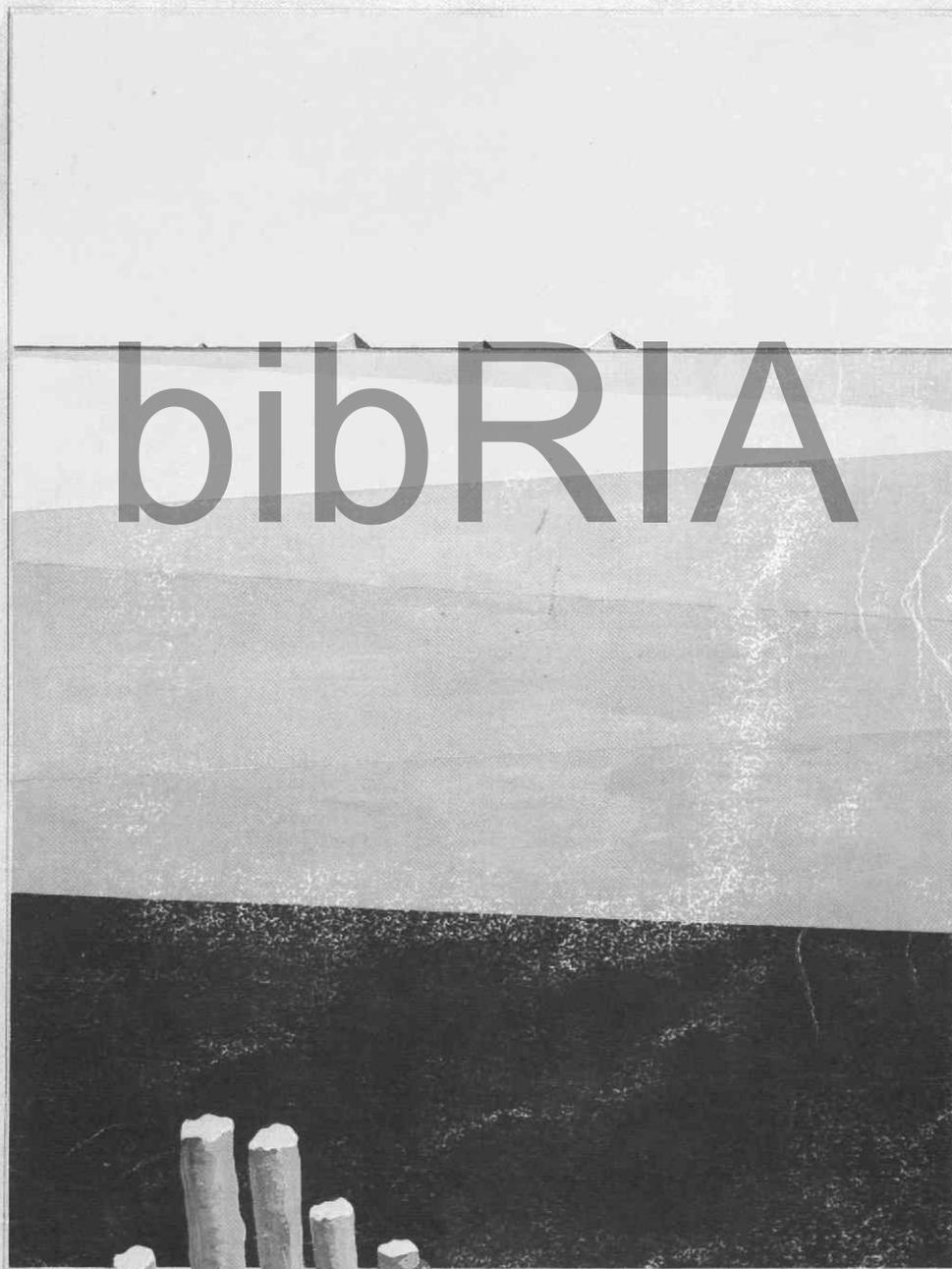


bibRIA



FL
908
141



BIBLIOTECA
municipal de aveiro
PUBLICAÇÕES
PERIÓDICAS

OFERTA



BIBLIOTECA
municipal de aveiro

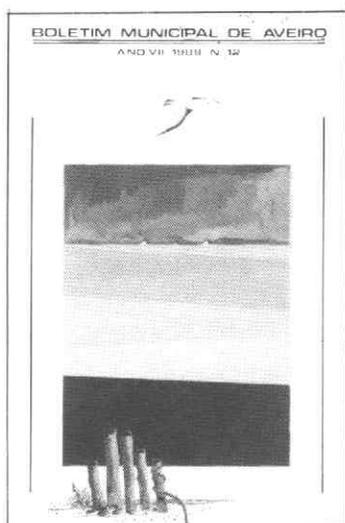
FUNDO
LOCAL

INTERDITO
AO
EMPRÉSTIMO

BOLETIM MUNICIPAL DE AVEIRO

bibRIA

bibRIA



A Ria

"Ninguém aqui vem que não fique seduzido. (...) É sítio para contemplativos e poetas: qualquer fio de água lhes chega e os encanta. É sítio para sonhadores e para os que gostam de se aventurar sobre quatro tábuas descobrindo motivos imprevistos. É-o para os que se apaixonam pelo mar profundo, e para os medrosos que só se arriscam num palmo de água — porque a ria é lago e mar ao mesmo tempo".

Raul Brandão
(Do livro *Os Pescadores*)

BOLETIM MUNICIPAL DE AVEIRO

Publicação Semestral de Índole Cultural e Informativa

Dezembro de 1988

bibRIA

12 JUL 89

BOLETIM Nº 12

DIRECÇÃO: Presidente da Câmara Municipal de Aveiro – Vereador do Pelouro da Cultura

PROPRIEDADE: Câmara Municipal de Aveiro

REDACÇÃO: Praça da República – Aveiro – Tel. 24081/82

SUPERVISÃO: Assessor Cultural da C.M.A.

CAPA: Jeremias Bandarra (Design)

TIRAGEM: 1.500 exemplares

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: Gráfica do Vouga, lda. - Rua do Loureiro, 13 - 3800 Aveiro

Depósito Legal n.º 12 442/86

ABERTURA - Prof. Celso dos Santos	7
O GABÃO DE AVEIRO É TAMBÉM CULTURA - Dr. Manuel Ed. dos Santos Oliveiros	9
HOMENAGEM AO DR. ALBERTO SOUTO - Mons. João Gonçalves Gaspar	33
ARTES DE PESCA NA RIA DE AVEIRO - Dr. Eduardo Lamy Laranjeira	38
BIBLIOTECA MUNICIPAL - Prof. Celso dos Santos	44
ANTIGA TOPONÍMIA DE AVEIRO - Fausto de Matos Melo Ferreira	47
AVEIRO "EMPÓRIO DO SAL" NUMA EVOCAÇÃO DE ANTÓNIO SÉRGIO - Júlio de Sousa Martins	55
PUBLICAÇÕES	59
NOTICIÁRIO	61
NOTÍCIAS BREVES	69
1989 - EFEMÉRIDES	70
ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE AVEIRO	71

bibRIA

Os textos assinados são da responsabilidade dos autores.

Os artigos publicados podem ser transcritos, total ou parcialmente, desde que se indique a origem.

Publica-se mais uma vez o **Boletim Municipal de Aveiro**, onde se desenvolvem diversos títulos, subscritos por quem generosamente quis honrar as suas páginas. Aos vários autores endereçamos, em primeiro lugar, a nossa sincera e justa gratidão.

O gabão de Aveiro, estando quase só no pensamento dos saudosos do passado — como escreveu o Dr. José Pereira Tavares — é tema favorito do Dr. Manuel Eduardo dos Santos Oliveiros, cujo texto foi profusamente ilustrado com imagens. Lendo e relendo o seu artigo, até nos vem o gosto de usar o gabão de Aveiro.

Fez parte do programa da Festa da Ria, que decorreu de 15 de Julho a 15 de Agosto, a conferência proferida pelo Dr. Eduardo Lamy Laranjeira. As suas palavras ouvidas então com interesse, versaram as artes da pesca na ria de Aveiro; este, como outros assuntos relacionados com a nossa laguna, se se enquadra no âmbito de cultura local ou regional, também se pode considerar dentro dos limites largos da cultura geral.

Nós, os aveirenses, vemo-nos por vezes em dificuldade para descobrir os nomes antigos de ruas ou praças, hoje denominados com nova toponímia. Andou bem Fausto de Matos Melo Ferreira ao proporcionar-nos as designações anteriores e as actuais, lado a lado, em mapas pacientemente dispostos e ordenados.

Aveiro como "Empório do Sal" é uma definição de António Sérgio. Evocar este escritor num tema que ele tratou e que nos diz respeito foi tarefa agradável para Júlio de Sousa Martins.

Algumas notícias e acontecimentos municipais preenchem as últimas páginas. Apenas registamos aqueles que julgamos marcantes na vida cultural da nossa cidade e do nosso concelho.

Renovamos os nossos agradecimentos a todos os colaboradores do **Boletim Municipal de Aveiro**. Bem hajam pela sua dedicação e pelo seu trabalho.

Dezembro de 1988

O Vereador do Pelouro da Cultura,
Celso dos Santos

bibRIA

O Gabão de Aveiro é também Cultura

Pelo Dr. M. Ed. dos Santos Oliveiros

Sou um "Aveiro" aqui nascido e baptizado na Igreja de S. Domingos, hoje Sé Catedral.

Não irei dizer, como D. João Evangelista, Arcebispo-Bispo de Aveiro, que nasci na proa de uma bateira embalado pelas marolas da Ria.

Mas direi que nos princípios do século nasci à sombra da antiga Sé de Aveiro, ali na rua do mesmo nome, a que vós hoje chamais de outra maneira.

Trago, no sangue, o sabor salgado da água da nossa Ria; e na carne o cheiro a maresia das nossas salinas.

Como "Aveiro" que sou, trago vestido o tradicional GABÃO DE AVEIRO.

Menino e moço, antes de me levarem para longes terras, eu via os nossos gabões serem pas-

Gonçalinho e do Largo da Apresentação - onde se situa a Igreja da Vera-Cruz - e também pela Rua do Norte e do Vento, que vão até ao Canal de S. Roque.

Vestiam-no os camponeses e os lavradores dos arrabaldes da cidade, no amanho de suas terras, desde Santiago a S. Bernardo; de Aradas à Quinta do Gato e à Quinta do Picado; da Gafanha até Esgueira.

Usavam-no os carpinteiros, os tanoeiros, os calafates e outros mesterais, nos estaleiros do Canal de S. Roque e da Gafanha; os marnotos nas salinas, os pescadores nas suas bateiras, os barqueiros nos barcos mercanteis e os mercanteis nos saleiros; os trabalhadores da apanha do moliço nos barcos moliceiros.



Corrida de Bateiras
no Canal de S. Roque

*Em Aveiro e o seu
Distrito nº 21 1976
pág. 54.*

seados pelos diferentes Bairros da Cidade, desde o Bairro do Alboi e dos Santos Mártires ao Bairro da Beira-Mar e da Apresentação; do Bairro de Sá e das Barrocas ao Bairro das Olarias e da Fonte Nova; e também ao Bairro das Cinco Bicas e de São Martinho.

Encontrava-os a par e passo pela antiga Rua de Trás, que começava no Jardim Público e ia desembocar na Rua das Barcas; pela Rua dos Arrais, para os lados do Rossio; pela Rua dos Marnotos e das Salineiras, próximas da Capela de S.

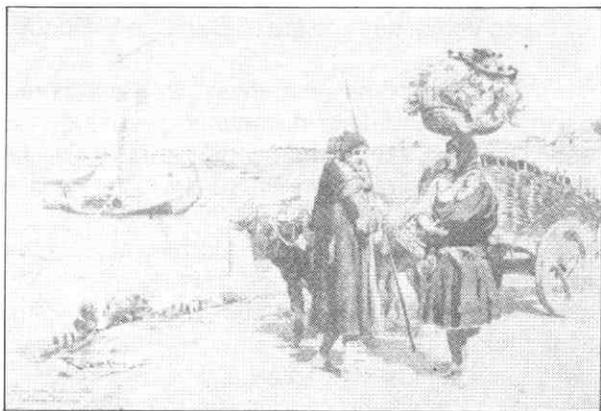
Estou a olhá-los, nas "malhadas" do Cais dos Santos Mártires e do Canal de S. Roque, a descarregar o moliço dos fundos da Ria e o junco das praias.

Estou a vê-los, no Cais dos Botirões e no Cais dos Mercanteis, junto à praça do peixe, a descarregar o pescado das suas bateiras.

Estou a admirá-los, do cimo da Ponte de S. João, os "Aveiros", os "Ílhavos", os "Murtoseiros" - irmãos na labuta da Ria - de gabões elegantemente

enfaixados, de preto ou encarnado, num desafio de perícia, por todo o Canal das Pirâmides, desde estas até à Ponte da Dobadoura ou pelo Canal de S. Roque, em bateiras a remos ou com os vertedouros, em mercanteis ou saleiros à vara, ou em moliceiros à vela, quando havia vento, ou à sirga, nos dias de calma.

Todos estes usando gabões de estamena, de burel ou de surrobeco.



Esboço para aguarela Costumes de Aveiro de Roque Ganeiro, Século XIX, 3º quartel.
(Quadro pertencente ao Sr. Coronel Henrique de Campos Ferreira Lima, que amavelmente nos forneceu a respectiva fotografia).

Faziam gala dos seus gabões os "Senhores de Aveiro" nos seus passeios pela Rua Direita e da Costeira, pela Corredoura, pelas Pontes - a dos Arcos e a das Almas - e também aos domingos de manhã ao dirigirem-se para a Igreja de S. Domingos e de Jesus, das Carmelitas e da Misericórdia (os da freguesia da Glória) ou para a Igreja da Apresentação e do Carmo ou para a Igreja do Senhor das Barrocas (os da freguesia da Vera-Cruz).

Faziam gala, dizia eu, com os seus gabões pretos de merino ou de pano acetinado rico.

Era traje obrigatório nas típicas "Arruadas" que percorriam a cidade desde a Passagem de Nível de Esgueira até ao Bairro das Olarias, o limite norte e o limite sul da cidade, com passagem pelas ruas principais e pelo Cais da Ribeira e do Alboi, estes ao longo do Canal Central desde a Ponte dos Arcos até à Ponte da Dobadoura.

Era igualmente traje obrigatório na noite dos dias da "Entrega dos Ramos" quando os "Parceiros" se visitavam e cumprimentavam ao som festivo da Banda de música e dos foguetes.

Agora, com gabões pretos ou castanhos, soltos ou enfaixados.

Profusamente vulgarizado em terras bairradinas, o gabão de Aveiro é vestimenta que ainda hoje

se apresenta com toda a dignidade, exibido como peça de carácter pelo Arqueólogo Machado Lopes, Director da Cantata e Tocata do Grupo Etnográfico e de Defesa do Património e Ambiente da Região da Pampilhosa - GEDEPA - nos seus cantares da Zona Serrana do Buçaco.

Assim o vimos em 12 de Fevereiro deste ano de 1988 no Palace Hotel do Buçaco; de igual modo o apreciámos no dia 17 de Abril de 1988 no Palace Hotel da Curia.

É vestimenta que ostentam cerimoniosamente os Confrades da "CONFRARIA DOS ENÓFILOS DA BAIRRADA" vestindo o "gabão preto, de boa fazenda de lã ... usado apenas nos dias domingueiros, nas festas ou para ir à missa" como o escreveu um muito distinto Enófilo, e que é igualmente vestido nos dias de grande gala, quando se reúnem em Capítulo no Palace Hotel do Buçaco, ou em qualquer dia "Capitular" em que sejam convocados por quem é a alma da Confraria. Recordo, a propósito o dia 19 de Dezembro de 1981 em que se reuniu o capítulo, com toda a solenidade no Salão Nobre do Palácio do Buçaco para proceder à "Investidura" de novos Enófilos.

Todos os "mestres da Confraria" e muitos enófilos presentes se encontravam com seus gabões negros e a característica "provadeira" de prata pendente do pescoço por uma fita de seda grenat.

Vai terminar aqui a minha memória do "uso e desuso do gabão de Aveiro".

O gabão de Aveiro foi por mim olhado com emoção na minha Cidade de Aveiro, na Arruada da noite do dia 4 de Janeiro de 1987, Arruada comemorando os 450 anos da Confraria do S. S. Sacramento da freguesia da Glória, a freguesia do meu nascimento, do meu baptismo e da minha profissão de fé.

E... tudo o vento levou!

AVEIRO, esta milenária cidade que se chamou no princípio dos seus tempos "ALAVARIUM": e a quem a nossa Padroeira A PRINCESA SANTA JOANA chamava "Minha Lisboa, a pequena", terra natal da minha paixão, deixou de ser a cidade de seus filhos "Os Alavarienses" ou "Aveiros" onde todos nos conhecíamos, para ser a cidade dos seus habitantes "OS AVEIRENSES", terra de muitas e desvairadas gentes, como Fernão Lopes dizia de Lisboa.

Aqui deixo agora a minha "Mensagem":

É aos Aveiros e aos Aveirenses que cumpre reatar a tradição do uso do gabão, impondo-o nas nossas terras como os alentejanos souberam impôr o seu capote à alentejana.

Esta Mensagem é do mesmo modo dirigida a todos quantos vivem e labutam nas terras em redor desta maravilhosa laguna, sem igual, a que chamamos a "RIA DE AVEIRO", terras que se estendem de Ovar até Vagos e Mira, passando pela Murtosa, por Estarreja, por Albergaria-a-Velha e que depois de Aveiro e Ílhavo se prolongam por Águeda, Oliveira do Bairro, Anadia, Mealhada e Cantanhede, a muito falada Região da Bairrada, onde o Gabão de Aveiro era traje tradicional, usado com o seu capuz nas noites das escarpeladas, pelos conhecidos e não identificáveis "encapotados".



"Quando um "Murtoseiro" visita a Cidade da Ria num dia de calor e traça o gabão à maneira de um chaile de "Salineira"!..."

Fotografia cedida por Fausto Ferreira

Igualmente a dirijo a todos os membros da Confraria dos Enófilos da Bairrada para que persistam em adoptá-lo como seu traje oficial e alargar o uso desta vestimenta - que terá sido o "tabardo arrequifado" medieval de que fala Almeida Garrett, o capote, o gabinardo e é hoje o varino ou o gabão de Aveiro - tão característico do homem da beira-mar, como do homem bairradino, a todos quantos se irmanarem nesta Confraria dos Enófilos da Bairrada.

Resta também dirigi-la de uma forma muito particular A TODOS OS UNIVERSITÁRIOS DA UNIVERSIDADE DE AVEIRO, pois o podereis adoptar como traje académico; será impar no seu significado aveirense, porque o GABÃO DE AVEIRO é, no

dizer de Rocha Madahil, "PEÇA DE GRANDE CARÁCTER" que se sabe ter irradiado da região da Ria e é uma réplica à rica e hierática "CAPA DE HONRAS" de Miranda do Douro.

Tal está a acontecer em Vila Real, onde os estudantes universitários se vestem à maneira tradicional de transmontanos que são; em Salamanca, onde os universitários se vestem à maneira tradicional salmantina, bem como em S. Tiago de Compostela, onde os universitários trajam à maneira Compostelana.

Digo-vos como Fernando Pessoa:
"DEUS QUER, O HOMEM SONHA, A OBRA NASCE !"

" Mas tenho fé que das cinzas do passado ainda um dia voltará a renascer; e então o Gabão de Aveiro tornará a ser o orgulhoso dos Aveirenses".

Mário Fiúza

" Se é que mesmo não será possível ressurgir-los... aos Gabões de Aveiro".

Eduardo Cerqueira

"Até ao S. João leva o teu gabão! Do S. João em diante (pronuncie diante) leva-o sempre".

Sentença popular que ainda hoje se ouve frequentemente na região da Bairrada.

De Monsenhor João Gonçalves Gaspar, em "AVEIRO - Notas históricas" Ed. da C. M. A. 1983, nas págs. 34 e seguintes, encontramos as seguintes informações:

"A actividade piscatória, que se desenvolveu a partir do séc. XIV, bem pode considerar-se como o embrião da expansão marítima portuguesa. Em numerosos documentos referentes a Aveiro, ela não podia deixar de ser expressamente nomeada.

Assim, em 14 de Abril de 1372 el-Rei D. Fernando fez a D. Leonor Teles livre e pura doação, da vila com seu termo e porto de mar. Chancelaria de D. Fernando I, Livro I - fls. 105-105 v. 107-108.

Em 17 de Janeiro de 1434, D. Duarte confirmou e outorgou aos pescadores de Aveiro, todos os seus privilégios - Chancelaria de D. Duarte, Livro I, fls. 52 v.

Caracteristicamente, os pescadores vestiam camisa de lã de padrão axadrezado e de cor

variável, trozes ou ceroulas de tipo e qualidade igual (no verão e só no mar, manaia em algodão branco ou cru), cinta ou faixa de lã preta franjada nas extremidades e barrete ou carapuça preta em malha de lã com borla, também de lã, na extremidade.

De inverno, acrescentavam O GABÃO, DE BUREL OU PRETO, COM MANGAS, ROMEIRA E CAPUZ.

O lavrador possuía um traje próprio.

No inverno, acrescentava-se o tradicional GABÃO".

".....embrião da expansão marítima portuguesa" representado numa pintura onde se encontram figurados vários pescadores, alguns envergando o tradicional gabão de Aveiro:

De A. G. da Rocha Madahil, 1941 "ALGUNS ASPECTOS DO TRAJE POPULAR DA BEIRALITORAL".



A fotografia dá notícia dum Quadro a óleo "A CALDEIRADA" que presentemente pertence ao Museu de Aveiro, da autoria do aguarelista e pintor aveirense Lauro Corado.

Afirma Rocha Madahil que várias gravuras publicadas e entre elas a que publica a pág. 60 do seu trabalho "documentam gráficamente o uso do gabão desde 1828 pelos habitantes da região de Aveiro; mas a falta de referências não invalida a remota ascendência do característico vestuário, misto de veste monástica e de trajo civil medieval, igualmente encapuzado, comum a vários países da Europa, entre os quais Portugal.

Se acrescentarmos uma romeira à vestimenta envergada pelo lavrador que - rabiça do arado numa das mãos e arrelhada na outra - ilustra a parte inferior da magnífica gravura em madeira do Livro 2º das "Ordenações de D. Manuel I, de 1514, teremos

o gabão, a que nem sequer o capuz faltará; o próprio costume popular de o amarrar à cinta com uma faixa ou simples cordel, já naquela data se verificava, como a gravura mostra.

Também muitas figurinhas dos presépios do séc. XVIII e várias gravuras nos apresentam justamente uma espécie de gabão, que bem podemos considerar como fase da evolução do capote medieval com capuz e mangas.

Mas é igualmente admissível que as vestes monásticas de determinadas congregações tenham influenciado essa evolução.

Não deixemos de lembrar que o gabão foi conhecido e usado, de certeza, pelos Romanos, o que não significa, no entanto, que de Roma nos tenha vindo.

Na celebrada coluna levantada em Roma no ano de 112 em honra do Imperador Trajano,

encontra-se uma figura vestida com um manto especial, a que não falta capuz e que parece ter romeira também".

E, mais adiante, continua Rocha Madahil:

"O pescador da Ria, murtoseiro, ilhavense ou gafanhão, o moliceiro e o lavrador de Vale de Ílhavo, ainda hoje vestem o gabão e com ele trabalham, amarrando-o à cinta ou dando nó com as próprias pontas, enroladas, em jeito muitos séculos repetido; cenas como a da figura 42 (Varino com gabão a pág. 60) que foi fotografada cerca de 1910, mantem-se com perfeita actualidade; noutras classes, porém, passou inteiramente de moda o gabão;

de toda a Província - porque em toda ela se usou - é ainda a região da Ria de Aveiro aquela em que hoje se pode encontrar, sem constituir excepção a que as modernas gerações façam reparo".

Nota do autor: Lembremos que a publicação de Rocha Madahil é do ano de 1941.

"Tão usado foi por pescadores da Ria que por "varino" passou a ser designado o gabão, ga-

gens na Minha Terra" ao falar do traje usado pelos Ílhavos que conheceu numa viagem pelo Tejo a caminho de Alpiarça nos diz:

".....estes vestiam o amplo saiote grego dos varinos, e o tabardo arrequifado siciliano de pano de varas".

O amplo saiote grego dos varinos querará significar as "manaias" dos pescadores da beira-



biblioteca

ÍLHAVO

Pescadores fazendo rede, à porta da rua. Cena muito vulgar, em toda a vila, há trinta anos.

*Em Alguns Aspectos do Trajo Popular da Beira Litoral, 1941.
A.G. da Rocha Madahil*



nhando grande aura a nova denominação, que suponho lançada no final do século dezanove".

"Até para o Tejo os pescadores de Ovar, Murtosa e Ílhavo levaram o seu traje popular da Beira Litoral". Assim escreve Rocha Madahil a pág. 58 do livro "Alguns Aspectos do Trajo Popular da Beira Litoral.

Também Almeida Garrett no seu livro "Via-

-mar; o tabardo arrequifado é uma espécie de capote com capelo e mangas, sendo estas e aquele debruados, usado nos séculos XIII e XIV.

Creio poder afirmar estarmos em presença do tradicional gabão de Aveiro, também conhecido por varino, por ser usado por homens da beira-mar.

Nota do autor: a publicação de as "Viagens na Minha Terra" foi iniciada em folhetins na Revista Universal Lisbonense no ano de 1843.

Observem-se as litografias de Jaubert, Macpahil e Palhares, datadas de 1841/1842 e 1853 que adiante se publicam e que são conforme a descrição de Almeida Garrett.



VARINO, COM GABÃO

Aguarela não assinada, reproduzida em cromo, no Album de costumes portugueses, de 1888.

Mas, continuemos ainda com Rocha Madahil:

"Em 1869 o Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro, publicava um curioso artigo de J. S./Franco, de que vamos transcrever um passo relativo ao traço aveirense:

"No homem um GABÃO que lhe desce até aos pés, de mangas e capuz. Um barrete catalão que lhe cobre a cabeça como uma asa de gaivota. Camisa branca como neve, por cima da qual se vê às vezes o colete de pano azul ou a camisola; ceroulas que lhe descem até ao joelho, deixando a descoberto o resto da perna; faixa vermelha, embrulhada graciosamente em volta da cinta. É este o traço mais usado do varino pescador.

O artigo de J. S. Franco "refere ainda uma peça de grande carácter, que sabemos ter irradiado da Região da Ria para todo o país, alcançando por volta de 1900 extraordinária difusão, que ainda se manteve, com oscilações, quinze ou vinte anos,

começando então a sua rápida decadência, a ponto de se encontrar hoje em vias de desaparecimento: é o gabão também chamado varino".

Todas as classes o usaram, pobres, remediados e ricos, variando apenas no tecido (que para as classes populares era de burel e surrobeco, ou ainda briche) e no colchete com que se aconchegava ao pescoço, que os ricos usavam de prata acrescentado de uma pequena corrente do mesmo metal.

O GABÃO É A RÉPLICA DA BEIRA-LITORAL À CAPA DE HONRAS DE MIRANDA DO DOURO, rica e hierática e ao capote alentejano de feirantes e lavradores de montados e charnecas.; mais sóbrio do que qualquer desses, nem por isso é menos cómodo, tendo ainda a vantagem de ser mais leve.

É menos rodado que o capote alentejano. Tem mangas, romeira e capuz, que puxado sobre a cabeça, defende eficazmente da chuva e à noite... de olhares indiscretos espiando eternas aventuras".

"O gabão mais velho era usado de inverno quando vinham do trabalho, ou mesmo durante ele, se chovia; o novo para usar na vila, fora do trabalho e aos domingos; sem ele não iam à Igreja.

Assim escreveu o Conselheiro Ferreira da Cunha e Sousa, no seu manuscrito, Memórias antigas de Ílhavo".

Seguidamente Rocha Madahil transcreve as notas do reverendo João Vieira Resende, historiador do Concelho de Ílhavo, que diz textualmente:

" - O gabão a que mais tarde se chamou varino ainda aqui continuou a usar-se quando por outras terras há muito tinha sido substituído pelo sobretudo".

Em Aveiro fizeram igualmente a sua época; como reminiscência desse remoto tempo aparecem todos os anos pelo Natal e pelo Ano Novo, por ocasião da "Entrega dos Ramos" - cortejo característico que constitui uma das maiores curiosidades populares da cidade, de grande colorido e de comunicativo entusiasmo bairrista: - levam barrete encarnado os homens dos foguetes, á frente do rancho; uma faixa vermelha também, cinge-lhe à cintura o gabão de burel.

Em tudo aquilo esfusava vida, alegria e tradição".

É de anotar que o investigador António Gomes da Rocha Madahil, Ílhavo ilustre, Conservador do Arquivo e Museu de Arte da Universidade de Coimbra, vogal da Academia Nacional de Belas Artes, Director do Museu Marítimo e Regional de Ílhavo, publicou em 1968 um estudo sobre os

"TRAJOS E COSTUMES POPULARES PORTUGUESES DO SÉCULO XIX" com Litografias de Jaubert, Macphail e Palhares, litografias com datas expressamente declaradas de 1841 a 1842, sendo de 1853 o mais conhecido conjunto da autoria do desenhador Palhares Junior, algumas das quais aqui se reproduzem, bem como as legendas que as acompanham.



ÍLHAVOS PESCADORES DE SARDINHA

Ambas as figuras trajam *manais* e camisa branca. O homem à direita veste *gabão de surrabeço* castanho debruado a azul claro na romeira e no capuz. *Barretes* do mesmo tipo; o do moço, à esquerda, encarnado com rebordo verde; o do homem, castanho escuro com rebordo encarnado.

A camisa do moço, entreaberta, deixa ver um fio ao pescoço, com medalhas e crucifixo. Rede com pesos de barro.

Encailhado na praia, à esquerda, um esquireiro com toldo armado sobre varas.



PESCADORES DE ÍLHAVO

Grupo análogo ao já registado, da 1ª e da 2ª séries Palhares, proposadamente aqui apresentado como exemplificação da insistência editorial em determinados tipos populares de maior agrado público.

Exemplar não colorido.

Barretes compridos, de tipo diferente dos anteriormente exibidos.

Trata-se de "trajos populares, alguns tão pitorescos, tão sugestivos e tão belos... como os dos pescadores de Ílhavo" no dizer de Ramalho Ortigão em "Culto da Arte em Portugal".

ESTUDOS ETNOGRÁFICOS

Coordenados por D. José de Castro

AVEIRO, VI Tomo, Edição do Instituto de Alta Cultura Lisboa, 1943 - 1945.

Na página 336 destes Estudos Etnográficos, acerca de "Parceiros de Ramos" lê-se a propósito do uso do gabão:

"..... revestindo o seguinte traje: camisa branca com gola, gravata preta, casaco e calça pretos (lã) GABÃO NEGRO COM ROMEIRA E CAPUZ (lã) barrete negro com borla na extremidade (lã) faixa também negra em volta da cintura, sapato preto e peuga de lã".



O PARCEIRO DE RAMOS

Na Estampa LVI destes estudos a fig. 3 que aqui se publica, representa — "Um Homem de Gabão" neste caso com a legenda: — "O Parceiro de Ramos".

O uso e o desuso do Gabão de Aveiro estende-se a todo o povo varino desde Ovar até Mira e ainda hoje se ouve falar dele com um toque de profundo saudosismo.

Vamos transcrever da Separata de "O FURADOURO" as palavras sobre o "O TRAJE" da autoria do Dr. Eduardo Lamy Larangeiro:

"Chegado o inverno frio e molhado, o pescador embrulhava-se no gabão do avô, vestimenta farta, com mangas, cabeção largo e respectivo capuz para se defender das inclemências do tempo.

No século passado e ainda nos começos do actual, a moda espalhou o gabão entre as diversas classes da população, independentemente da maior ou menor riqueza de cada um.

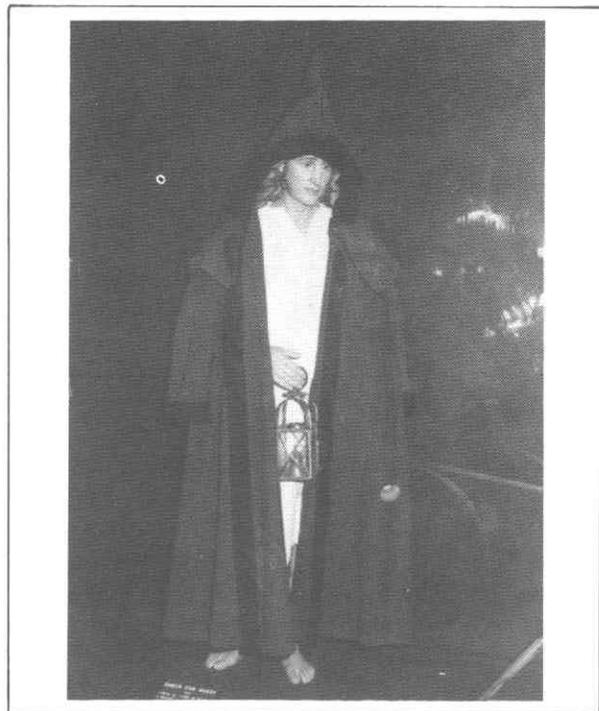
O próprio Eça de Queirós, nos Maias, escreveu que o Eça "meditava a morte de Satanás encolhido no seu "Gabão de Aveiro".

O gabão, semelhante a um hábito fradesco, também conhecido por varino era um casacão de pano forte - estamenha ou burel - de cor acastanhada ou mesmo negra, comprido até aos tornozelos, com mangas muito largas, cabeção curto, e rematado por um capuz em bico. No pescoço e para mais aconchego, o gabão apertava-se por meio de um colchete.

Do mesmo autor encontra-se na Revista "Aveiro e o seu Distrito", nº 15 de 1973, a pág. 8 o artigo "Duas Páginas de História de Ovar" com a seguinte informação:

"No próprio traje, que indubitavelmente sofreu a influência padronizada do tempo presente, ainda se encontram influências, muitíssimo atenuadas, é certo, do que acabamos de afirmar: - o gabão vareiro, o barrete do pescador, e tantos outros trajes já completamente desaparecidos".

A testemunhar o seu uso tradicional no passado, encontra-se exposto numa das salas do Museu de Ovar, um manequim envergando um antigo gabão de surrobeco de cor castanha, com mangas, romeira e capuz em bico, que data de 1825.



1825 - Um gabão com 163 anos!

HOMEM COM GABÃO - 1825 - Museu de Ovar

O manequim está vestido com camisa e manaias brancas de estopa ou linho como era hábito e se lê na legenda que tem a seus pés.

As mangas do gabão parecem estar forradas de preto e encontram-se reviradas nas suas extremidades; a romeira tem dois pespontos no rebordo; o capuz é todo forrado de preto e apresenta-se revirado no bordo; a capa do gabão é igualmente debruada de preto na face interna dos seus dois panos frontais, os quais se podem justapor quando apertados à frente com um colchete de metal para o aconchegar ao pescoço.

De anotar a existência de um bolso aberto obliquamente em cada um dos lados da capa - único exemplar que vi assim até hoje -.

"O GABÃO DE AVEIRO", de Dr. José Pereira Tavares, Reitor do Liceu de José Estêvão.
in "Arquivo do Distrito de Aveiro", vol. XXXIII.



LAVRADOR COM GABÃO
Aguarela de Carlos Alberto Santos - 1986
Exposta no Museu de Ovar

"A circunstância de haver caído em desuso esta muito característica peça da indumentária masculina da região aveirense, ainda no começo deste século do gosto de toda a gente - determinou que nas revistas de costumes locais se registasse e comentasse o facto.

A primeira revista em que entrou o "GABÃO" intitulava-se "Ao Cantar do Galo".

Foi seu autor Mário Fiúza, subiu à cena em 1936 e foi repetida em 1961 por grupos cénicos do Clube dos Galitos.

Eis a fala do "Gabão":

- Quem sou? Sou o "Gabão de Aveiro".

- Este gabão que eu trago - que parece um hábito de frade - já hoje desusado, julgado velharia e ridículo talvez foi moda de alguns séculos, consolo de muitas gerações, teve voga e deixou muitas saudades -.

Era agasalho dos pobres - mesmo a cair aos farrapos - era orgulho dos ricos, talhado em fazenda duradoura. Este gabão aproximava as classes, irmava os homens, adoçava as diferenças sociais!...

Tornou-se vestuário do janota, luxo da terra, cobiça dos estranhos e admiração dos visitantes!

MAS TENHO FÉ QUE, DAS CINZAS DO PASSADO, AINDA UM DIA VOLTARÁ A RENASCER; E ENTÃO O GABÃO DE AVEIRO TORNARÁ A SER O ORGULHO DOS AVEIRENSES!...

Em 1956, também o gabão aparece na revista "Última visita de Pangloss" da autoria do Dr. José Pereira Tavares, representada por alunas e alunos do 7º ano do Liceu de José Estêvão, de que o autor foi ilustre Reitor nos períodos de 1926 a 1931 e de 1940 a 1957.

" Olhe" onde vês tu hoje, por exemplo, um gabão?

Não obstante, era no nosso tempo agasalho vulgaríssimo de pobres e ricos. Tão vulgar que os velhos da nossa mocidade ainda se lembram de ter visto "debaixo dos Arcos" embrulhados neles, José Estêvão, Mendes Leite e outros grandes cá da terra".

"CORREIO DO VOUGA" nº 2597, de 16 de Julho de 1982.

Destacamos as palavras de Eduardo Cerqueira, jornalista aveirense de renome, acerca do "DESAPARECIDO GABÃO DE AVEIRO".

"..... Desapareceram os gabões.

Os gabões ou varinos de Aveiro. Que varino, talvez nem etimologicamente, nada tinha a ver com Ovar.

Era mesmo de Aveiro. Como a Ria na designação global. Varinos de Aveiro. Também assim se denominavam os mais correntes "GABÕES DE AVEIRO".

Tanto serviam, espessos e pesados, de burel ou surrobeco, ou de qualquer tecido mais leve e igualmente acalentador, para agasalhos

eficientíssimos nas madrugadas ou nas densas noites frias....



HOMEM E MULHER DE OVAR

Saia castanho claro, muito curta e rodada.

Camisa branca, de mangas compridas com cabeção, e colete azul escuro com duas idas de 3 grandes botões.

Mantel castanho escuro, posto ao ombro.

Lenço amarelo com barra encarnada e chapeirão com travincas guarnecidas com borlas.

O homem veste manaias e camisa branca, de bofes, colete encarnado e gabão castanho, cingido na cinta. Barrete encarnado.

O grande Eça, reavivando as suas recordações infantis de "filho de Aveiro" quase peixe da Ria encafua num amplo gabão (rodado, amplo e indesvendável) para certamente se furtar a olhares indiscretos comentadores de escandalos badalados por maledicência, o incestuoso Carlos Maia, nas suas visitas à "Toca" (Os Maias", 7ª ed. 1924, vol. II. pág. 154).

O gabão - e eu recorro-me bem e cheio de saudades daquele em que me enrodilhava tantas vezes - não era, pois, apenas um agasalho tão castiço e típico como um moliceiro ou um mercantel.

Era também um denso, impenetrável domínó que anonimizava quem o envergasse com finalidades de disfarce.

E enrolavam-se nos desabafados gabões, circundados por faixas de alacre colorido os "parceiros dos Ramos" nas alturas da quadra natalícia ou nos inícios dos novos anos.

E com a extinção das tão características "entregas" ficou por aí, praticamente, o gabão.

Conheci-os na plenitude da costumeira usança.

Mas parece que lhes sobrevivi. O que melancoliza e todavia não é de todo mau. SE É QUE MESMO NÃO SERÁ POSSÍVEL RESSURGI-LOS ... AOS GABÕES DE AVEIRO:

Nota: É pena que esteja por fazer a história da estadia de Eça de Queirós, em casa de seus avós paternos, em Verdemilho.

Eduardo Cerqueira, saudoso jornalista aveirense
Boletim Municipal de Aveiro, nº 1 — Março de 1983

"Os gabões de Aveiro, uso perdido - apesar de uma, mais ou menos vã, ainda que louvável, tentativa de ressurgimento - relegaram-se à evocação de passada indumentária característica.

Tão ao sabor de Aveiro como as embarcações da Ria, haviam irradiado como agasalho e vestimenta, ou envoltório para disfarce ou ocultação previdente de divagações furtivas, maus passos, ou aventuras que exigiam capas não translúcidas. Em certas circunstâncias de sigilo conveniente às boas reputações, cada um, com o gabão, se poderia furtar a olhares indiscretos e a línguas malévolas, badaladoras de novidadezinha comprometedora.

Eça de Queirós - esse imorredouro "pobre homem da Póvoa do Varzim" que, no fundo e até final, ficaria um "filho de Aveiro, quasi peixe da Ria" - lembra-os nesta função acobertadura de passos a que não convém as testemunhas mais ou menos incontinentes e linguareiras. E, também, no seu espesso pano de surrobeco, ou mais graduada fazenda, as reminiscências da meninice, passada em Verdemilho ou na cidade, a dois passos da igreja paroquial de Nossa Senhora da Apresentação, na mais específica função agasalhadora.

Já algures apontei nestes preciosos termos,

mencionando as referências do grande escritor a Aveiro: ... "o gabão, agasalho então em voga por todo o país, dentro do qual se encolhia o "famoso Craveiro" enquanto congeminava a "Morte de Satanaz" e que o próprio Carlos Maia, elegante e rico, não desdenhava de encafuar nas suas visitas à "Toca", para mais fácil dissimulação".

Na quadra dos "Ramos", nas noites gaudiosas, aparece ainda hoje, em esporádicas exumações - que o costume exige-o, como à opa da manhã.

Com efeito, no início do ano, como na derradeira semana do precedente, a cerimónia festiva do calendário tradicional subsiste ainda - e cremos que por longos anos ainda - na "Entrega dos Ramos".

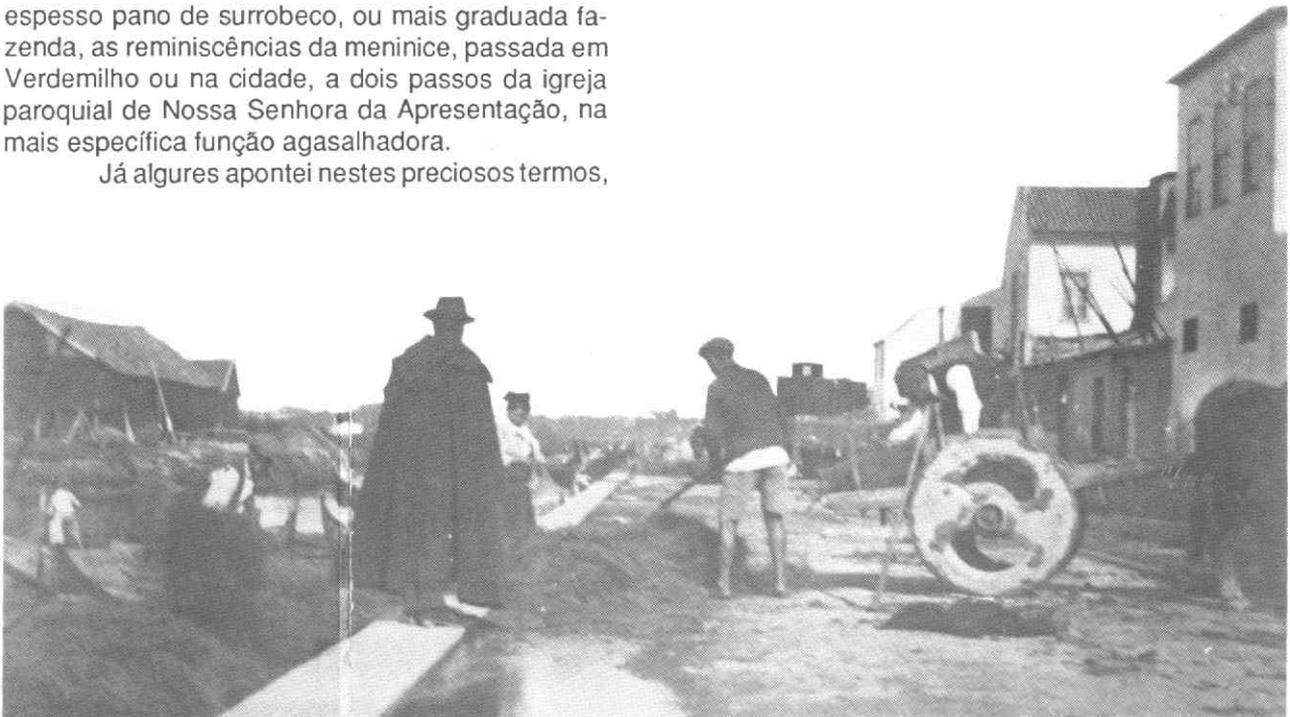
AVEIRO ANTIGO, edição da C.M.A. - 1985

Encontramos nesta publicação um repositório de fotografias antigas da cidade, de trajos e de costumes dos seus habitantes, da autoria de António Graça, nascido na antiga Rua da Sé no ano de 1903, meu vizinho e companheiro dos tempos antigos.

Assim na pág. 29 vem publicada uma fotografia, com a legenda "Descarga de junco no canal de S. Roque", uma das muitas malhadas da Ria de Aveiro.

Do conjunto faz parte um homem "envergando o gabão de Aveiro" como o diz a própria legenda.

Gabão bastante amplo, descendo até aos tornozelos, de cor negra (segundo parece) reconhe-



Descarga de junco na "malhada" do Canal de S. Roque.

cendo-se perfeitamente uma farta romeira e um capuz em bico.

Anotar o uso de chancas ou tamancos - calçado com solas de madeira (lodão, nogueira ou amieiro).

Do grupo faz parte como figura central o PARCEIRO DOS RAMOS que segundo os costumes veste o tradicional gabão de Aveiro de burel ou de pano negro, enfaixado por uma cinta e usando barrete, cuja ponta com borla descai sobre o lado



Na mesma publicação e a pág. 87, vem publicada uma fotografia com a legenda: "Trajes regionais" representando um grupo de personagens (três homens e três mulheres) que bem poderia designar-se por "intervenientes na cerimónia da Entrega dos Ramos", que assim se podem descrever:

- Dois mordomos dos Ramos da Confraria do S. S. Sacramento da freguesia da Glória e da Confraria do Senhor Bendito da freguesia da Vera-Cruz, acompanhados de três tricanas de Aveiro e do Parceiro dos Ramos.

Os mordomos dos Ramos vestem camisa e iaço branco, fato e sapatos pretos, luvas brancas e opa de seda escarlate, aconchegada à volta do pescoço por um cordão terminado por uma vistosa borla com franja de fios de ouro pendente sobre o peito. Seguram na mão esquerda o característico Ramo da Entrega e na mão direita a vara do Juiz da Irmandade (Confraria).

Estão acompanhados lado a lado por uma tricana de Aveiro, que pensamos serem suas esposas trajando à época e uma tricana de Aveiro trajando à antiga.

direito da cabeça.

Na mão esquerda segura um molho de foguetes, destinados a serem atirados à porta do parceiro, à noite, durante a Arruada, ao som da Banda de música.

AVEIRO E O SEU DISTRITO

Publicação semestral da Assembleia Distrital de Aveiro

Também nesta revista, no seu nº 31 do ano de 1983, num artigo assinado pelo Dr. Amaro Neves "Cem Anos de Artes Plásticas" é publicada a fotografia de um quadro do artista plástico aveirense Lauro Corado, pertencente à colecção da C.M.A., representando dois Mordomos dos Ramos e o Parceiro. Este veste o Gabão de Aveiro, enfaixado, transportando aconchegado ao peito um molho de foguetes.

É acompanhado por um rapazito que segura e sopra a "mecha" de atirar os foguetes.

Tem por fundo o Cais dos Botirões e a cúpula da Capela de S. Gonçálinho.



"PARA A IMAGEM ANTIGA DE AVEIRO O POSTAL ILUSTRADO"

Catálogo da Exposição de Março de 1984. Ed. da ADERAV

CAPA: A reprodução de um postal ilustrado, com a legenda: "Aveiro - Chafariz do Espírito Santo", que actualmente é conhecido por "Fonte das Cinco Bicas".

Observa-se no bilhete postal em questão, que no rebordo do chafariz se encontra sentado um homem de barrete, cuja ponta está ligeiramente descaída para a frente e para o lado direito de harmonia com os hábitos e costumes da época (o postal tem a data de 31-1-909), e usando uma vestimenta que não será difícil considerar como o gabão, dado o comprimento.



Na pág. 12 do documentário "O POSTAL ILUSTRADO", vem publicada a reprodução de um postal representando "Aveiro - Rocio e ponte da Dobadoura" com a indicação de se tratar do Canal Central, cerca do ano de 1928.

A fotografia foi tirada da Ponte dos Arcos alcançando a Ponte da Dobadoura, com a imagem



Canal Central • Cais da Ribeira e do Alboi à esquerda; Rua de João Mendonça à direita; ao fundo Largo do Rossio.

do Canal Central, dos Cais da Ribeira e do Alboi à esquerda, da Rua de João Mendonça à direita, avistando-se ao fundo o Largo do Rossio.

No primeiro plano caminhando de frente dois homens, dos quais o que toma a direita vem vestido com o gabão de Aveiro, no qual se reconhecem perfeitamente as mangas e se adivinha a romeira.

No quarto plano, caminham de costas três homens, dos quais o do meio enverga também um gabão, no qual se notam as mangas e se vislumbra a romeira.

"O USO DO GABÃO DE AVEIRO, NA ACTUALIDADE"

"A CONFRARIA DOS ENÓFILOS DA BAIRRADA"

Foi no cartório de Anadia que em 11 de Junho de 1979, se lavrou a escritura notarial que

oficializou os Estatutos dos Enófilos, tendo sido constituída a "Confraria dos Enófilos da Bairrada".

É da autoria de um dos seus Fundadores um trabalho publicado em Dezembro de 1981: "O GABÃO" - Algumas notas, em edição da própria Confraria de onde transcrevemos as seguintes palavras:

- "O gabão, ou varino como também era conhecido, trajo tradicional na Bairrada até ao final da década de vinte, desapareceu completamente.

Nos anos trinta, já não era vulgar encontrá-lo, embora à noite, ainda aparecesse um ou outro "encapotado".

Entendeu a Confraria dos Enófilos da Bairrada recuperar o Gabão e ADOPTÁ-LO PARA SEU TRAJO OFICIAL. De cerimónia, lhe poderíamos até chamar, pois, se o gabão de encorpado surrobeco castanho era usado dia a dia, mesmo em certos trabalhos de inverno se chovia ou se a temperatura



Cerimónia de Investidura
Sua Excelência o Senhor Presidente da República, Dr. Mário Soares, trajando o protocolar "Gabão de Aveiro" foi solenemente investido na Confraria dos Enófilos da Bairrada, no Salão Nobre do Palace do Buçaco.
26 de Novembro de 1988.



Confraria dos Enófilos da Bairrada
Reunião do Capítulo
Palácio do Buçaco

era de gelo, como por vezes acontecia durante as podas da vinha, o gabão preto, de boa fazenda de lã, era usado apenas nos dias domingueiros, nas festas ou para ir à missa".

Luís Costa, viticultor bairradino e Membro Fundador da Confraria dos Enófilos da Bairrada, apresenta no Boletim nº 16, de Maio de 1986 da ADERAV um artigo com o título "A Confraria dos Enófilos da Bairrada - um pouco da sua história" - em que se publica uma fotografia da cerimónia de "Investidura" de novos Enófilos, onde todos os Confrades se apresentam envergando o seu traço oficial, o tradicional gabão de Aveiro muito usado na Bairrada.

TESTEMUNHOS, VIVÔS

Foi visto por mim, quase diariamente a ser exibido no Rossio de Lisboa, no então passeio dos Cafés, por um elegante senhor que diziam ser Pintor e Professor da Escola Superior de Belas Artes: - gabão preto, de boa fazenda de lã acetinada, de corte impecável (dir-se-ia feito pelo alfaiate-artístico aveirense Aurélio) cingido à cintura por uma corda de esparto, cânhamo ou cisal.

Isto num dos anos de 1930 a 1936.

Durante a década de trinta, era vulgar ser usado nas escarpeladas da Bairrada pelos "encapotados" conforme o atesta o bairradino Luís Ferreira da Costa, de S. João d'Azenha.

Também na mesma época era usado pelo Dr. Alberto Vidal, de Salreu, quando ia leccionar as suas aulas ao Colégio de Estarreja. Assim o declara o estarrejense Fausto de Matos Melo Ferreira, que frequentou o Colégio.

É visto anualmente no Palace Hotel do Buçaco, onde se realiza o "Capítulo" da Confraria dos Enófilos da Bairrada envergado e usado como traje de cerimónia pelos Confrades.

Saiu à rua no dia 2 de Janeiro de 1987, pelas 21,30 horas, quando da "Arruada" comemorativa dos 450 anos da Confraria do S. S. Sacramento da freguesia da Glória, de Aveiro.

Foi apresentado no mesmo ano, em pintura alusiva à festa da "Entrega dos Ramos": num prato de porcelana comemorativo da mesma data.

Tendo por fundo as marinhas de sal e a silhueta de um barco moliceiro, e também a actual Sé Catedral (antiga Igreja de S. Domingos, Matriz da freguesia) bem como o Cruzeiro Gótico-Manuelino

do séc. XV, a pintura, além do Mordomo dos Ramos, apresenta o Parceiro com o seu gabão de surrobeco, cor castanha, cingido à cinta por uma faixa vermelha e com barrete verde debruado a vermelho.



Prato Comemorativo dos 450 anos da Confraria do S. S. Sacramento da freguesia da Glória.
Desenho de: Jeremias Bandarra - "Quinta Nova".

Desde 1983 que na época das colheitas o Director da Secção Cultural e da LAAC - Liga dos Amigos de Aguada de Cima - Dr. Serafim Alexandre, organiza nas Eiras de Miragaia a reconstituição de uma noite de "escarpelada" onde aparecem muitos "encapotados" nos tradicionais gabões de Aveiro.

A última "escarpelada" realizou-se na noite de sábado, dia 1 de Outubro de 1988, tendo aparecido "encapotados" muitos e qualificados "senhores" do concelho de Águeda.

Foi para nós muito grato termos assistido durante o ano corrente, primeiro no Palace Hotel do Buçaco (em Janeiro) e depois no Palace Hotel da Curia (em Abril) à exibição da "Cantata e Tocata do Grupo Etnográfico e de Defesa do Património e Ambiente da Região da Pampilhosa - GEDEPA - Cantares da Zona Serrana do Buçaco" em que o Arqueólogo Machado Lopes, que dirigia e integrava o conjunto, se apresentava envergando o gabão de Aveiro que foi de uso vulgar na região da Pampilhosa do Botão e na Serra do Buçaco, como de resto em toda a região Bairradina, conforme nos afirmou.

Na Praia de Mira:

Luís Lila, 76 anos. Velho e experimentado pescador da arte da xávega

.....?

Sim, os gabões!...

Aqui foram muito usados por todos nós até 1930.

Noite de "escarpelada" nas Eiras de Miragaia. Director da Secção Cultural da LAAC - Liga dos Amigos de Aguada de Cima.

Fotografia de J. Castro Madeira



biblioteca

Cantata e Tocata do Grupo Etnográfico da Pampilhosa (Bairrada).

Fotografia do Eng. António Raposo



Uns castanhos de surrobeco ou estamenha;
outros pretos.
Serviam sobretudo nos dias de frio ou chuva.

Iam connosco para o mar.
À noite... sempre...

Ainda me lembro que no ano em que casei
- 1936 - alguns de nós ainda os vestíamos já velhinhos e rotos.

... ..
Ainda tenho saudades!...

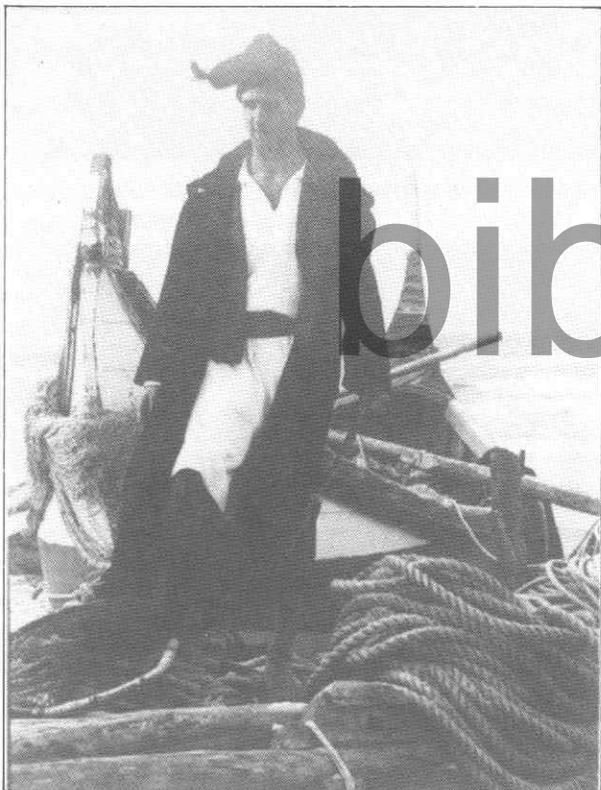
Testemunha e conta João Evangelista de Campos, um "Aveiro" nascido na Rua do Espírito Santo, que:

"Certa vez o Zé Fiúza saiu do estabelecimento do seu Pai, na Praça 14 de Julho, de gabão; levava debaixo deste um objecto que ao guarda de serviço nos Arcos lhe pareceu serem foguetes....."

e também que:

"Os *chincheiros* tinham uma vida penosa, pelo que poucos homens a desejavam, visto que, muitas vezes, estando a descansar nas suas camas, ao chamamento do arrais tinham de se levantar e, de gabão amarrado com uma corda, ir para a água, acontecendo, muitas vezes, terem de por lá ficar toda a noite".

em "ACHEGAS PARA A HISTORIOGRAFIA AVEIRENSE"
ed. da C.M.A. 1988



O PESCADOR E O GABÃO. A ARTE DA XÁVEGA E O MAR
Rancho Regional da Casa do Povo de Ílhavo.

"O GABÃO DE AVEIRO"

Museu Marítimo e Regional de Ílhavo, fundado em 1937 pelo erudito Ilhavense António Gomes da Rocha Madahil

Secção de Etnografia Piscatória e Náutica

Além das fotografias de Quadros e Porcelanas da Vista-Alegre que apresentamos, foi-nos mostrado um antigo "gabão de Aveiro" negro, de fazenda de lã com os mangas, romeiras, capuz e orla debruada com fita preta.

"OS GABÕES DE AVEIRO" NOS QUADROS EXPOSTOS NO MUSEU MARÍTIMO DE ÍLHAVO.

"AVEIROS"

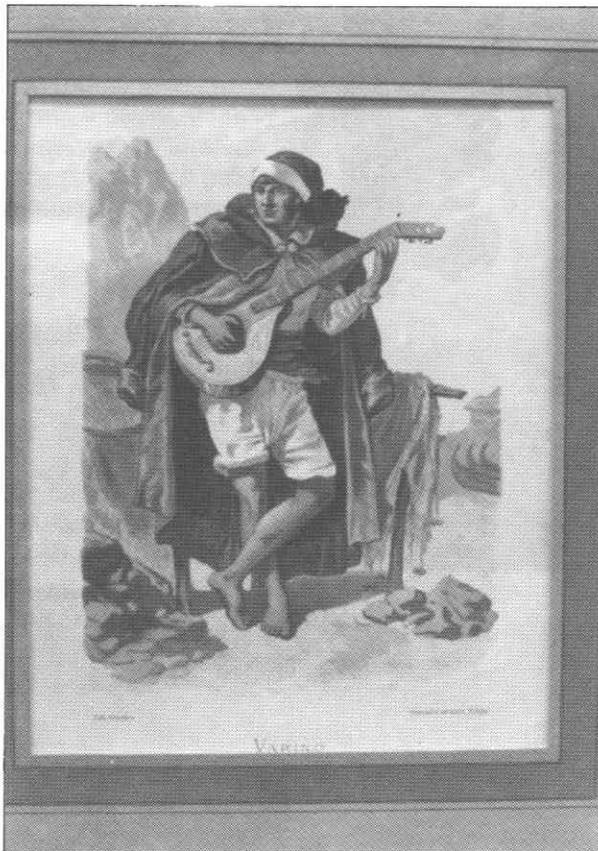
Séc. XVIII

VARINO: - trajando o gabão castanho de surrobeco, debruado a vermelho na orla, nas mangas, cabeção e capuz; está cintado com uma corda. 6



Fotografia de Luís Costa

PEIXEIRA: - traja uma capa de cor azul do mar, com gola cor de camarão; lenço da cabeça amarelo com um gracioso chapeirão por vezes preso com travincas e muito característico das mulheres da costa marítima.



"OS GABÕES DE AVEIRO" NAS PORCELANAS DA VISTA ALEGRE EXPOSTAS NO MUSEU MARÍTIMO DE ÍLHAVO.

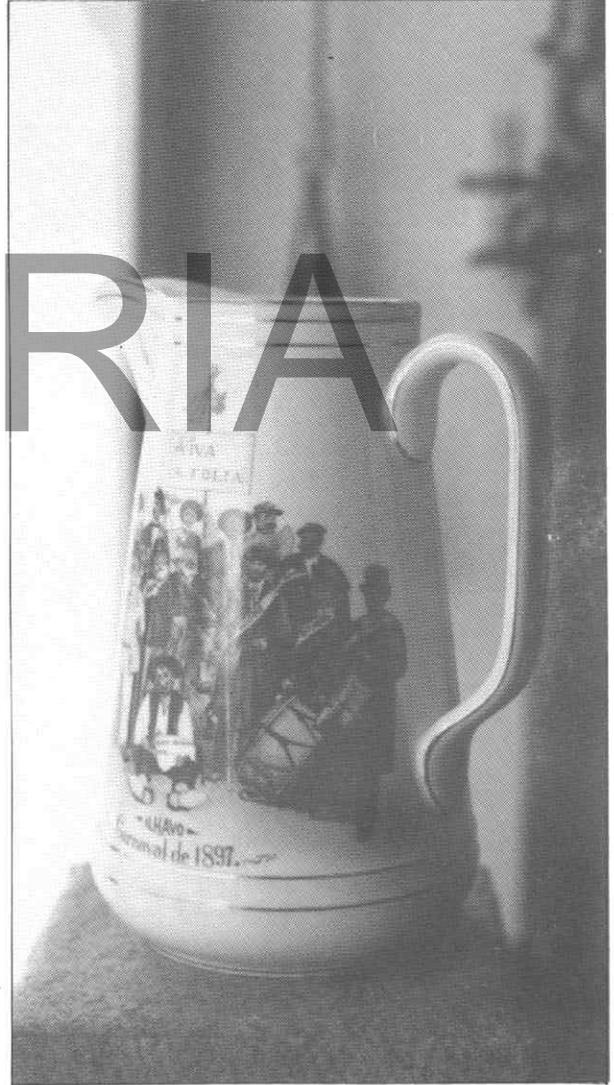
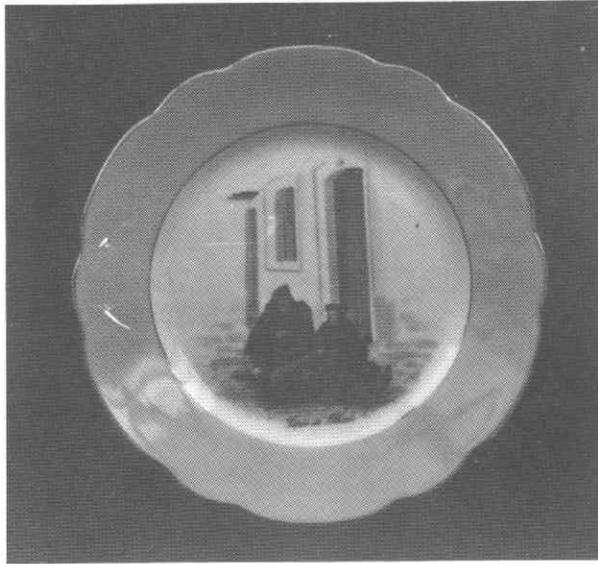
"ILHOS OU ÍLHAVOS"

Cena caraterística das gentes da vizinha Vila Maruja, que uns dizem ter sido colónia grega e outros afirmam ter tido origem numa feitoria fenícia.

Lembremos que Almeida Garrett se refere aos Ilhos dizendo que vestiam "o amplo saiote grego dos varinos"...

Pensemos na singular beleza das mulheres de Ílhavo, na sua tez morena, na forma e brilho dos seus olhos fenícios.





biblioteca

Fotografías de Luis Costa

A POESIA E O GABÃO DE AVEIRO

O frio, a chuva, as neblinas matinais, as nortadas à beira-mar, a "Entrega dos Ramos", as Arruadas, fazem lembrar o gabão!
Depois... nas almas nasce a poesia.

VIAGENS NA MINHA TERRA
("... jornadas que eu fazia ao velho Douro")

E o carro ia aos solavancos.
Os passageiros, todos brancos,
Ressonavam nos seus GABÕES:
E eu ia alerta, olhando a estrada,
Que em certo sítio, na **Trovoada**,
Costumavam sair ladrões.

Paris, 1892

Do livro "SÓ" de António Nobre
Edição da Livraria Tavares Martins, 1950
Comemorativa do Cinquentenário da morte do Poeta

Ah! a divina ilusão!
O antecipado deleite!
Embuçado no gabão,
Ir-me à nossa reunião
De noite - em casa do Leite!

1896

Cons. Luís de Magalhães (1859-1935)
A.D.A. 1942 - vol. VIII, pág. 297

O GABÃO DE AVEIRO

Eu fui o gabão de Aveiro,
que há muito larguei a palma
Agora, já não existo:
rezem-me todos por alma.

Fui alguém, prestei serviços;
a todos agasalhei;
tive aqui o meu reinado,
'té que em nada me tornei.

Só estou no pensamento
dos saudosos do passado;
fui esquecido de todos;
raras vezes sou lembrado.

José Pereira Tavares
Reitor do Liceu de Aveiro

Récita de despedida dos alunos do 7º ano do Liceu Nacional de Aveiro em Abril de 1956, "A última visita de Pangloss".
Separata do Arquivo do Distrito de Aveiro, vol. XXXVIII, e Aveiro e o seu Distrito, nº 19 - 1975, pág. 74.

O MEU VARINO

Gabão, varino de Aveiro,
quase sexagenário,
tem sido meu companheiro,
com vigor extraordinário;

Estaria como novo,
se não surgisse a desgraça,
o descuido, que reprovou,
de defendê-lo da traça;

O alfaiate Gafanha,
autor do risco e do corte,
deu-lhe rijeza tamanha
que tarde verá a morte;

Acalenta tronco e pernas,
é completo agasalho;
tem o ar das coisas eternas,
no Inverno de ele me valho;

Protege cabeça e rosto,
a ser cantado tem jus,
a ser em relevo posto,
seu altaneiro capuz.

Que boa fazenda aquela,
já se não vê no mercado!
Não entrava a chuva nela,
nem o vento mais danado!

Ficou por onze mil réis,
nos tempos que já lá vão,
em que eram outras as leis,
o meu valente gabão.

"Precisa o senhor Roberto",
disse o Director, com tino,
para meu Pai, e deu certo,
"de abrigar-se num varino".

Ele deu esta sentença
justa e mui sensatamente,
porque de séria doença
me achava convalescente.

Agora está interdito
vir à rua em tal farpela,
pois o automóvel maldito
quer pressa, tudo atropela.

Mas em casa, no sossego,
que não tem tal desatino,
me agasalho, me aconchego,
me envolvo no meu varino.

Gabão, varino de Aveiro,
é traje tradicional
e português verdadeiro,
mas do antigo Portugal.

Meu gabão dos tempos idos,
dos tempos de colegial,
estamos envelhecidos,
fora da moda, afinal!

Porto, Maio de 1963

ROBERTO MACEDO

Nota da Redacção — A presente poesia foi publicada no nº 3320, de 29 de Setembro de 1963, do semanário *Semana Tirsense*, que se publica na linda vila de Santo Tirso. Com a devida vénia dele transcrevemos esta poesia que se refere a um antigo e típico traje de Aveiro, hoje quase completamente desaparecido, chamado *gabão ou varino*.

O autor desta poesia é o Dr. ROBERTO EDUARDO DA COSTA MACEDO, juiz de Direito aposentado, natural de Santo Tirso, que foi aluno do Liceu de Aveiro nos anos escolares de 1900 a 1905, durante os quais fez todo o curso geral dos Liceus.

Estava internado no *Colégio Aveirense*, de que era director o Padre João Ferreira Leitão, mas frequentava as aulas do Liceu.

Seu pai, advogado em Santo Tirso, matriculou-o no Liceu de Aveiro em 1900 porque a peste bubónica tinha grassado no Porto no ano anterior, e ainda havia receios desta grave doença.

Refere-se o Dr. ROBERTO MACEDO ao gabão que adquiriu em Aveiro, porque adoeceu durante o seu quinto ano do Liceu, e para se agasalhar na convalescência, o cuidadoso Director do Colégio Aveirense mandou dizer ao pai do estudante:

"Precisa o sr. Roberto de abrigar-se num varino"

Feito o gabão, este produziu os efeitos desejados, e ficou companheiro do Dr. ROBERTO MACEDO até hoje, lembrando-lhe a todo o momento os tempos que passou na cidade de Aveiro e que talvez evoque ainda com saudade.

(Arquivo do Dist. de Aveiro - 1963 - Vol. XXIX - Pág. 270)

ENTREGA DE RAMOS

Alturas de Natal. Véspera de Entrega.
Céu escuro, pintalgado de luzes.
Frio de inverno, chegado há dias.
São oito horas precisas. Na porta,
Soam as pancadas esperadas.
Alvorço, o PARCEIRO sobe a escada.
A mesa posta. Ceia da praxe.

PARCEIROS, AMIGOS e CONHECIDOS,
de GABÃO, com cinta vermelha e
barrete verde, lançam dúzias
de foguetes, atizados pelo rapazio.

Amadeu de Sousa
Boletim Municipal de Aveiro
Ano IV - 1986 - nº 8

GABÃO DE AVEIRO

Ao Dr. Santos Oliveiros

talvez pela nortada agreste
gerada no ventre da corola boreal,
rasgando a cerviz
das ondas árticas e atlânticas,
que aqui, como mensagem,
alegremente se alardeia;
talvez pelo sopro errante e gélido
dos lapões encapuchados
ao sol da meia-noite,
em busca curvilínea
de outra terra e outro mar,
de velas sem força de asa;
talvez pela frescura sentida
no rosto das gentes escaldantes
do Sara,
que galgando o estreito,
se aquietaram
aos ares purificados de salgado,
- O gabão nasceu,
agasalhou e ornou o homem.

Capote, cabeção e capuz.
Negro e castanho.
Faixa escarlate.
Rico e pobre.
Festivo e profano,
dos trajes de Aveiro,
o Gabão é decano.

Amadeu de Sousa

Dezembro de 1988.

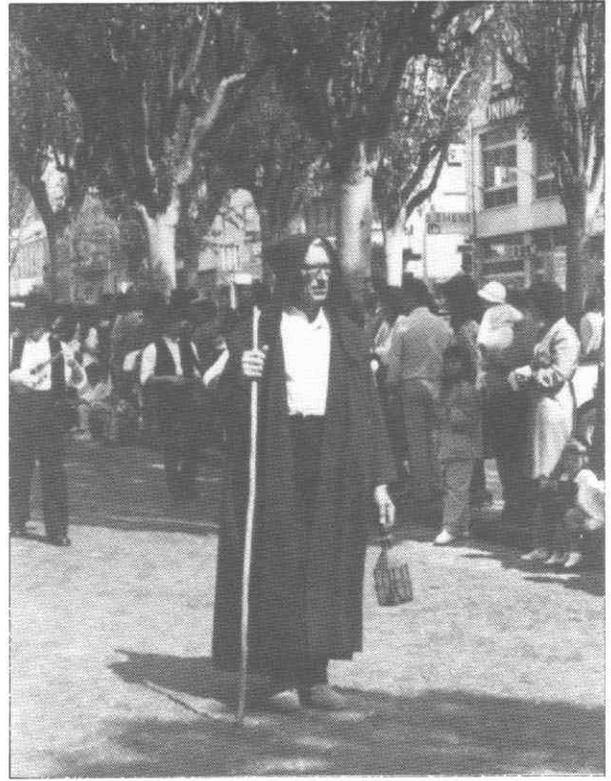
A IMAGEM E O GABÃO DE AVEIRO



ENTREGA DO RAMO — Jeremias Bandarra
Nascido em Aveiro em 1936. Membro Fundador do
Movimento Artístico Aveiro/Arte.
Boletim Municipal de Aveiro - Ano IV - 1986 - nº 8,
pág. 53.



O homem da beira-mar, o varino, com o seu gabão de surrobeco, enfaixado; o seu barrete verde debruado de vermelho.



GABÃO DE AVEIRO - "...estou no pensamento dos saudosos do passado"

Fotografias de Fausto Ferreira

bibRIA



ESTABELECIMENTO

DE

Fazendas de lã, seda e algodão, nacionais e estrangeiras.

DE

Joaquim Dias Abrantes

7 - RUA DE MENDES LEITE - 11.

AVEIRO

Este estabelecimento tem sempre um grande sortido de fazendas de lã, seda e algodão, as quaes, tanto em qualidade como em preço, satisfazem, sem competencia, a todas as classes.

Grande sortido e alta novidade em

CHALES

ESTA CASA É A FORNECEDORA

DO

GABÃO ELEGANTE

DE

AVEIRO

Anúncio publicado no
Almanak Aveirense BEIRA MAR de 1898.

NOTAS SOLTAS: Figuração do Gabão de Aveiro

- Os Ramos, coi. da C.M.A.
- Caldeirada - 1934 - Museu Regional de Aveiro
 - Da autoria de Lauro Corado, nascido em Aveiro em 1908
 - Pintor de figuras populares da região aveirense.
- O Homem de Gabão (estatueta), Col. Dr. Moreira Lopes (Aveiro)
 - Da autoria de Zé Augusto, nascido em Aveiro em 1930
 - Barrista de nível da boa tradição aveirense
- Aquarela com o Gabão de Aveiro, col. de D. Fernanda Lapa (Aveiro)
 - Da autoria de Alberto Sousa, aquarelista sensível
- O Homem do Gabão, Edição da Comissão Municipal de Turismo
 - Da autoria de Zé Penicheiro, aquarelista, caricaturista e ilustrador
- Azulejo com Mordomo e Parceiro dos Ramos, col. de António Graça (Aveiro)
 - Autor desconhecido.

APONTAMENTO ETIMOLÓGICO:

GABÃO, s. Do It. GABBANO, este do ar. GABĀ (do pers. QĀBĀ) túnica de mangas longas (XVI - XV séc.), cfr. o lat. medioev. CABANUS, GABANUS, o fr. CABAN, GABAN, o spagn. GABEN. A palavra é hoje antiga, mas usada como arcaísmo (D. Annunzio) e no dialecto, cfr. trent. VOLTA GABBANA, D.E.I. substantivo verbal séc. XVI: "... se sabe bem cortar e fazer hu pelote... e gizar bem hu GABÃO sangrado de toda fralda...". **Livro dos Regimentos dos Oficiais Mecânicos** (2 572), p. 242, ed. de 1926.

D.E.I., Dicionário Etimológico Italiano

Em Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa de José Pedro Machado
Livros Horizonte, 3ª Edição 1977 - 3º Volume

ANOTAÇÃO - Se o gabão é uma túnica de mangas longas do séc. XV e XVI, o tradicional GABÃO DE AVEIRO é essa mesma túnica de mangas longas e tendo como complemento um cabeção recortado ou uma romeira e um capuz em bico.

É muitas vezes debruado na orla, no rebordo do capuz e no cabeção ou na romeira a preto, a azul ou a encarnado.

o autor

AGRADECIMENTOS

Assinalo aqui a minha gratidão a todos quantos me prestaram a sua colaboração na feitura deste trabalho, nomeadamente a minha mulher Albertina Valentim Oliveiros e aos meus Amigos Luís Ferreira da Costa e Fausto de Matos Melo Ferreira.

BIBLIOGRAFIA:

- AVEIRO, Notas Históricas - João Gonçalves Gaspar
Ed. da C.M.A. 1933
- OS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES,
Jaime Cortesão.
Editora Arcadia. Nº 1066, autografado
- HISTÓRIA DOS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES,
Damião Peres
Portugalense Editora - Porto 1943
- ALGUNS ASPECTOS DO TRAJO POPULAR DA BEIRA LITORAL, Rocha Madahil. 1941
- VIAGENS NA MINHA TERRA, Almeida Garrett
Ed. Verbo 1983
- TRAJOS E COSTUMES POPULARES PORTUGUESES NO SÉCULO XIX, Rocha Madahil, coordenados por D. José de Castro
- ESTUDOS ETNOGRÁFICOS,
Edição do Instituto de Alta Cultura, (1943-1945)
- SEPARATA de "O FURADOURO":
"O TRAJE" por Dr. Eduardo Lamy Laranjeiro
O GABÃO. Algumas notas. 1981 por Luís Ferreira da Costa
Ed. da Confraria dos Enófilos da Bairrada
- ADERAV. Boletim nº 16 - Maio 1987:
A CONFRARIA DOS ENÓFILOS DA BAIRRADA,
Um pouco da sua história, por Luís Costa
- ADERAV. PARA A IMAGEM ANTIGA DE AVEIRO. - O POSTAL ILUSTRADO - Catálogo de Exposição 10-24 de Março de 1984
AVEIRO ANTIGO. Fotografias de António Graça
Ed. da C.M.A. 1985
- CORREIO DO VOUGA nº 2597 de 16 de Junho de 1982:
"O desaparecido gabão de Aveiro" de Eduardo Cerqueira
- FOLHETO COMEMORATIVO DOS 450 ANOS DA CONFRARIA DO S. S. SACRAMENTO DA FREGUESIA DA GLÓRIA: 1437-1987
- AVEIRO E O SEU DISTRITO: nº 15, 21, 30, 31 e 33
- Nº 15 - 1973
DUAS PÁGINAS DE HISTÓRIA DE OVAR, por Dr. Eduardo Lamy Laranjeiro
- Nº 21 - 1976
CONCELHO DE AVEIRO - NOTAS DE ETNOGRAFIA E FOLCLORE, por J. Vieira
- Nº 30 - 1982
A MÃO DO HOMEM NA PAISAGEM, por Frederico de Moura
- Nº 31 - 1983
CEM ANOS DE ARTES PLÁSTICAS - por Amaro Neves
- Nº 33 - 1984
A VILA MARUJA, por Dr. Amadeu Eurípedes Cachim
- POSTAIS ILUSTRADOS:
Edição da Comissão Municipal de Turismo de Aveiro:
"O HOMEM DO GABÃO" zé penicheiro
"REGATA DE MOLICEIROS" (Festa da Ria)
- Edição do Museu de Ovar:
"HOMEM E MULHER DE OVAR"
"PESCADOR COM VARINO"
"OVAR - HOMEM DE GABÃO"
Reprodução da aquarela de
Alfredo Moraes
- Boletim Municipal de Aveiro, nº 1 e nº 8
Nº 1 - 1983
Os gabões de Aveiro, por Eduardo Cerqueira
Salão Cultural - Catálogo
- Nº 8 - Ano IV - 1986
Entrega de Ramos, Amadeu de Sousa
Entrega do Ramo. Ilustração de Jeremias Bandarra

Edições da Câmara Municipal

1. — LIVROS E OPÚSCULOS

AVEIRO, BERÇO DA LIBERDADE, A REVOLUÇÃO DE 16 DE MAIO DE 1828 — Marques Gomes - Ed. 1928.

AVEIRO, ROTEIRO DA CIDADE — Comissão Municipal de Turismo - Ed. 1945.

DIVAGAÇÕES DE UM TERCEIRO — Jaime de Magalhães Lima - Ed. 1957.

DISCURSO DO PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DR. ALBERTO SOUTO NO ACTO SOLENE DA SUA POSSE EM 11 DE MAIO DE 1957 - Ed. 1957.

EFEMÉRIDES AVEIRENSES VOL. I — António Cristo - Ed. 1959.

COLECTÂNEA DE DOCUMENTOS HISTÓRICOS. VOL. I — Rocha Madaíl - Ed. 1959.

JOSÉ ESTÊVÃO - ESTUDO E COLECTÂNEA — Comissão do Centenário de José Estêvão - Ed. 1962.

O MEU DIÁRIO DE VIAGEM — D. João Evangelista de Lima Vidal - Ed. 1957.

COLECTÂNEA DE DOCUMENTOS HISTÓRICOS. VOL. II — Rocha Madaíl - Ed. 1968.

LIVRO DE ACORDOS DA CÂMARA DE AVEIRO DE 1580 — Francisco Ferreira Neves - Ed. 1971.

MOLICEIROS — Diamantino Dias - Ed. 1971.

AVEIRO E A SUA REGIÃO — Fernando Rebelo / Ângelo Quaresma - Ed. 1979.

A FREGUESIA DE SÃO BERNARDO — João Gonçalves Gaspar - Ed. 1980.

A PRINCESA SANTA JOANA E A SUA ÉPOCA. 1452-1490 — João Gonçalves Gaspar - 1ª Ed. 1981; 2ª Ed. 1988.

ROTEIRO DE AVEIRO — Comissão Municipal de Turismo - Ed. 1983.

JOSÉ ESTÊVÃO - DISCURSOS PARLAMENTARES. Ed. 1983 (reimpressão fac-similada da 1ª edição).

AVEIRO. NOTAS HISTÓRICAS — João Gonçalves Gaspar - Ed. 1983.

CÁCIA E O BAIXO VOUGA - APONTAMENTOS HISTÓRICOS E ETNOGRÁFICOS — Bartolomeu Conde (Coordenador) - Ed. 1984.

AVEIRO ANTIGO. CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO DE ANTÓNIO GRAÇA — Ed. 1985.

INSTAURAÇÃO DA REPÚBLICA. COMEMORAÇÃO DOS 75 ANOS. IMAGENS DA ÉPOCA — Coordenação de Custódio Ramos, Emanuel Cunha e Manuel Rodrigues - Ed. 1985.

CALENDÁRIO HISTÓRICO DE AVEIRO — António Cristo e João a Gonçalves Gaspar - Ed. 1986.

ORIGENS DA RIA DE AVEIRO — Orlando de Oliveira - Ed. 1988.

ACHEGAS PARA A HISTORIOGRAFIA AVEIRENSE — João Evangelista de Campos - Ed. 1988.

BOLETIM MUNICIPAL DE AVEIRO - nº 1 - Março de 1983; nº 2 - Outubro de 1983; nº 3 - Abril de 1984; nº 4 - Outubro de 1984; nº 5 - Março de 1985; nº 6 - Dezembro de 1985; nº 7 - Junho de 1986; nº 8 - Dezembro de 1986; nº 9 - Junho de 1987; nº 10 - Dezembro de 1987; nº 11 - Junho de 1988; nº 12 - Dezembro de 1988.

INFORMATIVO - Publicação Mensal

2. — CERÂMICA

ESTATUÉTA DE SANTA JOANA — Escultor: Jorge José de Figueiredo; Material: "Biscuit"; Oficina: Fábrica da Vista Alegre; Tiragem: 100 ex. numerados (Série limitada); Ano 1983.

ESTATUETA DE SANTA JOANA — Escultora: D. Maria Graciosa Mendes de Carvalho; Material: Barro vermelho; Oficina: José Augusto; Ano: 1983.

BUSTO DA REPÚBLICA — Escultor e Oficina: José Augusto; Material: Barro vermelho; Ano: 1985

3. — NUMISMÁTICA

MEDALHA COMEMORATIVA DO 225º ANIVERSÁRIO DA ELEVÇÃO DE AVEIRO A CIDADE — Desenho: José Augusto; Diâmetro: 8,9 cm; Material: Bronze; Tiragem: 500 ex. Ano: 1984.

MEDALHA COMEMORATIVA DO 550º ANIVERSÁRIO DA FEIRA DE MARÇO — Desenho: Jorge Trindade; Diâmetro: 7,9 cm; Material: Bronze; Ano: 1984.

Homenagem ao Dr. Alberto Souto

Ocorreu no dia 23 de Julho de 1988 o primeiro centenário do nascimento do Dr. Alberto Souto, insigne aveirense que, por muitas e variadíssimas formas, trabalhou pelo progresso da sua Terra. Dotado de vasta cultura, foi arqueólogo, etnógrafo, historiador, jornalista, orador, director do Museu de Aveiro, presidente da Câmara Municipal e lídima personalização dos sentimentos colectivos da nossa gente. Faleceu no Bonsucesso, Aradas, em 23 de Outubro de 1961.

Quatro meses antes de morrer, ele próprio diria de si mesmo, em discurso público: - "Destituído de honras e títulos e cargos oficiais, conservo, com muito aprazimento e perfeita compreensão de responsabilidades, a missão de representar ainda e sempre o espírito da Terra, a alma, o pensamento e o sentimento da Cidade, em toda a parte e em todos os momentos que me seja possível e seja necessário afirmar os nossos bríos ou cumprir os nossos grandes deveres colectivos. Outorgou-me esse encargo, desde há longas décadas, aquele voto do povo meu conterrâneo que não precisa de urnas eleitorais nem de políticas de qualquer espécie, nem de grupos ou partidas para me afirmar a sua confiança e me atribuir o seu mandato".

E no próprio dia do funeral, o Dr. Francisco do Vale Guimarães afirmaria: — "Por duas vezes na sua história os aveirenses elegeram, em lista aberta, procuradores vitalícios: José Estêvão no século passado, Alberto Souto no actual. Ambos comungando nos mesmos ideais, ambos magnamente identificados com o ser e sentir do povo, ser e sentir que não se medem apenas por amor bairrista porque caldeiam em síntese de sentimentos e ideais; ambos, em cada época, as mais altas expressões da intelectualidade aveirense; ambos, cumulando a terra de serviços inestimáveis que a tornaram maior e mais a engrandeceram; ambos, acrescentando a Aveiro honra e glória — a honra e glória do seu prestígio pessoal".

A Edilidade Aveirense recordou a efeméride e, sobretudo, homenageou o Homem que tal data especialmente evocava. Na igreja matriz de Aradas, foi celebrada a Eucaristia, presidida por Mons. João Gonçalves Gaspar, vigário-geral da Diocese; participaram no acto os familiares do Dr. Alberto Souto, os representantes do Governo Civil, da Câmara Municipal e de várias colectividades, os alunos do Colégio Distrital e outras pessoas. Foi tudo simples e digno. No final desta cerimónia litúrgica, seguiu-se uma romagem à sua campa, no cemitério de Aradas.

Transcrevem-se seguidamente as palavras proferidas na igreja por Mons. João Gaspar, como homilia da Missa:

Estamos reunidos em ambiente litúrgico, nesta igreja matriz de S. Pedro de Aradas. E, ao dizer que nos encontramos em ambiente litúrgico, quero significar que não é a ocasião para fazer qualquer elogio de alguém, porque aqui apenas se deve louvar e adorar a Deus, apenas se deve louvar e venerar os santos oficialmente reconhecidos. Tudo o mais seria descabido e estaria deslocado.

Ocorre precisamente hoje o primeiro centenário do nascimento do Dr. Alberto Souto; foi em 23 de Julho de 1888 que ele viu pela primeira vez a luz do dia - a luz de Aveiro - no lugar do Bonsucesso, não longe do local onde nos encontramos. Com alguns dias de idade, foi devota e carinhosamente trazido a este templo para receber o sacramento do Baptismo que o regenerou para a Fé cristã e o tornou filho de Deus e membro da Igreja Católica; os pais - Manuel Germano Simões e Rufina Amália - eram pessoas religiosas e praticantes, que se ocupavam das fainas agrícolas.

onde se formou na Faculdade de Direito. Algumas vezes eu próprio ouvi dizer ao Dr. Alberto Souto, falando até publicamente: - Devo ao sr. D. João Evangelista a graça de não ser padre; se o fosse, não cumpriria a minha missão.

Volto atrás para repetir que nos encontramos em ambiente litúrgico. Por isso, não me compete aqui falar de um dos maiores aveirenses da actualidade, não só pelo talento e cultura, mas sobretudo pela devoção com que sempre sacrificou a carreira política e a própria saúde em defesa das aspirações e do engrandecimento de Aveiro. Não posso nem pretendo aqui elogiar aquele que, sem qualquer interesse material, acodia aos que se apoiavam no seu valimento. Antes de morrer, escrevendo a alguém de Aveiro, deixou transparecer a sua dedicação aos mais pobres: - "Deixo a si, meu amigo, um abraço para todos os humildes de Aveiro. É-me dilecto o povo da cidade; quero-lhe muito! O meu amigo será o testamenteiro popular do meu afecto!".

Não posso nem pretendo aqui louvar essa



Homenagem ao Dr. Álvaro Sampaio - 12 de Outubro de 1958. O Dr. Alberto Souto, Presidente da Câmara Municipal, no uso da palavra.

Vencidos os primeiros estudos na escola primária, ingressou no Seminário de Coimbra, onde frequentou o curso de preparatórios e o primeiro ano de teologia; não seriam vãos esses tempos, essa formação e essa convivência. Vendo, porém, não ser por aí a sua vocação na vida, aconselhou-se com o seu mestre e nosso conterrâneo - que depois seria nosso bispo - D. João Evangelista de Lima Vidal, e deixou a carreira eclesiástica. Não lhe parecia fácil concretizar esta decisão, que provinha do mais íntimo da sua consciência, dado o ambiente familiar desfavorável.

Foi o Cónego João Evangelista que convenceu o pai a aceitá-lo e a permitir-lhe que continuasse os estudos mesmo na Universidade de Coimbra,

figura grande que dividiu connosco e por nós a riqueza da inteligência, o fulgor do talento, a diversidade do espírito. Não posso nem pretendo aqui fazer o panegírico daquele que, sendo arqueológico, se familiarizou com as raízes de Aveiro; sendo etnógrafo, se dedicou às manifestações de arte de Aveiro; sendo historiador da sua e nossa Terra, sonhou para ela realidades futuras e, para isso, antecipando-se, incentivou os tímidos, contagiou os incrédulos, convenceu os responsáveis.

Não posso nem pretendo aqui dizer que o Dr. Alberto Souto, escritor e orador fluente, semeou ideias que viriam a germinar para bem da comunidade aveirense e sem proveito pessoal; foi um enamorado de Aveiro a lançar sugestões, a traçar cami-

nhos, a abrir perspectivas. Por muito querer a Aveiro - quem sabe? - por ela se deixou morrer aos 73 anos de idade.

Aveiro dominava-o e empolgava-o a tal ponto que nós quase vemos os nomes de Aveiro e de Alberto Souto íntima e indissolúvelmente unidos um ao outro. "Tenho a consciência da identificação da minha pessoa moral com a personalidade colectiva da nossa querida Aveiro: alma que se multiplica nas nossas almas de aveirenses, milhares de almas que falam em mim pela minha pobre voz!" - proclamava ele em sessão pública, no dia 17 de Junho de 1961, quatro meses antes de falecer.

O ambiente litúrgico desaconselha-me de fazer o encómio de alguém; também, neste momento, não o faço do Dr. Alberto Souto. Mas não me proíbe que lembre - para nos fazer reflectir em oração - as palavras duras de Jesus Cristo quando, pesaroso pela atitude obstinada dos seus patrícios em não aceitarem a mensagem de salvação de que era portador da parte de Deus Pai, disse em tom de desabafo e de séria advertência: - "Eu vos digo que virão muitos do oriente e do ocidente e se sentarão à mesa, no Reino dos Céus, com Abraão, Isaque e Jacob, enquanto os filhos do Reino serão postos fora, nas trevas, onde haverá choro e ranger de dentes".

Muitos virão dos mais variados quadrantes - sociais, nacionais, políticos, religiosos - e encontrar-se-ão com Deus, a Quem serviram na vida sem saber que O serviam, porque sendo justos amaram a Justiça, sendo bons amaram a Bondade, sendo verdadeiros amaram a Verdade, sendo admiradores do belo amaram a Beleza, sendo caritativos amaram a Caridade, sendo misericordiosos amaram a Misericórdia, sendo pacificadores amaram a Paz, servindo o Homem amaram a Jesus Cristo que também disse: - "Tudo o que fizerdes ao mais humilde, é a Mim que fazeis"... É que a personificação perfeita da Justiça, da Bondade, da Verdade, da Beleza, da Caridade, da Misericórdia, da Paz é o próprio Deus.

Quantas surpresas havemos de ter um dia?! Por isso, não nos cabe adjectivar ninguém, fazendo julgamentos apressados; só Deus é que julga, porque só Ele é senhor de todos os meandros da consciência humana. Não nos vamos colocar no lugar d'Ele...

Evoquei há pouco D. João Evangelista de Lima Vidal e uma certa e necessária diligência sua em favor do então seminarista Alberto Souto. Entre as muitas cartas que mutuamente se escreveram ao longo dos anos, encontra-se uma, assinada por este, que tem a data de 10 de Dezembro de 1938, véspera do dia festivo da inauguração da restaurada Diocese de Aveiro; nela se lê algo que revela os sentimentos do autor:

- "Prevejo a dificuldade de amanhã me aproximar de V. Ex.ia à frente do Bispado de Aveiro, restaurado com o alto prestígio de suas virtudes.

Felicitó V. Ex.ia e desejo sincerissimamente todas as prosperidades espirituais e materiais que V. Ex.ia deseja para a sua Diocese. Com júbilo íntimo, embora discreto, me associo às justas homenagens que a V. Ex.ia são prestadas".

E, no meio das muitas centenas de artigos saídos da pena invulgar do saudoso Arcebispo-Bispo de Aveiro, deparamos num deles, de 1943, com uma alusão expressiva, onde se diz que o Dr.



O discípulo e o mestre: o Dr. Alberto Souto e D. João Evangelista de Lima Vidal.

Alberto Souto tinha um "nome que enche a cidade, que chega mesmo para encher o País". E o autor evocava os tempos de Coimbra:

- "Quando ele ia acender as velas para me ajudar à missa nas ursulinas, eu tinha pena daquela criança, com as mãos roxas de tantas frieiras. Às vezes, nem atinava com o pavio e tinha outra vez de descer o apagador para o ajeitar. Este rapazinho mostrou logo, desde o princípio, seguro jeito nas aulas; mas, ainda assim, quem diria que ele, um dia, havia de ser o que é: artista, arqueólogo, homem de letras, já não digo político, porque a política, às vezes, não é o vaso mais próprio para as plantas formosas".

Lima Vidal continuava com o seguinte comentário:

- "Quando há pouco eu o vi, esforçando-me por seguir, nem sempre a par, a veia rica do seu saber, eu olhava para aquele crânio, prematuramente desnudado, e perguntava a mim mesmo como é que, dentro de quatro ossos, podia caber assim à vontade uma biblioteca de seis mil livros".

E agora, sim, em ambiente litúrgico, não posso esquecer a atitude religiosa e extasiada de alguém, qual outro Francisco de Assis, quando, ao cair da noite e no alto do monte de Nossa Senhora do

Socorro, admirando silenciosamente a beleza ímpar do firmamento a projectar-se na ria e no oceano, com as estrelas reflectidas a confundirem-se com as luzes das povoações, não se teve que não dissesse em voz alta: - "Bendito seja o Criador pela maravilha da natureza!". Não está aqui compendiado o cântico bíblico dos três jovens?

Não posso olvidar o que às vezes presenciei junto do túmulo de Santa Joana e que certamente ainda mais me incentivou, também a mim, no amor à Padroeira. Antes de subir ao gabinete de trabalho - o que fez todos os dias durante dezenas de anos - o director do Museu passava por aí, parava naquele ambiente escuro a projectar luz na sua consciência, pensava um pouco, homenageava a Santa Princesa, traçava sobre si o sinal da cruz e não raro acendia a lamparina de azeite. Não creio que fosse rotina; creio que era sincera e piedosa devoção.

Hoje, e desde há quase 27 anos, envolve-o o silêncio da sepultura; mas conserva-se um documento que define a atitude mental e espiritual deste

"Queria a minha sepultura coberta com as pedras que tenho trazido das serras, algumas das quais vieram das mamoadas mais altas do Arestal.

"Em uma delas deveria haver uma cruz. Eu sou cristão. Adoro Deus e creio na virtude divina de Jesus, que foi muito justo e muito bom e a cuja protecção muitas vezes me tenho confiado. Se há ainda vaidade nisto, peço que ma perdoem.

"Peço que se não vistam de luto por minha morte. O luto só deve existir no sentimento. O exterior nada vale, se a alma o não sentir. Creio que a saudade que levo das pessoas que me estimaram será correspondida por saudade, também, de todos aqueles que eu estimei e amei. Nada mais é preciso.

"O meu enterro será simples. Caixão modestíssimo. Dois sacerdotes católicos farão as orações e cerimónias breves do seu ritual, como se acompanhassem o mais pobre e humilde dos paroquianos da sua freguesia. Mas... se quiserem!

"Quero ser enterrado como o foram os que me criaram. O Cristo do meu quarto seá o meu último



Inauguração do Bairro do Senhor das Barrocas - 22 de Fevereiro de 1961.

homem, relativamente a Deus, a Cristo e à Igreja.

Em 24 de Outubro de 1937, em plena pujança de vida, com 49 anos de idade, escreveu em letra serena e firme, pelo próprio punho, as "últimas vontades", a que chamou "O meu testamento" - que confirmou em 1 de Novembro de 1946. Nunca o disse a ninguém; nunca ninguém o soube. Não tenho qualquer receio em recortar para aqui e para esta oportunidade algumas expressões que, pelo seu significado, demonstra uma maneira íntima de pensar e de sentir.

- "Desejo, se for possível e isso não der muita despesa, ser sepultado no cemitério do Outeirinho, Verdemilho, perto dos meus e no meio dos meus vizinhos da aldeia em que nasci.

companheiro.

"Não desejo estar exposto depois de morto. Caixão fechado. Só se for necessário ou algum familiar ou amigo querido me quiser ver. Depois da morte já não somos nós. É um cadáver, matéria morta que nada vale e se torna perigosa e repugnante. Se o espírito prevalece e triunfa da morte, ele voará para Deus. O resto nada é!

"Deixo um beijo às minhas filhas. Um abraço a todos os que me amaram e estimaram e a todas as pessoas que amei e estimei. Uma saudade muito grande à minha aldeia e ao meu Aveiro!

"A todos peço perdão, se algum mal lhes fiz. Mas o meu maior remorso é não ter feito todo o bem que podia e devia ter feito".

Depois de recordar este "testamento", talvez nós estejamos melhor preparados para apreender o conselho do Apóstolo S. Paulo: - "Procedei com toda a humildade, mansidão e paciência; suportai-vos uns aos outros com caridade; empenhai-vos em manter a unidade de espírito, pela paz, que a todos mantém unidos. Há um só Deus e Pai de todos, que exerce a sua acção santificadora em todos e em todos se encontra".

Talvez a lembrança de algumas facetas da vida e da actividade deste homem nos incentivem a que nós também nos interessemos por Aveiro e pela suas gentes, sem egoísmos, indo ao encontro das necessidades alheias, proporcionando aos necessitados o pão da cultura, o pão do carinho, o pão do bem-estar, o pão da habitação, o pão de tudo o que favoreça o integral desenvolvimento humano, sem excluir o pão da alimentação.

Jesus Cristo saciou concretamente homens que tinham fome e, se revelou o pão da vida eterna, fê-lo a partir de uma realidade terrestre. Não é possível revelar o pão da vida eterna sem que nós, os cristãos, nos comprometamos verdadeiramente nos deveres da solidariedade.

Em ambiente litúrgico, evocamos os nossos mortos não só para sufragar as suas almas, mas ainda para louvarmos a Deus pelo bem que espalhou nas suas vidas e que realizou por seu intermédio, e ainda para mutuamente nos encorajarmos em tal ou qual actividade em que eles se evidenciaram. Também isto é viver o sentido da comunidade social, humana e cristã.

À semelhança do Dr. Alberto Souto, julgo que poderemos pensar com verdade que o nosso maior remorso é não fazer todo o bem que podemos e devemos fazer.



Aradas - Pórtico de 1794, junto de um edifício, cuja estrutura era do Séc. XVII (ambos foram demolidos há anos).

Artes de Pesca na Ria de Aveiro

Pelo Dr. Eduardo Lamy Laranjeira

Acedendo ao convite que lhe foi formulado pelos Serviços de Cultura da Câmara Municipal de Aveiro, o Dr. Eduardo Lamy Laranjeira, da cidade de Ovar, esteve em Aveiro, no dia 27 de Julho de 1988. No salão cultural, proferiu então a conferência que a seguir se publica integralmente e que foi um dos números do programa das Festas da Ria.

Nas lides literárias, com um estilo muito próprio, o Dr. Lamy Laranjeira é já autor de uma vasta obra dispersa por revistas e jornais e, sobretudo, de vários livros, como "Demografia Vareira", "A Religiosidade das nossas gentes - O Culto Mariano em Ovar" e "O Furadouro - o Povoado, o Homem e o Mar". Sempre se revelou um apaixonado, senão mesmo um especialista, das artes e manhas da nossa Ria, das tradições, costumes e folclore do povo vareiro, e de outros temas da região. A convite das mais variadas personalidades ou associações, tem proferido palestras e conferências sobre os mesmos assuntos.

UMA EXPLICAÇÃO PRÉVIA...

Quando em 5 deste mês, o sr. Padre João Gaspar nos telefonou, a indagar duma possível disposição para proferirmos uma conferência, em Aveiro, no Salão Cultural da Câmara Municipal, e integrada na FESTA DA RIA, confessamos à puridade que o convite amigo e imprevisível provocou-nos um certo receio, além de grande surpresa. Balbuciamos uns tantos agradecimentos seguidos duma aceitação assustadiça, pois de momento não sabíamos qual o assunto a tratar sobre a RIA, e até porque, dentro em breve, iríamos para o Furadouro, longe pois dos livros e apontamentos. Porém, o sr. Padre João Gaspar objectou-nos que escolhêssemos um dos nossos trabalhos, pois estava certo de que a escolha iria agradar.

Durante algum tempo, umas certas dúvidas inquietavam-nos o espírito sobre a matéria a desenvolver e de interesse para o auditório aveirense. Seriam os barcos da RIA? Tema sempre aliciante mas difícil de ser condensado numa dezena de folhas e de leitura a não ultrapassar a clássica meia-hora.

Ocorreu-nos, então, "As Artes de Pesca na RIA DE AVEIRO", descritivo já por nós abordado no "Nosso Jornal" com belos desenhos de Bartolomeu Conde, artista exímio do lápis.

Acresce a circunstância da característica "RIA DE AVEIRO" ter merecido, de longa data e da nossa parte, um carinho especial e larga devoção. A nossa vivência com a LAGUNA iniciou-se nos

tempos já distanciados de vida académica, durante os períodos das apetecíveis "férias grandes". Por essas alturas, com várias amizades, passávamos cerca de uma semana, em cada ano, a bordo dum "andorinha", primeiramente, e mais tarde num elegante "vouga". Deste modo, a RIA, esteiros e canieiros foram por nós percorridos assim como as lindas e ingénuas romarias ribeirinhas que sempre contaram com a nossa presença, como acontecia com as festas à Sr^a da Boa Viagem, no Torrão do Lameiro, ao simpático S. Paio da Torreira, com centenas de barcos moliceiros varados na margem, a S. Jacinto, e outras festanças ribeirinhas, hoje já quase perdidas na lembrança. Também, em dois anos intervalados, subimos o Vouga, até à confluência do Águeda, para de seguida seguirmos o curso deste até arribarmos na então vila de Águeda, junto à ponte, e aí estanciamos durante uns dois ou três dias.

Desta vivência anual com a formosíssima RIA nasceu no nosso coração um afecto de grande beleza e um quase convencimento de que muito sabíamos sobre as coisas e os homens lagunares. Daí, quando ingressámos no antigo I.S.C.E.F., em Lisboa, em 1945, tivéssemos escolhido como trabalho de folego, da cadeira Geografia de Portugal, "A RIA DE AVEIRO", pois o nosso auto-convencimento segredava-nos que as dificuldades seriam de pouca monta. Como enganados estávamos... pois o nosso conhecimento da RIA não ia além duma pintura mal

esboçada à mesa do "Café Guedes" da Torreira. Valeu-nos, na altura, a G.E.P.B., com o artigo RIA de Aveiro, incluído em "AVEIRO", que, na sua parte final, apresenta uma extensa nota bibliográfica que nos serviu de base ao estudo.

Este trabalho escolar iniciou-se em Novembro e concluiu-se nas proximidades da Páscoa, data limite para entrega ao assistente da cadeira.

Durante a elaboração deste trabalho, lemos quase todos os livros constantes da bibliografia, felizmente presentes na excelente biblioteca do Instituto com cerca de 25 000 volumes. Os poucos livros ausentes foram lidos na Biblioteca Nacional, ao tempo nas vizinhanças do Chiado. Também será de justiça referir a indicação prestada pelo Prof. Pinto Barbosa, que nos aconselhou a consulta de "Os Moliceiros", de José de Castro e, ao tempo, em publicação pelo Instituto de Alta Cultura, e a leitura de "Aveiro e a sua Laguna", do coronel Nascimento Leitão. Aproveito o ensejo para referir o valioso arrimo encontrado nas "Origens da Ria de Aveiro" do saudoso dr. Alberto Souto, considerado cientista.

Deste nosso trabalho académico não ficámos com nenhum exemplar. Entregámos os dois exigidos pelo regulamento - um original e uma cópia a químico - com fotografias, para melhor dispor o ânimo professoral e quebrar um pouco a aridez da nossa prosa. As folhas foram reunidas sob uma vistosa capa de percalina, desenhada por um colega artista, e presas a um laço de duas fitas de seda, branca e vermelha, cores da Escola.

Foi a partir deste modestíssimo trabalho escolar que começámos a sentir e a amar mais a RIA, e o observador convencido que éramos e um pouco presumido cedeu o lugar ao estudioso humilde perante o incomparável horizonte lagunar.

Contamos, pois, com o vosso beneplácito amigo para os dizeres singelos do nosso palestrar. Sabemos que nada, mesmo nada, vamos acrescentar à luxuriosa bibliografia sobre a RIA DE AVEIRO.

Aguardamos a vossa natural delicadeza para o descolorido e desprezenciosismo de "AS ARTES DE PESCA NA RIA DE AVEIRO". Ouçam, pois com um pouco de atenção e bastante paciência este insípido trabalho...

O característico acidente geográfico, Ria de Aveiro, que vai de Ovar a Mira, numa extensão de cerca de 47 quilómetros, assemelha-se a uma imensa teia de aranha de contornos irregulares.

Multidões de esteiros, paúis, canaviais, praias, juncais, dédalos de canais grandes e pequenos, cavados pelo suor do homem ou pela acção das águas, cruzam-se e espalham-se pela superfície da laguna, num verdadeiro emaranhado de selva, que o menos precavido não se dá conta, mas que o íncola atreito a todo este enredado conhece como os seus cinco dedos da mão.

Em toda a Ria e ao longo do ano, exerce-se a actividade da pesca que, pelos variadíssimos ins-

trumentos empregados, não sofre qualquer espécie de comparação por estes Portugais fora. Mas esta zona lagunar apresenta aqui ou mais além melhores lugares piscícolas que outros, fartamente conhecidos pelo finório do pescador de cana, rede ou de qualquer outro aparelho.



(De Estudos Etnográficos, D. José de Castro).

O saboroso robalo, de escama prateada e luzente, vive, principalmente, nos pesqueiros de Duas Águas, Engade, Muranzel, Poço da Testada, Poço de Cavalos, Regão da Rija, Seca, Cale do Paço, Patinha Bicho, Lombinha e Lontro; a astuta e saltitante táinha encontra-se com frequência nos lugares de Duas Águas, Muranzel, Ramalho, Esteiros da Vidairada e Ponte da Barra; já a agulha, o feio cação, a choupa, o congro e o polvo escolheram como morada o Paredão e a Ponte da Barra, sítios em que a maré mais se faz sentir. No entanto, a enguia escorregosa e quase impossível de apanhar à mão tem o seu habitat em quase toda a Ria, com relevância na parte compreendida entre o Carregal e a Torreira e no mais ignoto caneiro.

Na apanha destas diferentes espécies, o pescador foi obrigado a armar-se de uma larga e heterogénea utensilagem, na intenção de iludir a

finura ou matreirice do peixe. Daqui nasceu uma arte de pesca bem característica, que se alterna consoante a espécie a apanhar. Pode, pois, afirmar-se que a cada espécie piscícola corresponde uma arte própria.

Deste modo, encontramos:

artes de pesca sedentárias - botirão, galricho, camboa e atensão; os exóticos tresmalhos - salto, soalheira, branqueira, caçoeira e camaroeira; os velhos arrastos, cuja longevidade se perde nas épocas anteriores à afonsina - mugeira, tarrafa, chinchorro, chinha, garateia e berbigoeira; aparelhos de mão - fisga, linha, espinhel, sertela e bolsa.

O emprego destas artes não é permitido durante os trezentos e sessenta e cinco dias do ano, pois se o fosse, então adeus, pesca na Ria. Durante todo o ano, são permitidos os galrichos, saltos, soalheiras, branqueiras, camaroeiras, berbigoeiras, linhas, espinhéis, sertelas e bolsas. De 25 de Junho a 23 de Março, normalmente, há liberdade para a utilização de chinchorros, mugeiras e garateias.

Com respeito à fisga, a proibição é absoluta, nem nos dias santos é consentido o seu emprego. E se algum ladino sente o arrojo do seu emprego, somente de noite fechada, ao candeio, ou então de dia, mas de olho sempre avisado nos horizontes, pois a multa sempre pesa um pouco.

Actualmente, a Ria está a sofrer a invasão do pescador turista ou fim de semana que, de outras bandas, se apresenta com os mais modernizados aparelhos, e é pois curial que, daqui a uma carrada de anos, as artes de pesca "sui generis" da Ria estejam somente à guarda dos museus ou nemisso, impondo-se, pois, a sua descrição, arrolamento e recolha, como elementos etnográficos duma época e duma convivência humana.

Começaremos por uma descrição resumida dos variados aparelhos.

APARELHOS SEDENTÁRIOS:

Botirão - É um aparelho de pesca composto por dois sacos.

O mais pequeno encontra-se no interior do saco maior. O peixe entra por uma abertura comum aos dois sacos, e tem o nome de nasso, laço ou gasgote.

O botirão arma-se com o gasgote virado à corrente e distendido no leito da Ria, com o lado superior imerso e o rabeiro a flutuar sob o auxílio duma cauda ou bóia.

Mormente, este aparelho sedentário acusa um comprimento de cerca de 18 metros e uma boca de 2,5 a 3 metros.

Galricho - O conhecido galricho dos nossos ribeiros não é mais nem menos que um pequeno botirão.

Compõe-se de vários arcos circulares de verga e com um ou dois nassos cosidos interiormente.

A abertura principal apresenta a forma de U invertido, de modo a assentar bem no leito das águas. O comprimento varia de aparelho a aparelho, mas raramente excede os dois metros, medindo a boca a quarta parte do comprimento.

O galricho arma-se no fundo dos leitos das águas, com a boca sempre a favor da corrente, ficando preso a pequenas estacas de madeira. No seu interior, o pescador previdente coloca pequenas iscas de peixe, berbigão ou cascas de ovos, como engodo.

O galricho emprega-se, principalmente, nos inúmeros esteiros e caneiros, que constituem o "hinterland" da Ria, com a finalidade de apanhar as pequenas espécies que sobem os riachos.

Camboa - É um aparelho de pesca sedentário formado por uma cortina de rede, de 2 a 5 metros de altura, aproximadamente.

A camboa arma-se com o auxílio de estacas nos leitos dos rios, de margem a margem, possuindo na parte central um pequeno botirão destinado a apanhar os peixes que sobem os cursos de água.

O botirão de camboa apresenta um comprimento de cerca de 8 metros e a boca um diâmetro que anda de 1,5 a 1,8 metros.

É utilizada, principalmente, pelos pescadores murtoseiros, nos esteiros de Estarreja, Salreu, Canelas e Rio Vouga, durante os meses de Fevereiro a Abril e quase sempre de noite.

Atensão - Aparelho de pesca constituído por redes rectangulares com as dimensões, na maioria das vezes, de 22x1,30 metros.

Esta arte de pesca é empregada nas zonas deixadas a descoberto pelas marés baixas.

As redes são colocadas e levantadas, unicamente, durante a baixa-mar. A parte inferior da rede fica enterrada. Na preia-mar as redes formam cortina, sendo levantadas pela acção das águas.

Este aparelho exige, em norma, uma companhia de 4 a 5 pessoas que se distribuem por uma bateira e uma caçadeira.

A atensão é utilizada pelos pescadores da Murtosa, nos meses de Abril a Outubro, nos locais próximos da Barra, ao longo dos tratos das praias, ou em volta de cabeços, ou na saída dos esteiros.

TRESMALHOS:

Os pescadores empregam várias espécies de tresmalhos, consoante as espécies a pescar, a saber:

Salto - Este tresmalho também é conhecido pelo nome de parreira ou peixeira e compõe-se duma rede, que se dispõe em cerco, guarnecida por chumbeiras e cortiças.

O "salto", o mais exótico tresmalho, arma-se sob a forma duma espiral, nos primeiros vinte metros

de rede, dispondo-se a rede restante em curva suave.

A manta não é mais da que uma segunda rede de tresmalho, do espiral, e permanece, depois de armada, fora de água.

A parte da rede que constitui a espiral - caracol ou curral - é estacada por meio de varas distanciadas umas das outras cerca de três metros. Estas varas, por sua vez, fixam a tralha superior do arco e parte inferior da manta.

Este aparelho de pesca é o mais característico e belo das artes utilizadas na Ria de Aveiro e deve ser a única dos rios portugueses com forma tão original.

Presume-se que o "salto" tenha sido idealizado por um velho pescador de Esgueira, no século XVIII, que o utilizou com êxito na pesca da tainha saltona, e adoptado, quase de seguida, pelos pescadores da Murtoza, que ainda hoje lhe dão grande préstimo.

O "salto" é empregado em exclusivo na apanha da tainha em zonas de águas paradas e pouco profundas.

Para esta arte são necessários dois homens e uma bateira. Disposto o "salto" convenientemente, a bateira navega ao longo do cerco, ao passo que os pescadores batem ruidosamente com os remos na borda da embarcação, como o fim de dirigirem a arisca tainha ao curral, onde se esmalha ou, na ânsia de liberdade, procura transpô-lo de "salto", ficando presa na manta, de escama a brilhar.

É nos meses de verão que este aparelho é utilizado na zona lagunar, compreendida entre a Torreira e o Carregal, e no período em que a tainha procura os insectos fora de água.

Solheira - Tresmalho destinado, como o próprio nome o indica, à pesca de solhas, linguados e rodovalhos.

A solheira é constituída por quatro redes ou "rações" que são armadas por meio de estacaria, sendo cada vara colocada de ração a ração e ficando cada linha de solheira com cinco varas, no máximo. Tem uma linha de chumbeiras e de cortiças, que servem de flutuadores.

Este utensílio de pesca exige uma bateira e dois homens.

Branqueira - É um tresmalho constituído por cinco panos, tendo cada um deles a dimensão aproximada de 18,5 metros.

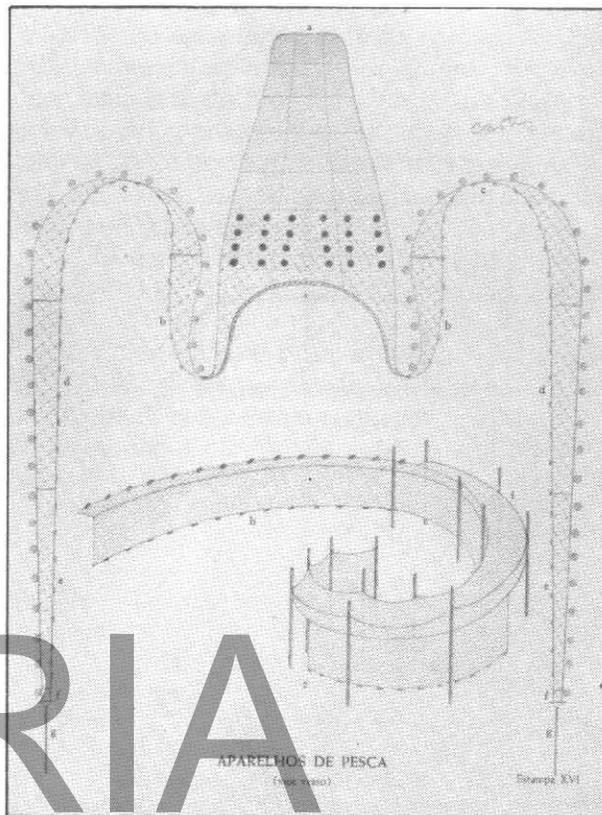
A branqueira apresenta uma forma rectangular, com uma altura de 1,5 metros.

A orla deste tresmalho está guarnecida com chumbeiras e flutuadores de cortiça.

A branqueira é armada com o auxílio duma embarcação de dois tripulantes que, normalmente, dispõem-na em linha recta ou curva. Nos extremos desta arte ligam-se cabeças ou boias, como sinalização.

Os pescadores durante a faina da pesca batem durante algum tempo com os remos ou varas do barco nas bordas, provocando, assim, barulho para assustar o peixe e dirigi-lo para a branqueira.

Caçoeira - É uma arte de pesca empregada exclusivamente na apanha do cação.



(De Estudos Etnográficos, D. José de Castro).

A caçoeira compõe-se por quatro panos que ligados uns aos outros atingem um comprimento de cerca de 350 metros, guarnecidos com chumbeiras e cortiças.

É empregada nos sítios do Paredão e Ponte da Barra.

A sua manobra exige o emprego de um barco que prende uma das extremidades da caçoeira, enquanto a outra fica ligada a uma cabaça.

Camaroeira - A camaroeira é uma outra espécie de tresmalho de doze panos e guarnecidos com chumbeiras e cortiças, destinando-se, como o próprio nome o indica, à apanha do camarão. Os panos têm um comprimento de 31 metros.

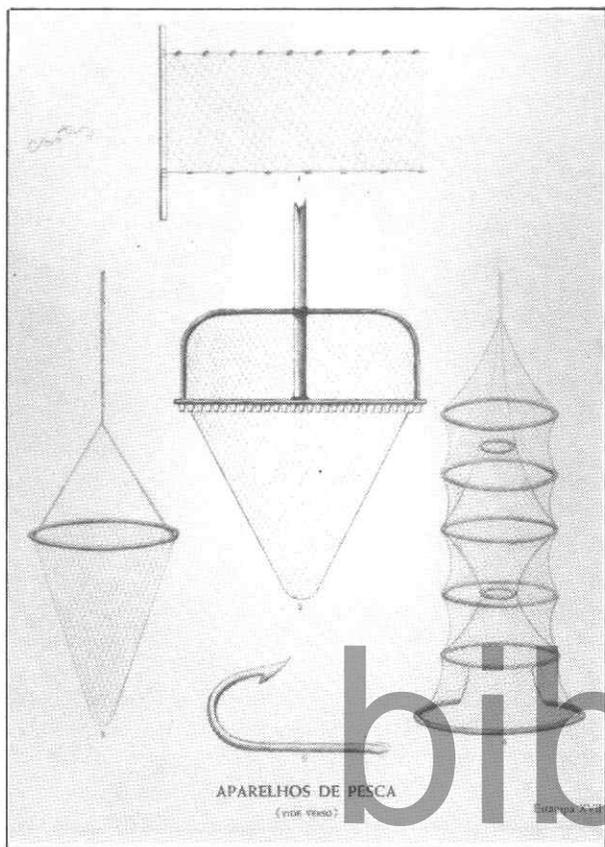
Este aparelho trabalha de Fevereiro a Maio, geralmente de noite, e é armado fazendo-o boiar de modo a apanhar o camarão, que se desloca à superfície das águas.

ARRASTOS:

O arrasto é um aparelho de pesca constituído por uma rede cuja parte principal - a "bocada" - consta de um saco e os extremos - "calões" - estão ligados a cabos chamados "calas".

As partes da rede compreendidas entre a "bocada" e os "calões" têm o nome de "mangas".

Estas artes de pesca destinam-se a varrer o fundo das águas, sendo uma das tralhas lastrada com pequenos discos de barro cozido enquanto a outra tralha é guarnecida com rodela de cortiça, destinadas a suspender parte da rede.



(De Estudos Etnográficos, D. José de Castro).

Mugeira - Este arrasto tem uma manga com cerca de trinta e cinco metros de comprimento e um saco de seis metros.

Para se lançar a mugeira torna-se necessário uma campanha de seis homens e uma bateira — "mugiganga". A manobra é sempre feita na direcção da praia para facilitar a recolha da rede.

A mugeira emprega-se quase durante todo o ano, com excepção dos meses de Julho e Setembro.

Presentemente a mugeira quase não é utilizada devido ao seu elevado custo.

Tarrafa - A tarrafa é um arrasto que tem as mesmas dimensões que a mugeira mas com um peso menor e, por consequência, com maior facilidade de manobra.

O lançamento deste aparelho é realizado de maneira idêntica ao da mugeira.

Chinchorro - O chinchorro é um arrasto cuja manga tem um comprimento de cerca de trinta metros e um saco de quatro metros.

A malha deste aparelho é muito miúda e por

isso o seu elevado preço.

Emprega-se o chinchorro durante todo o ano, exigindo a sua manobra cinco pescadores e uma bateira.

Utiliza-se, geralmente, na apanha da enguia, solha, linguado e robalo.

Chincha - É um aparelho de pesca relativamente pequeno. Compõe-se duma manga de quinze metros e de um saco que não vai além de dois metros de comprimento.

A chincha é empregada durante todo o ano e necessita duma companhia de quatro homens e uma bateira.

O lançamento é feito na "mugiganga", sendo a rede recolhida na própria embarcação.

Garateia - A garateia é um arrasto que, normalmente, apresenta um comprimento de cerca de oitenta metros.

É, fundamentalmente, um aparelho de cerco, lastrado com chumbeiras e cortiças de modo que estas, independentemente da profundidade das águas, fiquem a flutuar.

É utilizada durante toda a época anual, exigindo o seu emprego seis homens e uma embarcação para a armar.

Berbigoeira - A berbigoeira é considerada um arrasto especial. Compõe-se dum ancinho de ferro, com um comprimento de 1,20 metros e uma enfiada de 30 a 40 dentes. Apresenta-se também munida com um semi-arco de ferro que tem preso um pano de rede com a dimensão de um metro.

Este aparelho de pesca trabalha, fazendo-se prender o ancinho à embarcação por meio de um cabo de madeira, para o arrastar pelos bancos de berbigão.

Trabalha, mormente, nos meses de R, de Setembro a Abril.

APARELHOS DE MÃO:

Fisga - A fisga é um aparelho constituído por uma haste de ferro com 0,25 metros e que termina numa enfiada de 25 a 35 dentes, todos dispostos a igual distância uns dos outros.

A haste de ferro encontra-se encabada numa vara de metro e meio de comprimento.

Este aparelho de pesca é usado furtivamente em qualquer período do ano, principalmente na chamada "pesca ao candeio". A proibição do seu uso deve-se ao facto de ferir as várias espécies piscícolas sem as ter apanhado.

APARELHOS DE LINHA:

Linha - A linha tem em geral um ou dois anzóis e uma chumbeira.

A isca é constituída por peixe fresco ou

minhoca da terra húmida.

Lança-se a linha de bordo da embarcação ou das margens da Ria.

Espinhel - É um tipo de linha constituída por vários anzóis e um cabo que se mantém à superfície das águas ou no fundo.

Alguns espinhéis apresentam-se com cinquenta anzóis, ao passo que outros possuem para cima de cento e cinquenta.

O número de anzóis é variável de espinhel para espinhel, conforme o gosto do pescador.

Sertela - A sertela é vulgarmente conhecida por "minhoqueiro".

Este tem uma enfiada de minhocas em linha, presa à extremidade duma vara.

Emprega-se a sertela nos inúmeros canais, caneiros e ribeiros na apanha da enguia.

Bolsa - A bolsa é um aparelho de pesca que se destina à apanha do carangueijo.

Compõe-se dum saco de rede cujo fundo se encontra iscado, preso a um cabo ou simples fio.

Chegámos ao final da exposição das tradicionais e típicas "Artes de Pesca da RIA de AVEIRO". É inegável que a palestra sairia imensamente enriquecida se houvesse a possibilidade das nossas palavras terem sido acompanhadas de meia dúzia de projecções destas artes de pesca, muito representativas do meio etnográfico da Laguna. Infelizmente a nossa ida para o Furadouro impediu a concretização deste desígnio e, por isso, a impossibilidade de mobilizarmos os elevados dotes artísticos dos Amigos Jeremias Bandarra e Bartolomeu Conde, nomes já com lugares firmados no mundo plástico aveirense.

Mas as coisas são o que são... e não há que remar contra as marés, quando o tempo não está de feição.

Agradecemos, pois, a Vossa bondade e espírito paciente em nos escutar sem aparente enfado. A todos, o nosso muito obrigado.

Tenho dito...



Aveiro, 1957 - Embarcações no Cais do Rossio.

Biblioteca Municipal

No seguimento do contrato-programa entre a Câmara Municipal e o Instituto Português do Livro e da Leitura, assinado no dia 27 de Dezembro, espera-se que, a médio prazo, Aveiro disporá de uma biblioteca à altura da sua importância, capaz de satisfazer as mais prementes exigências sócio-culturais. Na verdade, as actuais instalações são exíguas em espaço e falhas em equipamento.

A nova Biblioteca Municipal passará para o prédio onde esteve, até há anos, a Escola do Magistério Primário Particular, na Rua de José Estêvão. O edifício irá ser beneficiado com as necessárias obras de ampliação, remodelação e adaptação, conservando todavia não apenas a sua traça exterior mas também algo do seu interior.

comportará a inclusão de mais dois pisos. Na biblioteca funcionará uma secção infantil, além de um sector para deficientes, de meios audio-visuais e de um pequeno auditório.

A assinatura do protocolo, que teve lugar no salão nobre dos Paços do Concelho, contou com a presença do Presidente do Instituto Português do Livro e da Leitura, do Presidente da Câmara Municipal de Aveiro, da Directora dos Serviços de Leitura Pública do referido Instituto, do Delegado da Região Centro da Secretaria de Estado da Cultura e de diversos Vereadores do nosso Município, nomeadamente o do Pelouro da Cultura.

O Presidente do Instituto afirmou, na ocasião, ser imprescindível o empenhamento das autarquias para a concretização do pro-



Edifício onde será construída a nova Biblioteca.

Aquele contrato-programa enquadra-se dentro de uma política de implementação de uma rede nacional de bibliotecas, cabendo ao Instituto Português do Livro e da Leitura a cooperação técnica e financeira e a participação nos investimentos em cinquenta por cento. O investimento a realizar, na ordem dos cento e oitenta milhões de escudos, também contemplará a aquisição de equipamentos e de fundos bibliográficos.

O novo espaço será amplo e funcional e estará à altura das melhores bibliotecas nacionais; terá uma área disponível de cerca de duzentos e cinquenta metros quadrados e

jecto da rede nacional de leitura pública, cuja campanha de sensibilização na Zona Centro foi feita em Aveiro há pouco mais de um ano.

Usando da palavra, depois de historiar a definição das instalações projectadas, o Dr. José Girão Pereira manifestou a sua satisfação por se tratar de um importante investimento para a cidade pois — disse — "as obras do espírito são duradouras e o espírito prevalece sobre a matéria; não basta ser grande no aspecto económico, mas é necessário manter os verdadeiros valores do espírito".

Ao iniciar a breve sessão, falou o Vereador do Pelouro da Cultura, Prof. Celso dos San-

tos, que disse o seguinte:

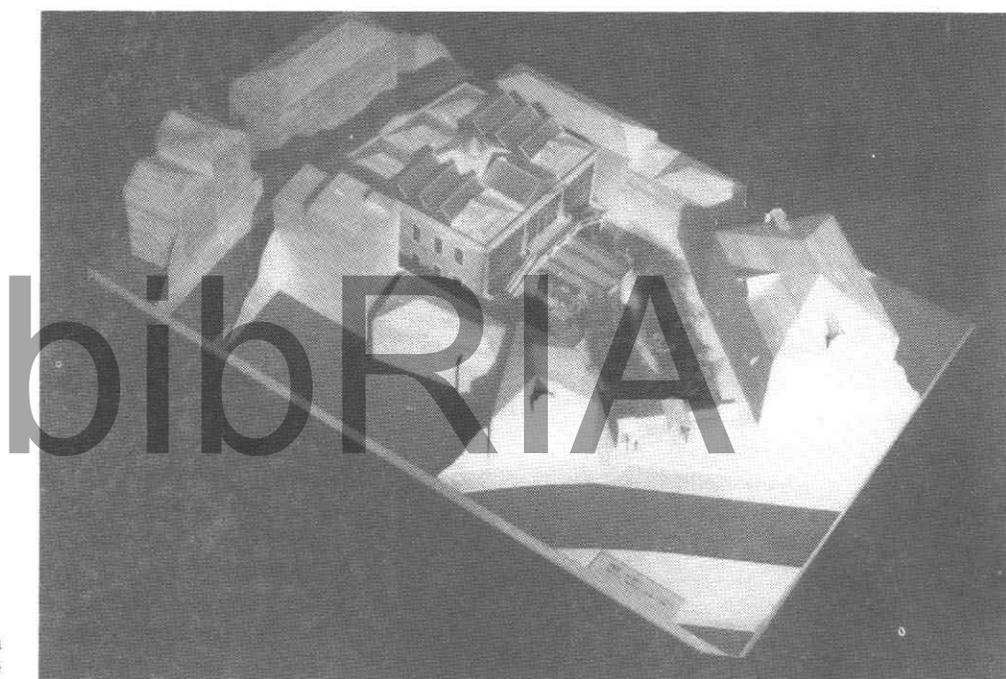
Como Vereador com o pelouro da cultura e tendo sido o principal responsável pelo encaminhamento do processo que hoje tem o seu epílogo com a assinatura do contrato-programa que vai viabilizar a melhoria da Biblioteca Municipal, alterando profundamente o seu funcionamento, permito-me usar da palavra.

E faço-o, em primeiro lugar para cumprimentar e saudar V^o Ex^o, senhor Presidente do I.P.L.L., para lhe agradecer a sua presença em Aveiro, o que muito nos honra, e, também, a atenção que se dignou dispensar à nossa proposta. Em segundo lugar para, fazendo um pouco de história da nossa Biblioteca, realçar a importância do protocolo que hoje vai ser assinado, no âmbito da leitura pública e que penso será um dos grandes acontecimentos culturais do concelho.

te estudantes e operários. Para a leitura infantil e de carácter recreativo, a Câmara Municipal mantinha como complemento uma pequena biblioteca no pavilhão do Parque Infante D. Pedro, que funcionava durante a tarde.

Na altura existia um quadro encaixilhado de razoáveis dimensões em que se davam a conhecer ao leitor as "Secções do Catálogo" da Biblioteca. Os assuntos eram agrupados em subdivisões de cada uma daquelas Secções e já mostrava alguma intenção de ir ao encontro do utilizador, como se pode ver pelas seguintes Secções: "Aveiro e a sua Região" e "Últimas Aquisições", englobando a primeira as seguintes subdivisões: Estudos; História; Homens Célebres; Factos; Notícias; Descrições; Obras de Autores Aveirenses:

Até Maio de 1957 teve como Director,



Maqueta da nova Biblioteca a construir no começo de 1989.

Aveiro tem a sua Biblioteca Pública Municipal (assim se lhe chamou) desde 1927. Foi inaugurada a 25 de Maio deste mesmo ano. O seu primeiro local foi a "sala do despacho", da Misericórdia de Aveiro, onde permaneceu até Maio de 1970. Embora não seja possível conhecer qual era o acervo bibliográfico à data da sua fundação, sabe-se que dez anos depois, em 1937, já acrescida com ofertas várias e aquisição por compra, o total das espécies era de 6291 volumes, além de diversos manuscritos da Alfândega, da Santa Casa da Misericórdia, da Câmara, e com alguns documentos datados desde o século XV.

Então o seu funcionamento verificava-se entre as 13 e as 17 e das 20 às 23 horas, havendo, portanto um período de leitura nocturna, sendo os seus utilizadores maioritariamente

não a título profissional, o Ilustre Aveirenses, Dr. Alberto Souto, que a organizou e geriu durante três décadas.

Hoje, igualmente instalada em lugar central (a uns 100m do primeiro), encontra-se desde 1970 num 5º piso de um edifício construído para tal e para outros fins, de tal modo ocupado por outros serviços que a biblioteca, exceptuando um pequeno gabinete destinado às operações de rotina e aos serviços de catalogação e dactilografia, está reduzida a sala única - a de leitura, com 28 lugares. Não tem recepção, balcão, vestiário, salas de catalogação, nem sequer para contacto com o utilizador.

O acervo bibliográfico é de 22919 volumes e a sua frequência média por ano de 15000 presenças.

A Câmara Municipal, atenta às dificuldades do seu funcionamento, abriu em Janeiro findo novas instalações, noutra local, para permitir a leitura domiciliária. Iniciou o seu funcionamento com 2030 volumes e uma hemeroteca.

Embora em 1987 o número de utilizadores tenha atingido 17601 e sido feitas 28i05 requisições, a Biblioteca tem funcionado sempre precariamente. A área diminuta, a falta de mobiliário e de equipamento moderno, a dificuldade em encontrar meios atractivos, a desmotivação, constituíram razões suficientes para que se apostasse numa nova instalação.

Aveiro, capital de um distrito considerado em múltiplos aspectos, dos mais importantes do País pela sua dimensão económica, histórica, cultural e artística não possuía, efectivamente, de uma biblioteca pública capaz de satisfazer as fundamentais carências dos seus municípios. A nossa biblioteca vem, como tantas outras, padecendo de insuficiências e inadaptação, devido principalmente à falta de espaço e de pessoal devidamente preparado. Pouco dinâmica, tem sido incapaz de despertar o interesse pela leitura, nomeadamente nas camadas mais jovens, pese embora o esforço feito por todos os funcionários actualmente ao seu serviço. Alguma coisa deveria ser feita. Tal vai acontecer.

Com o protocolo que hoje é firmado tudo vai alterar-se para melhor. Teremos, graças ao apoio de IPLL, uma biblioteca com os requisitos indispensáveis nomeadamente na adequação das suas instalações, fundos bibliográficos diversificados e actualizados, empréstimo domiciliário, acesso fácil ao livro, meios audio-visuais, possibilidade de realizar um apoio concreto às bibliotecas rurais existentes no município.

A candidatura (então quase como um

sonho) apresentada em 2 de Agosto passado, transformou-se em realidade rapidamente. A prontidão, a gentileza, a clarividência dos técnicos do IPLL com quem estabeleci contacto de então para cá, primeiro com o sr. Dr. Joaquim Portilheiro, depois com o mesmo e o Arq. Pedro Loff e mais tarde com a Dr^a Teresa Calçada, permitiram que em quatro meses se concretizassem os meios necessários. Para eles os meus sinceros agradecimentos e maiores homenagens, bem como as minhas desculpas pela minha persistência. De igual modo deixo uma palavra aos técnicos desta Câmara que, num esforço magnânimo e já reconhecido pelo executivo, conseguiram elaborar os estudos necessários para a adaptação do edifício.

Estamos perante uma obra que se aproximará dos 150 mil contos, custos bastante elevados. Tal investimento só é possível com o apoio do IPLL e vem constituir para nós um desafio. Vamos vencê-lo trabalhando para darmos vida à biblioteca, fazendo dela um polo irradiador de leitura ao concelho e zonas vizinhas. Vamos dinamizar as nossas bibliotecas rurais e de modo especial as salas de leitura existentes nos Centros Sociais que a Câmara vem construindo. Agora com base sólida, com um quadro de pessoal aumentado e melhor preparado, colocaremos em funcionamento uma biblioteca itinerante a percorrer a região.

Assim encontraremos os frutos deste investimento, contribuindo para o enriquecimento intelectual do povo aveirense. A riqueza de um povo não se avalia apenas pelas suas fábricas, o seu comércio, mas sim e também pela sua cultura. Esta funciona como um barómetro. Quanto mais elavada maior é o nível social do povo. Pela cultura se avalia o nível social e económico dum povo.

Antiga Toponímia de Aveiro

Por Fausto de Matos Melo Ferreira

(Aos meus netos João Diogo e Mariana)

Em conversa amena entre amigos, foi ventilado que seria, além de interessante, útil fazer uma toponímia de Aveiro desde os tempos mais remotos.

Com bastantes receios e dificuldades abalancei-me a tal tarefa do que resultou o trabalho que se apresenta, embora com erros e lacunas.

Perdoar-me-ão, mas a vontade de acertar foi grande. Conto com a benevolência do leitor, sempre pronto a perdoar, e, em face do exposto, poder-se-á fazer as rectificações necessárias.

Neste trabalho há a referência a ruas actuais que tiveram diversos nomes. Estas, muitas vezes, não correspondiam a toda a extensão da rua actual até porque, conforme se escondia, ia adquirindo novo nome.

No entanto não podemos deixar de protestar a mudança de nome de ruas e de dar às mesmas nomes de personalidades, por mera ideologia política que nada foram nesta cidade ou nada fizeram por ela.

Já no fim do século passado, Rangel de Quadros escrevia:

"Por se encontrar actualizado um reparo do Conselheiro José Ferreira da Cunha e Sousa, feito no fim do séc. XIX novamente se transcreve:

Nestes últimos tempos tem havido uma febre vertiginosa em mudar os nomes das ruas e em dar assim às existentes, como às abertas de novo, nomes de pessoas das quais nenhum título possuem pelo qual tenham jus à consideração desta cidade; pessoas até desconhecidas da grande maioria de seus habitantes ao passo que ninguém se tem lembrado de prestar essa homenagem à memória de filhos de Aveiro dignos da veneração dos seus conterrâneos".

Podemos procurar, mas não encontramos rua com qualquer dos nomes grandes desta cidade:

Dr. Francisco Ferreira Neves

Dr. José Pereira Tavares

Frei Pantaleão de Aveiro

General João de Almeida (Herói dos Dembos)

Eduardo Cerqueira

O Povo de Aveiro

Sport Club Beira Mar

Também sugeríamos ao pelouro camarário que superintende nestes assuntos que mandasse colocar placas nas ruas em que elas não existem. Algumas existiam mas, devido a obras nos prédios onde as mesmas estavam colocadas, não mais

foram repostas. (Veja-se: - Rua Agostinho Pinheiro, Rua 31 de Janeiro, etc.).

Seria bom que, de futuro, sempre que fosse colocada placa toponímica, esta, além do nome da rua, indicasse os nomes antigos da mesma, caso se justificasse, a exemplo do que já se faz em muitas cidades.

OBRAS CONSULTADAS:

Apontamentos Históricos - Rangel de Quadros.

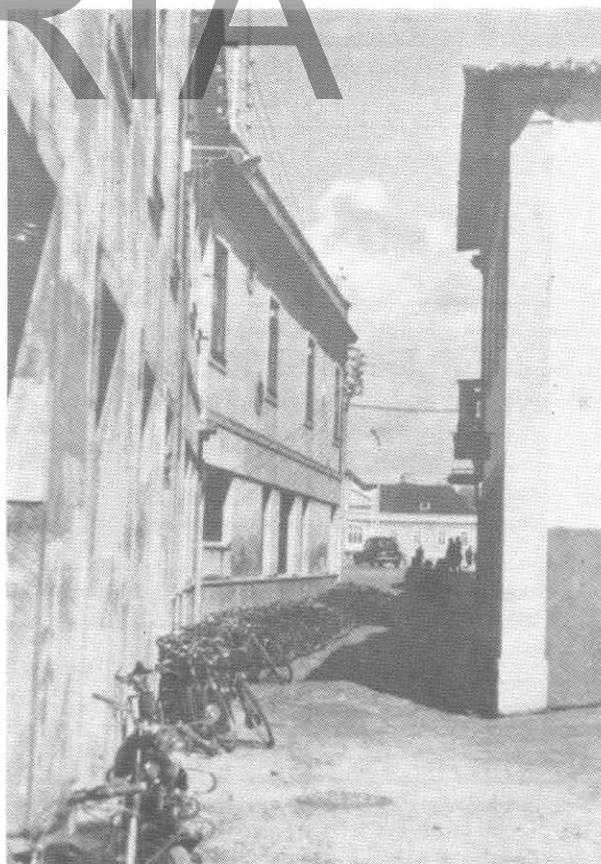
Arquivo do Distrito de Aveiro - Artigos de vários autores.

Boletim Municipal de Aveiro - Artigo do Dr. Emanuel Cunha.

Aveiro-Roteiro da Cidade - Ed. da Com. Munic. do Turismo 1952.

O Mosteiro de Jesus de Aveiro - Domingos M. Gomes dos Santos.

Aveiro, Dezembro de 1988



Aveiro, 1964 - Aspecto da Rua dos Tavares.

NOMES ANTIGOS DE RUAS DE AVEIRO

NOME DAS RUAS		FREGUESIA	OBSERVAÇÕES
ACTUAIS	ANTIGOS		
Aidos (Largo dos)	Camilo Albano (Pátio)	Esgueira	
António Cristo (Rua do Dr.) António dos Santos Lé (Rua de)	Vento (Rua do) Marinhas (Rua das)	Vera-Cruz	António dos Santos Lé - Nasceu em 1879 e faleceu em 1961. Artista musical, compositor, executante, mestre e maestro.
Apresentação (Largo da)	Igreja (Rua da)	Vera-Cruz	
Arcos	Balcões da Praça	Vera-Cruz	
Arrochela (Beco da)	Pocinho (Beco do)	Glória	
Artur Ravara (Avenida da)	Nª Srª Ajuda (Calçada de) Hospital Novo (Rua do)	Glória	Nesta rua existiu a capela de Nª Srª da Ajuda, perto do portão do Parque. Artur Ravara nasceu em Aveiro em 21 de Março de 1848, no Largo do Esp. Santo (hoje Largo de Luís de Camões). Foi médico da Real Câmara.
Batalhão Caç. 10 (Rua do)	Corredoura (Rua da)	Glória	
Beatas (Travessa das)	Arribas (Travessa das)	Glória	
Belém do Pará (Rua de)	Costeira de S. Miguel Loureiro (Rua do) João de Melo (Rua de)	Glória	João de Melo Freitas - Escrivão de Direito e voluntário da Rainha D. Maria II.
Bernardo Torres (Rua de)	José Mortágua (Rua de)	Glória	Bernardo Torres - Ant. Presidente da Câmara.
Cabeço (Rua do)	Sara de Matos (Travessa de)	Esgueira	
Caião (Rua do)	28 de Janeiro (Rua de)	Esgueira	
Paraíso (Cais do)	Paraíso (Rua do) Matadouro (Rua do)	Vera-Cruz	No extremo poente desta rua havia o Matadouro Municipal.
Caixa Económica (Trav. da)	Cojo (Travessa do) Tenente Valadim (Rua do)	Vera-Cruz	
Calouste Gulbenkian (Rua de)	Dona Jerónima (Rua de) Cabouco (Rua do)	Glória	D. Jerónima de Almeida e Costa , mulher do desembargador Manuel Dourado, nasceu em 2/X/1632. Faleceu em 15/VIII/1705 na sua Quinta de S. Gregório (Mais tarde Quinta dos Santos Mártires). Cabouco - Alcinha de um indivíduo que viveu nesta rua dando-lhe o nome.
Campeão das Províncias (Rua do)	Gil Homem (Rua de) Cães (Rua dos) Visconde da Granja (Rua do)	Vera-Cruz	Gil Homem - Provedor dos Metais, cargo que talvez, hoje, corresponda ao de Director da Casa da Moeda. Visconde da Granja : - António Barreto Ferraz de Vasconcelos , nasceu em 23/5/1789. Viveu na casa que faz esquina com a rua do Dr. Ant. Cristo Campeão das Províncias - Jornal fundado por Manuel Firmino de Almeida Maia em 1852.
Cândido dos Reis, Almirante (Rua do)	Visconde de S. Januário (Rua do) Quartel (Rua do) Pimenta de Castro (Rua de)	Vera-Cruz	
14 de Julho (Largo de)	Cinco Ruas (Largo das)	Vera-Cruz	Data da tomada da Bastilha
5 de Outubro (Av. de)	Fonte Nova (Alameda da) Fonte Nova (Largo da) Fonte Nova (Rua da)	Glória	Fonte Nova - Esta fonte no séc. XVI era conhecida pela designação de Fonte da Macieira. Foi demolida em 1951.

NOME DAS RUAS		FREGUESIA	OBSERVAÇÕES
ACTUAIS	ANTIGOS		
Clemente Melo Soares de Freitas (Rua de)	Restauração (Rua da) Leste (Rua de)	Glória	Clemente Melo Soares Freitas - Um dos justicados de 1828.
Clemente de Moraes, Sargento (Rua de)	Bestas (Rua das) Ferradores (Rua dos) Sol (Rua do)	Vera-Cruz	Clemente de Moraes - Sargento do Batalhão de Caçadores 10. Um dos justicados de 1828.
Clube dos Galitos (Rua do)	Alfândega (Rua da) Francisco Matoso (Rua de) 5 de Outubro (Rua de)	Glória	Nesta rua existiu a Alfândega de Aveiro. Francisco de Castro Matoso da Silva Corte Real - Magistrado e homem público do séc. XIX. 5 de Outubro - Dia da implantação do regime republicano.
Coimbra (Rua de)	Costeira	Glória	
Combatentes da Grande Guerra (Rua dos)	Santinha (Rua da) Direita (Rua) Anselmo Braamcamp (Rua de)	Glória	Rua da Santinha - Ficava no extremo sul da Rua dos Combatentes da Grande Guerra.
Costa Cascais, General (Rua do)	Miguel Bombarda (Rua de)	Esgueira	Joaquim da Costa Cascais - Nasceu em Aveiro em 29/X/1814 e faleceu em 1898. Foi lente de desenho, arquitectura e topografia do Real Colégio Militar. Aos seus esforços se deveu a erecção do monumento do Buçaco.
16 de Maio (Rua de)	Flores (Rua das)	Glória	
Domingos Carrancho (Rua de)	Praça (Travessa da) Ferradores (Rua dos)	Vera-Cruz	Domingos dos Santos Barbosa Maia - Antigo Presidente da Câmara. A alcunha de "Carrancho" advém-lhe de ser proprietário de umas terras de cultivo denominadas "Carranchas".
Eça de Queirós (Rua de)	Espírito Santo (Rua do) Igreja (Rua da)	Glória	No fim desta rua havia o largo onde existia a igreja do Espírito Santo.
Espírito Santo (Travessa do)	Passal (Travessa do)	Esgueira	
Fernão de Oliveira (Rua de)	Rolão (Viela do)	Vera-Cruz	Filipe Rolão Pimentel - Fidalgo, natural de Aveiro, casado com D. Leonor Anes Rangel. Fernão de Oliveira - Nasceu em Aveiro em 1507. Autor da primeira gramática portuguesa.
Gravito (Rua do)	S. Paulo (Rua de)	Vera-Cruz	S. Paulo - Rua que teve este nome por no topo poente ter existido a capela de S. Paulo. Francisco Manuel Gravito da Veiga Lima - Um dos justicados de 1828.
Gustavo F. Pinto Basto (Rua de)	Carril (Rua do) Conde de Águeda (Avenida do) Revolução (Rua da)	Glória	Conde de Águeda - Antigo Governador Civil de Aveiro. Gustavo F. Pinto Basto - Antigo Presidente da Câmara Municipal de Aveiro.
Homem Cristo (Rua de)	Saco (Rua do) Fábrica (Rua da)	Glória	Nesta rua havia a fábrica de Pedro Serrano. Homem Cristo - Jornalista e panfletário. Fundador e director do jornal "O Povo de Aveiro".

NOME DAS RUAS		FREGUESIA	OBSERVAÇÕES
ACTUAIS	ANTIGOS		
Homem Cristo, Filho (Rua de)	Trás do Muro (Rua de) Arribas (Rua das) Santo António (Rua de) Mártires do Fascismo (Rua dos) Ravara (Rua do)		Trás do Muro - Por ficar fora das muralhas. Arribas - Só a parte referente à ladeira até à Travessa das Beatas. S. António - No final da rua havia a igreja deste nome. Francisco Manuel Homem Cristo, Filho - Filho do Jornalista do mesmo nome. Jornalista e político fundador do jornal "Ideia Nacional". Conquistou grande nomeado no estrangeiro. Nasceu em Lisboa em 5/III/1892 e faleceu em Itália em 12/VI/1928 vítima de um acidente de viação. Ravara - Nome dado à ladeira por aí viver António Germano de Pinho Ravara.
Humberto Delgado, General (Praça do)	Fruta (Praça da) Luís Cipriano (Praça de) Ponte Praça Frederico Ulrich (Largo)	Glória	Fruta - Entre as duas antigas pontes, do lado Sul, fazia-se o mercado. Luís Cipriano - Médico, pai de José Estêvão. Frederico Ulrich - Ministro das Obras Públicas que mandou construir a Ponte Praça.
Infante D. Henrique (Rua do)	S. Sebastião (Travessa de)	Glória	
João Mendonça (Rua de)	Cais (Rua do) Pelourinho (Rua do) Fontes Pereira de Melo (Rua)	Vera-Cruz	João Augusto de Mendonça Barreto - Aveirense morto em defesa do regime republicano.
João de Sousa Pizarro, Capitão (Rua do)	Nova (Rua) Beatas (Rua das) Sé (Rua da) Barbosa de Andrade (Rua de) Campo (Rua do) Campo de Stº António (Rua do) Nova de Stº António (Rua) Jardim de Stº António (Rua do)	Glória	Beatas - Este nome advém-lhe do convento que existiu nesta rua com este nome. Sé - Nesta rua houve o Convento de S. Bernardino onde funcionou a Sé de Aveiro. João de Sousa Pizarro - Capitão do Batalhão de Caçadores 10, morto na acção da Cruz dos Marouços. Pertencia à casa do Terreiro.
Joaquim António de Aguiar (Rua de)	Judiaría (Rua da) Carmelitas (Rua das)	Glória	Judiaría - Junto ao Convento das Carmelitas havia uma colónia de Judeus.
Joaquim de Melo Freitas, Dr. (Praça do)	Pão (Praça do) Comércio (Praça do)	Vera-Cruz	Pão - Local onde se reuniam os padeiros para a venda do pão.
Jorge de Lencastre, D. (Rua de)	S. Gonçalo Velho (Rua de) Palmeira (Rua da)	Vera-Cruz	D. Jorge de Lencastre - 2º Duque de Aveiro. Morto em Alcácer Quibir quando comandava a Ala de Cavalaria Portuguesa. A outra Ala era comandada pelo próprio Rei.
José Estêvão (Rua de)	Burros (Rua dos) Trás dos Mercadores (Rua de) Ponte Nova (Rua da) Larga (Rua)	Vera-Cruz	Burros - Local onde existiam as cavaliças dos comerciantes da Rua dos Mercadores. Trás dos Mercadores - Rua que ficava nas traseiras das lojas dos comerciantes da Rua dos Mercadores. Ponte Nova - Rua que ficava no enfiamento da Ponte das Almas ou do Cojo.
José Rabumba (Rua de)	Inglezes (Rua dos) Barcas (Rua das)	Glória	Inglezes - Rua onde habitava uma colónia de Ingleses. José Rabumba - Heróico lobo do mar natural de Aveiro. Era conhecido pelo apelido de "O Aveiro". A ele se deve o salvamento de centenas de vidas. (1865-1952).
José Luciano de Castro (Rua de)	Liberdade (Avenida da)	Esgueira	Parlamentar natural de Oliveirinha, Aveiro.
Liberdade (Rua da)	José Luciano de Castro (Rua de) Ponte (Rua da)	Glória	

NOME DAS RUAS		FREGUESIA	OBSERVAÇÕES
ACTUAIS	ANTIGOS		
Loureiro (Rua do)	Carril (Rua do) Caneiro (Rua do) Duque (Rua do)	Glória	Loureiro - Deu-se-lhe este nome por haver na esquina um loureiro muito frondoso. Duque - Uma das frentes do Palácio dos Duques de Aveiro ficava nesta rua.
Lourenço Peixinho, Dr. (Avenida do)	Central (Avenida) 16 de Maio (Avenida de)	Vera-Cruz	Lourenço Peixinho - Médico Eminente Presidente da Câmara Municipal. 16 de Maio - Movimento político de 1828.
Luís de Camões (Largo de)	Espírito Santo (Largo do)	Glória	
Luís Cipriano (Rua de)	Hospital (Travessa do Antigo) Câmara Municipal (Travessa da)	Glória	Só a nascente da Rua dos Comb. Grande Guerra. Só a poente da Rua dos Comb. Grande Guerra.
Luís de Magalhães, Cons. (Rua do)	Bento de Moura (Rua de)	Vera-Cruz	Bento de Moura Coutinho de Almeida D'Eça - General e Engenheiro altamente conceituado.
Magalhães Serrão (Rua de)	Santos Mártires (Rua dos)	Glória	Francisco Silvério de Carvalho Magalhães Serrão - Principal organizador da revolução de 16 de Maio de 1828.
Maia Magalhães (Largo de)	Adro da Vera-Cruz	Vera-Cruz	Maia Magalhães - Oficial do Exército que se distinguiu, especialmente na defesa da República, quando das incursões monárquicas.
Manuel Firmino (Rua de)	Vila Nova (Rua da) Torta (Rua) Agostinha (Rua da) Ourives (Rua dos) Vera-Cruz (Rua da) Santa Cruz (Rua da)	Vera-Cruz	Manuel Firmino de Almeida Maia - Nasceu em Aveiro em 19/II/1824 e faleceu em 30/VII/1897. Presidente da Câmara Municipal de Aveiro. Ilustre político, deputado e Par do Reino. Condecorado com a Cruz da Legião de Honra.
Manuel Luís Nogueira (Rua do)	Norte (Rua do)	Vera-Cruz	Juiz de Fora, implicado na revolução de 1828.
Mário Sacramento (Rua de)	Ílhavo (Rua de)	Glória	
Marquês de Pombal (Praça do)	Terreiro (Largo do) Cruzeiro (Largo do) Albano de Melo (Avenida de) Governo Civil (Avenida do) Rossio do Duque (Rua do)	Glória	Rossio do Duque - Por aqui se encontrar o Palácio dos Duques de Aveiro.
Marmotos (Rua dos)	Bicha (Rua da)	Vera-Cruz	
Mercado (Largo do)	Cojo (Largo do) D. Amélia (Praça de)	Vera-Cruz	
Mercadores (Rua dos)	Balcões (Rua dos) Sombreiraes (Rua dos) Serpa Pinto (Rua de)	Vera-Cruz	
Miguel Bombarda (Rua de)	Lameiras (Rua das) Cadeia Velha (Rua da) Fangas (Rua das) Passeio (Rua do)	Glória	Fanga - Antiga medida de cereais e sal, equivalente a 4 alqueires. Miguel Augusto Bombarda - Prof. universitário, alienista distinto, precursor da República.
Nascimento Leitão, Dr. (Rua do)	Laranjeira (Rua da) Corredoura (Travessa da)	Glória	
Liberdade (Rua da)	Ponte (Rua da) José Luciano de Castro (Rua de)	Glória	Ponte - Tinha este nome porque terminava, do lado norte, na Ponte da Dobadoura.
Pelourinho (Largo do)	República (Praça da)	Esgueira	

NOME DAS RUAS		FREGUESIA	OBSERVAÇÕES
ACTUAIS	ANTIGOS		
1ª Visconde da Granja (Rua do)	Granja (Rua da)	Vera-Cruz	António Barreto de Ferraz de Vasconcelos (1º Visc. da Granja) - Magistrado deputado, par do reino, ministro, figura de relevo do liberalismo.
Príncipe Perfeito (Rua do)	Nora (Travessa da) Nova do Museu (Rua)	Glória	
Queirós, Cons. (Rua do)	Santos Mártires (Campo dos)	Glória	Joaquim José de Queirós - Desembargador, deputado e avô de Eça de Queirós.
Recreio Artístico (Rua do)	Roxo (Travessa do)	Glória	
República (Praça da)	S. Miguel (Adro de) Municipal (Largo ou Praça) Cadeia (Largo da) Liceu (Largo do) José Estêvão (Largo de)	Glória	S. Miguel - Nesta Praça havia a Igreja de S. Miguel. Cadeia - Nos baixos da Câmara Municipal havia a Cadeia. Liceu - Nesta Praça existia o Liceu de José Estêvão (José Estêvão Nome que nunca devia ter sido mudado a este estabelecimento de ensino).
Resende, Tenente (Rua do)	Alfândega Velha (Rua da) Alagoas (Rua das) Alfena (Rua do)	Vera-Cruz	Francisco Resende - Nasceu em Aveiro. Morreu em Combate contra os Cuamatatas em 29/IX/1904. Francisco Leitão Alfeno - Fidalgo nascido nesta rua faleceu em 3/VII/1585.
Rocha e Cunha, Comandante (Rua do)	Americano (Rua do)	Vera-Cruz	Silvério Ribeiro da Rocha e Cunha - Prestigioso impulsionador do Porto de Aveiro, publicista distinto, antigo ministro da Marinha (1976-1944). Americano - Nesta rua passaria um carro de transporte de passageiros, sistema americano, que partiria do Rossio, mas nunca chegou a funcionar.
Sá (Rua de)	Sanches de Castro (Rua de)	Vera-Cruz	
Salineiras (Rua das)	Forno (Rua do)	Vera-Cruz	
Santa Joana (Rua de)	Santa Maria (Rua de) Nª Srª da Misericórdia (Rua de) Nossa Senhora (Rua de) Freiras (Rua das) Rosário (Rua do) Jesus (Rua de) Miguel Bombarda (Rua de)	Glória	Misericórdia - A actual igreja de Nª Srª da Glória era do Convento Dominicano de Nª Srª da Misericórdia. Santa Maria - Assim chamada já no século XV.
Santo António (Largo de)	Santo António (Campo de)	Glória	
Rossio (Largo do)	S. João (Campo de)	Vera-Cruz	Rossio - Neste local existiu a Marinha "Rossia". S. João - Local da capela de S. João (demolida em 1911)
S. Roque (Rua de)	Joaquim Salgado (Rua de)	Vera-Cruz	
S. Sebastião (Rua de)	Cimo de Vila (Rua)	Glória	Cimo de Vila - Assim chamada por estar fora das muralhas da cidade.
Trindade Coelho (Rua de)	Cais (Travessa do) Cancarada (Rua da) Marinhas (Rua das) Veneza (Rua de) Rainha (Rua da) Cal (Rua da)	Vera-Cruz	
31 de Janeiro (Rua de)	Açougue (rua do) Santa Catarina (Rua de)	Glória	Nesta rua havia um açougue
Viana do Castelo (Rua de)	Entre Pontes (Rua de)	Vera-Cruz	Só a parte ocupada pelo Arcada Hotel.
Volunt. Guilherme Gomes Fernandes (Rua dos)	Carril do Forno (Rua do) Seixal (Rua do)	Vera-Cruz	
Von Haff, Eng. (Rua do)	Arnelas (Rua de)	Vera-Cruz	Eng. Von Haff - Ilustre eng. do Porto de Aveiro.

N O M E S	FREGUESIA	C O N F R O N T A Ç Õ E S
Fernão de Oliveira (Largo de)	Vera-Cruz	Situa-se entre o Arco do Comércio e a Rua de Fernão de Oliveira.
Hospital (Viela do)	Vera-Cruz	Ficava entre a Rua de Manuel Firmino e a Rua do Cons. Luís de Magalhães. Na Rua de Manuel Firmino existiu o Hospital dos Pescadores da Irmandade da Nossa Senhora da Alegria (ou Confraria de Santa Maria de Sá).
Manuel Maria (Largo de)	Glória	Confluências das Ruas de Miguel Bombarda, Rato, Santa Joana, Comb. da Grande Guerra e Eça de Queirós.
Mariola (Travessa do)	Vera-Cruz	Ficava no Bairro de Sá.
Olarias (Rua das)	Glória	Desapareceu. Ficava no Bairro do Dr. Álvaro Sampaio.
Poço (Rua do)		Não foi possível localizar.
Postigo de Rabães (Rua do)	Glória	Ficava do lado Poente da Praça do Marquês de Pombal.
Praia da Cruz (Largo da)	Vera-Cruz	Ficava a poente da Rua de S. Roque.
Ribeirinha (Rua da)	Glória	Parece ter sido parte da Rua de José Rabumba ou da Rua da Arrochela.
S. Brás (Viela de)	Glória	Ligava pelo lado poente o Largo de S. Brás com o Largo de Maia Magalhães.
S. Pedro (Viela de)	Vera-Cruz	Ligava o topo norte da Rua dos Mercadores com a Rua do Tenente Resende.
S. Sebastião (Largo de)	Glória	Ficava junto da Fonte dos Amores.
Tavares (Rua dos)	Glória	Ficava entre o Largo de S. Brás e Praça de Humberto Delgado.
Trás da Alfândega (Rua de)	Glória	Ficava entre o Largo de S. Brás e Praça de Humberto Delgado.
Vila Lobos (Viela de)	Vera-Cruz	Ficava perto da Rua do Sargento Clemente de Moraes.
Alegria (Rua da) Máximo de Carvalho (Rua de)	Glória	Rua que corre paralela à Rua dos Santos Mártires e ao Cais do Albói.
Alminhas (Viela das)	Glória	Ficava entre a Ponte das Almas ou Cojo (desaparecida) e a Rua da Corredoura.
Bento de Magalhães (Largo de)	Glória	Ficava no início norte da Rua de Belém do Pará. Bento Rodrigues Xavier de Carvalho Figueiredo Barbosa de Magalhães Nasceu em 28/IV/1820 e faleceu em 8/II/1869. Foi Presidente da Câmara de 1852 a 1853 e Presidente da Caixa Económica.
Bento de Moura (Avenida de)	Vera-Cruz	Ficava entre a Rua do Com. Rocha e Cunha e Rua do Cons. Luís de Magalhães.
Campo (Rua do)	Glória	Ficava na Praça do Marquês de Pombal.
Capela (Rua da) Henrique de Macedo (Rua de)	Glória	Rua paralela a poente da Rua da Liberdade.
Caravelas (Rua das)	Vera-Cruz	Não foi possível localizar.
Carril (Rua do)	Glória	Ficava em parte na Rua de S. Sebastião e ia desaparecer na Rua da Olaria (desaparecida).
Cavaco (Viela do)	Vera-Cruz	Ligava pelo norte a Rua de José Estêvão com o Largo da Apresentação.
Corredoura (Rua da)	Esgueira	Não foi possível localizar.

RUAS QUE DESAPARECERAM COM A URBANIZAÇÃO

NOMES	FREGUESIA	CONFRONTAÇÕES
Correio (Viela do)	Glória	Ligava a Praça da República, pelo lado poente, com a Rua dos Tavares (desaparecida).
Cruz (Rua da)	Glória	Viela curta e estreita que ia da Rua dos Comb. da Grande Guerra até à Praça do Marquês de Pombal.
Edmundo Navarro (Rua de)	Vera-Cruz	Largo da Praça do Peixe e ia até ao Cais dos Mercantéis.
Espeto (Viela do)	Vera-Cruz	la do norte da Rua de Manuel Firmino para o sul até ao Esteiro da Caldeira (Mais ao menos onde está o Monumento aos Mortos da Grande Guerra).
Estreita (Viela)		Não foi possível localizar.
Fábrica (Travessa da)	Glória	Ligava a Rua de Homem Cristo e a Rua do Bat. Caç. nº 10.

biblioteca



Aveiro "Empório do Sal" numa evocação de António Sérgio

Por Júlio de Sousa Martins

introdução.

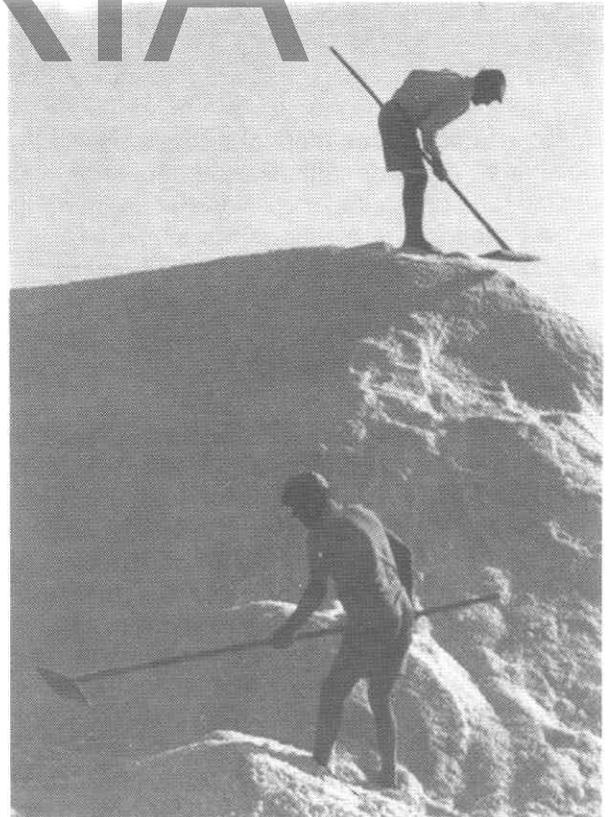
× Na "Introdução Geográfica-Sociológica à História de Portugal", de António Sérgio, Aveiro ocupa lugar de destaque, que melhor se compreende se recordarmos a perspectivação que o autor entende dever ser a da nossa História, e que aqui exprimimos nas suas próprias palavras: "(...) actuou na formação e consolidação da Grei um factor cosmopolita e comercial-burguês, apoiado sobretudo na pescaria e no sal e não na exportação de produtos agrícolas". E ainda: "Se não erro muito (...), base agrícola à navegação da Grei só existiu com vulto (...) com o açúcar que nos vinha do Brasil. Propendemos a crer que na Idade Média o mais importante da exportação do País consistiu em riquezas que do mar se tiravam. Ao que se nos antolha, nunca esteve na terra mas sim no Oceano (e na riqueza buscada pela via marítima) o mais forte esteio da vitalidade da Pátria. Continuidade, portanto, da 1ª dinastia para a 2ª, como temos aventado desde há muito, em oposição a tese da **monarquia agrária**".

Começa, pois, a entender-se a razão da importância por António Sérgio implicitamente atribuída a Aveiro, que lhe mereceu, na obra em destaque, dezenas de referências, como, por exemplo: "(...) a condição geográfica na criação e expansão da nação portuguesa como corpo político independente foi o significado topográfico dos nossos portos para a actividade marítima-comercial europeia unido ao valor das costas e das condições do clima para a obtenção da riqueza tirada do mar (pescarias, sal)".

Já em 1930, Silvério Ribeiro da Rocha e Cunha, no seu "Relance da História Económica de Aveiro", salientava a importância dessa tese de António Sérgio, citando a seguinte passagem, a propósito da função dos portos na fase da vida da nacionalidade que procedeu os Descobrimentos: "Os portos eram mais numerosos do que hoje, e constituíam uma escala indispensável entre o Norte e o Sul da Europa. Daí proveio a formação no litoral de uma burguesia cosmopolita, oposta em mentalidade e interesse aos senhores rurais do interior. O antagonismo entre a burguesia comercial marítima e os senhores do interior teve uma participação importantíssima na evolução da sociedade. As cruzadas do século XI promoveram o desenvolvimento dos portos e portanto a não incorporação de Portugal no todo político a que presidia Castela".

E prossegue Silvério da Rocha e Cunha: "A teoria de António Sérgio corresponde incontestavelmente à evidência dos factos. Ela explica a formação

da vila de Aveiro, e da sua psicologia especial em qualidades e defeitos, que a distinguem ainda hoje das outras povoações da região. Uma corrente comercial, se representa materialmente um intercâmbio de mercadorias, representa também espiritualmente um intercâmbio de ideias de civilizações diferentes. O contacto que essa corrente estebeleceu com os povos do Norte, sobretudo ingleses, flamengos, holandeses, a larga permanência de elementos destes povos na própria vila, imprimiram à burguesia aveirense um carácter e uma mentalidade diferente das outras populações, que a ensimesmou, alheando-a quase inteiramente da vida do interior. A jurisdição da vila nunca excedeu material e espiritualmente o alcance de um tiro de béstia disparado das suas muralhas; este aspecto da sua mentalidade da sua burguesia dos séculos XV e XVI ainda hoje é um facto, como ainda é um facto o amor pela ordem, pela liberdade, pela economia, a tolerância, a morigeração dos costumes, o asseio doméstico e o gosto pela pompa dos cortejos religiosos.



Aveiro - Na Faina do Sal.

"(...) O movimento demográfico do interior para o litoral depois da conquista de Lisboa (...) acentuou-se com o progresso material e moral dos agrupamentos urbanos litorais.

"(...) A importância social da burguesia marítima assegurava maior soma de liberdade, a sua riqueza multiplicava actividades e criava o desafogo e o conforto, e assim as vilas marítimas eram centros de aspiração das populações rurais, que sofriam uma vida dura de trabalho, servidão e aspirações".

Mais adiante, Rocha e Cunha, a propósito da decadência económica do País nos séculos XV e XVI e da desorganização da sua vida nos séculos seguintes, interpreta assim António Sérgio: "A crise rural manifestava-se desde o século XIV; as providências tomadas para fomentar o trabalho agrícola poucos resultados tinham produzido. A nobreza, em vez de acompanhar e dirigir o trabalho produtor, agravava a terra e as indústrias com encargos parasitários; D. Dinis não consegue convencê-la da dignidade e da nobreza dos trabalhos agrícolas. Assim, a vida campestre e as profissões manuais assustavam e arruinavam os indivíduos que as exerciam; as crises de subsistência eram frequentes. Os campos despovoavam-se para as terras do litoral, entregando as suas energias ao tráfico marítimo, favorecido pela situação geográfica do País e pelas necessidades económicas da Europa do Norte.

"A política de transportes venceu a política de produção; este fenómeno dominou a vida económica da Nação, intensificou-se com os Descobrimentos e conquistas, e arruinou-a promovendo a crise que veio até ao nosso século".

E continua Rocha e Cunha: "Resumindo: o sr. António Sérgio demonstra que não foi possível equilibrar a política de produção com a política de transportes. A falta de comunicações terrestres deve ter sido uma causa importante desta crise. De que serviria produzir muito nas terras interiores, se o excedente do consumo local não podia ser transportado para centros não produtores ou de consumo superior à produção? A mesma dificuldade impedia a colocação no interior dos produtos do litoral e dos que por via marítima afluíam aos portos.

"O fenómeno económico, tão lucidamente exposto pelo Sr. A. Sérgio, tem causas muito complexas, e entre elas a que acabamos de indicar".

No que tem a ver com referências directas a Aveiro e sua região, eis algumas, entre as mais significativas, em páginas que António Sérgio dedicou (na obra referida) à Beira Litoral:

"Esta Beira, ao norte, é cortada pelo vale inferior do Vouga, distrito de **polders** fertilíssimo e plano, todo ele retalhado por canais pequenos, que partem e irradiam da grande 'ria' de Aveiro. É a chamada **Holanda portuguesa**. Os campos rectangulares, o rectilíneo dos valos dividem o terreno como um xadrez. A **ria** é um ambiente ideal para a pesca, de que Raúl Brandão nos deu telas

magníficas no seu livro intitulado **Os Pescadores**, e um foco de irradiação de trabalhadores para variados pontos da nossa costa (...). Além da pesca, a cultura do arroz e o fabrico do sal são fainas características do habitante da ria - um ser anfíbio, por assim dizer, dado à pescaria e à lavoura, a qual nasceu aqui do que lhe vem do mar, por isso que emprega para adubar as terras o molicho de algas e de mariscos. Graças a este, conseguiu-se transformar um areal (...) numa das regiões mais férteis do distrito (faixa de Mira, Vagos, Ílhavo, ao sul de Aveiro). Em torno de Aveiro, os barcos parecem navegar nos campos sobre os quais se elevam como manchas vivas as suas velas brancas ou purpurinas. No décimo segundo e décimo terceiro século o Vouga comunicava francamente com o mar, por uma barra aberta; e subiam por ele embarcações de tráfico, pois foi somente no século XIII que começaram a avultar paralelamente à costa as línguas de areia que determinaram o **hafe**. O sal produzido na ria de Aveiro cobrou a fama do melhor do nosso país o chamou-se à cidade o **empório do sal** (36.000 toneladas anuais). O rendimento das salinas era dividido a meias, por via de regra, entre o indivíduo que a explora e o proprietário".

E prossegue António Sérgio: "A sueste de Aveiro está a região da Bairrada (Mealhada, Anadia, Mogofores, etc.), a dos vinhos célebres - vinhos fortes e bem maduros, bastante alcoólicos, taninosos. A cultura da vinha é aí antiquíssima; decaiu no tempo do marquês de Pombal, o qual deu ordem de arrancar os vinhedos, a fim de evitar a competição desleal aos vinhos da Companhia do Alto Douro, por ele próprio fundada (1759). No reinado de D. Maria II, no entanto, foi dada licença de replantar as vides. Actualmente, uma boa parte dos vinhos brancos é aí transformada em tipo espumoso, com perfeito êxito".

Após referir que "a viuvez (...) é a sina da mulher da beira-mar", a propósito dos numerosos naufrágios ao longo da costa, Sérgio cita Duarte Nunes do Leão (século XVII), que, em notícias sobre o peixe que se pescava nas nossas costas, incluía Aveiro entre os portos em que "é cousa notável a multidão que dão de pescado, e a sua bondade", acrescentando o cronista, mais adiante, acerca da exportação de peixe: "se levam também muitos linguados sapateiros de Aveiro, feitos e adubados em barris".

Seguidamente, António Sérgio apresenta fundamentadas opiniões acerca da importância do sal, tanto na economia medieval como na contemporânea, salientando que essa actividade era relevante "já nos primeiros tempos de Portugal", e explica: "Torna-nos aptos para tal indústria a secura prolongada do nosso Estio - com temperaturas elevadas, com evaporação activíssima. O sal português, por via de regra, distingue-se pela limpeza e pela brancura, e o tipo conhecido como **sal grosso** é bem menos deliquescente que os estrangeiros. Por isso, os comerciantes, os fabricantes, os

pescadores da Europa setentrional, da América do Norte e do Brasil têm dado preferência ao nosso sal".

Mais acrescenta António Sérgio: "O tráfego das salinas deu seu concurso para animar os portos nos tempos que precederam os Descobrimentos, porque o sal foi objecto de exportação (como o pescado, o vinho, o azeite, as frutas secas, a peletaria, as madeiras, o mel, a cera e a grã), e supomos nós que de muitíssima conta nas possibilidades de desenvolvimento da nossa Grei. Se não estamos em erro, à salina competia, então, no sistema económico de Portugal, um papel semelhante ao que séculos mais tarde representaram duas fontes de riqueza que explorámos em terras do Brasil: o engenho de açúcar e a mina de ouro.

Norte - escandinavos, neerlandeses, escoceses, irlandeses, etc. - e as terras ocidentais em que a evaporação é forte, e onde se pode por isso produzir sal. Nos Países Baixos, o grande centro da pescaria europeia, tão grave era o problema da importação do sal que pelas flutuações no preço dele se previam as crises da economia. Objecto, então, de intensíssimo tráfico, servia de frete de retorno aos navios estrangeiros que nos visitavam. As Cortes de Elvas de 1361 (reinado de D. Pedro I) exaltam o valor do comércio do sal na vida económica da nossa gente: **item ao que diziam no quinquagésimo artigo, comenta o rei, que bem sabíamos quando sal é cumpridoiro (útil, vantajoso) e necessário aos nossos senhorios, porque por ele recudiam à**



× "O sal servia para salgar peixe e carne, e o manjar salgado tinha lugar de vulto na alimentação dos povos da Idade Média: foi por isso mercadoria das de maior consequência, e factor económico de excepcional valia no sistema de troca dos portugueses. Quem o procurava com o mais vivo empenho eram as gentes circumspectas do mar do Norte. As costas deste mar, com efeito, oferecem-se riquíssimas de peixe, sobretudo nos bancos onde pesca o arenque; as águas marítimas, porém, são de fraca salinidade em tais paragens, e o frio e a humidade setentrionais não consentem ali uma evaporação bastante: portanto, faltam condições para a salicultura. Estabeleceu-se por isso um intercâmbio activo entre esses povos pescadores do

nossa terra muitos mantimentos, e a nós muita prol (proveito, lucro), e muitos de muitas partes de fora de nossos reinos, quando aí havia avondamento, dele carregavam naves e outros navios para outras terras, de que nós tiramos grandes dízimos - e pelo resto do texto se fica sabendo que era então o concelho de Aveiro um centro primacial de tal comércio".

E António Sérgio interroga-se: "Não convirá iembrarmo-nos deste texto interessante acerca da importância do comércio do sal na economia da nação e na do erário régio, ao ouvirmos chamar **monarquia agrária** à da nossa dinastia de Borgonha?".

Mais adiante, escreve Sérgio:

"Para o sul do Douro, até ao Vouga, a costa é mais rectilínea que para a banda do Norte. Lisa e baixa, arenosa e dúnica, não oferece o menor abrigo contra os ventos tempestuosos dos quadrantes de oeste e não quebra a monotonia do seu aspecto para proporcionar conhecimentos a um navegante. Na extremidade sul, era o Vouga outrora de barra franca, como dissemos já; mas termina actualmente num hafe-delta - isto é num delta combinado com uma complexa laguna, a qual se encontra separada do mar por estreitas línguas arenosas.

"Aveiro, no século XV, foi um dos portos mais prósperos da nossa costa, e por ele se exportavam nesse mesmo século os vinhos e azeites de Coimbra. Hoje tem actividades bastantes variadas: pesca longínqua, do alto mar e do rio, assim como a indústria da produção do sal".

E prossegue António Sérgio: "Ao que parece, foram os de Aveiro e os de Viana os iniciadores da pesca do bacalhau na zona dos bancos da Terra Nova; e no tempo de D. Manuel (1459-1521) era este o porto de toda a costa que mais naus enviava àquela zona. Pelo ano de 1550 possuíam os pescadores do porto de Aveiro 150 barcos apropriados às fainas da Terra Nova.

"Pelo recenseamento de 1552, sabe-se que o porto de Aveiro era, do Norte do País, o que a todos superava na arqueação de navios (5.060 tonéis), por possuir grande número de embarcações pequenas (provavelmente para a pesca na Terra Nova e não para o tráfego comercial). Ao tempo da descrição de 1630, de Teixeira Albernaz, já a barra se apertara muito; e, no entanto, ela diz: **"a sua população é tão grande como nobre, mostrando antiguidade em seus edifícios, mui rica de trato (comércio) pelo muito sal que em seu porto embarca para muitas partes...** Fabricam-se neste porto, nas margens do rio, galões e navios, e outras embarcações usadas neste reino de Portugal, muito ligeiras, a que chamam caravelas.

"Em 1552, vinham depois do porto de Aveiro, no respeitante a arqueação de navios, Vila do Conde (4505 tonéis), Leça (3590), Matosinhos (2305), Porto e Massarelos (1810) e Azurara (1670).

"De Aveiro para baixo, a orla marítima, nos primeiros tempos da monarquia, deveria passar uma meia dúzia de quilómetros para leste da linha que apresenta hoje: com efeito, a povoação de Mira era então um porto".

E António Sérgio reproduz, depois, um saboroso texto de Raúl Brandão que também aqui se transcreve:

"De Aveiro a Viana, do interior das terras, das areias solitárias do Douro, entre paredões temerosos e compactos (lá em cima reluz uma estrelinha), dos sítios perdidos de Trás-os-Montes, desce também neste tempo para a costa o formigueiro humano que vem atrás do apresigo do Inverno, do negócio que os tenta, e da fortuna que o mar prodigaliza. Não há terreola de seis cavadores submersa

pelos montes, onde a sardinha não chegue - viva da costa. É nesta época que reaparecem os bandos de homens negros e tismados, as mulheres descalças com a saia pela cabeça, para disputarem a quem mais dá os lotes de sardinha dispersos no areal. Carregam-na os almocreves nos burros canastreiros, e os do Douro nos barcos rabelos de grande vela latina, com o arrais de pé sobre a gaiola de pinho descascado; os vareiros às costas, com a vara atravessada no ombro e um cesto em cada ponta, os regatões que a acamam em gigos ou a salgam no fundo das barricas, as sanjoaneiras e as varinas, que de perna à mostra e a canastra à cabeça correm pela estrada ribeirinha, a caminho do Porto. - De Espinho, viva!"

E prossegue António Sérgio: "A ria de Aveiro, que demora ao sul, é um centro de trabalhadores da pesca. De Ílhavo se dispersa muita gente marítima, que vai de ali empregar-se nos mesteres de transporte nos portos mais importantes da nossa costa. O caso teve já uma representação literária, pois são embarcações provenientes de Ílhavo os que vemos disputando com pegadores de toiros, num barco do Tejo, no início das **Viagens na Minha Terra**, a obra prima da prosa de Almeida Garrett (1799-1854). O autor dá deles este retrato breve: **Em vez do calção amarelo e da jaqueta de ramagem que caracterizam o homem do forcado, estes vestiam o amplo saiote grego dos varinos, e o tabardo arrequifado siciliano de pano de varas. O campino, assim como o saloio, tem o cunho da raça africana; estes são da família pelasga: feições regulares e móveis, a forma ágil.** Segundo Raúl Brandão, encontra-se sempre o mesmo tipo de homens, tanto em Aveiro como na Nazaré, tanto em Sesimbra como na Caparica, e todos eles nos afirmam a sua origem de Ílhavo".

Como exemplos da importância concedida a Aveiro por António Sérgio, parecem suficientes os aqui já apresentados - não sendo, com certeza, exagerado pensar que pelo menos os aspectos focados nesta sua obra seriam desenvolvidos e complementados na sequência que Sérgio nunca viria a escrever.

A terminar esta evocação, que é também uma homenagem ao grande pensador, recorda-se mais uma prova da presença actuante dos aveirenses fora do seu rincão natal, ainda pela escrita de António Sérgio:

"Um povoado marroquino de cubos brancos, tal a aparência que tem Olhão. Seria aqui erróneo, todavia, o supor sobrevivências do tempo árabe. Ao longo do curso do século XVIII existiam apenas naquele local umas cabanas paupérrimas de pescadores, que da Ria de Aveiro teriam vindo (não se sabe ao certo como isso foi) e só no ano de 1790 se construíram casas de melhor aspecto, graças a lucros no contrabando, ocasionados pelo cerco de Gibraltar".

Júlio de Sousa Martins

Capítulo de "AVEIRO NA HISTÓRIA" (Obra a publicar)

1. A PRINCESA SANTA JOANA E A SUA ÉPOCA

Com data de Maio de 1988, a Câmara Municipal de Aveiro publicou a segunda edição do livro **A Princesa Santa Joana e a sua Época**, de que é autor Mons. João Gonçalves Gaspar. A capa foi idealizada pelo artista Jeremias Bandarra e reproduz uma pintura de Sousa Araújo.

O Dr. José Girão Preiera, Presidente do Município, escreveu para esta edição, de 5000 exemplares, a seguinte introdução:

A primeira edição do livro "A Princesa Santa Joana e a sua Época (1452-1490)", saída do prelo em 1981 a expensas da Câmara Municipal de Aveiro, encontra-se completamente esgotada, já há alguns meses; a sua tiragem foi de 2500 exemplares, dos quais 2000 foram numerados e rubricados pelo autor. Por tal razão, a Edilidade Aveirense, em reunião ordinária de 21 de Dezembro de 1987, deliberou responsabilizar-se por uma nova edição do referido livro, agora de 5000 exemplares, certa de que, com esta iniciativa, presta um serviço à Comunidade.

O texto não é pura e simplesmente a reprodução do anterior; o autor, que é o conhecido aveirógrafo Mons. João Gonçalves Gaspar, aproveitou a oportunidade para o corrigir, modificar ou melhorar, onde julgou fazê-lo, sem alterar a estrutura da obra.

A Câmara Municipal de Aveiro agradece ao autor a gentileza de, mais uma vez, abstraindo de quaisquer direitos, lhe ter confiado o original do seu trabalho e lhe ter proporcionado a ocasião de relembrar aos Aveirenses — e aos leitores — a personalidade de Alguém que, deixando Lisboa e a Corte, escolheu a então pobre e humilde Vila de Aveiro para nela viver e morrer.

A publicação deste livro significa outrossim uma homenagem e uma gratidão à Princesa Santa Joana, a quem esta Terra muito deve do seu progresso, não só no aspecto espiritual mas também no aspecto material; não é sem razão que o povo, logo após o seu falecimento e antes mesmo do julgamento da Igreja, tenha começado a invocá-la como celeste protectora e padroeira.

2. ACHEGAS PARA A HISTORIOGRAFIA AVEIRENSE

Num dos últimos dias de Dezembro começou a aparecer nos escaparates das livrarias um novo livro editado pela Câmara Municipal de Aveiro. Trata-se de **Achegas para a Historiografia Aveirense**, da autoria de João Evangelista de Campos. Com uma tiragem de 1.000 exemplares, a publicação tem uma capa cujo "design" pertence ao conhecido artista aveirense Jeremias Bandarra.

O Presidente da Edilidade, em palavras de prefácio, escreveu:

A Câmara Municipal de Aveiro, com a publicação do presente livro, deseja prestar sincera e justa homenagem a um Homem que, de há anos a esta parte, tem dedicado muito do seu tempo a fazer-nos rememorar, em colunas de jornal, uma época de Aveiro não muito distante, mas já desconhecida de muitos dos nossos conterrâneos. Trata-se de João Evangelista de Campos que, rebuscando no escaninho das suas recordações ou nas páginas amareladas dos jornais, nos tem deliciado com a descrição de episódios e a lembrança de pessoas.

Nascido em 16 de Janeiro de 1901 nesta cidade, na Rua do Espírito Santo - que hoje se chama de Eça de Queirós - João Evangelista de Campos, ainda com menos de sete anos de idade, passou a viver no Asilo-Escola

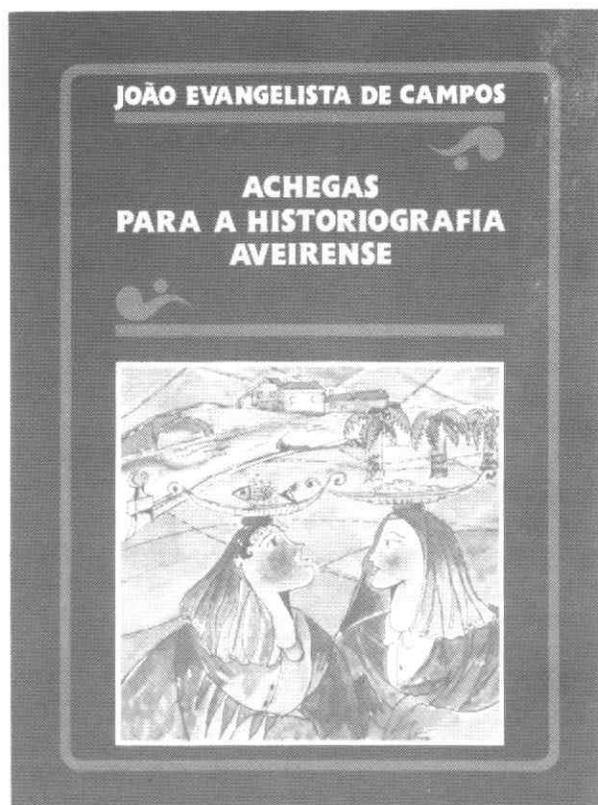
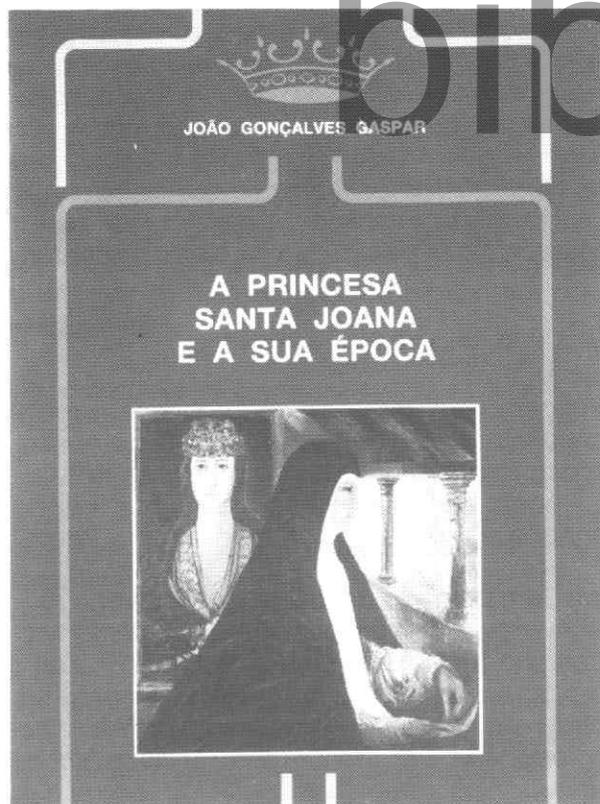
Distrital (Secção Barbosa de Magalhães). Após o exame do segundo grau da Instrução Primária, empregou-se, com doze anos; depois, matriculou-se na Escola Comercial e Industrial de Fernando Caldeira, para frequentar o Curso Elementar de Comércio.

Ao longo da sua vida, desempenhou as funções de guarda-livros em diversas Firms e inscreveu-se como sócio da Associação dos Empregados de Distrital (Secção Barbosa de Magalhães). Após o exame do segundo grau da Instrução Primária, empregou-se, com doze anos; depois, matriculou-se na Escola Comercial e Industrial de Fernando Caldeira, para frequentar o Curso Elementar de Comércio.

Ao longo da sua vida, desempenhou as funções de guarda-livros em diversas Firms e inscreveu-se como sócio da Associação dos Empregados de Comércio de Aveiro e da sua sucessora Fénix de Aveiro, do Sindicato Nacional dos Empregados do Comércio, da Sociedade Recreio Artístico e dos Bombeiros Velhos, onde ocupou lugares nos respectivos corpos gerentes, procurando inserir-se no dia-a-dia dessas agremiações... no dia-a-dia de Aveiro.

A pedido do Dr. David Cristo, João Evangelista de Campos começou a colaborar no semanário aveirense "Litoral", precisamente em 2 de Julho de 1976 (nº 1115), sob a epígrafe "Acheugas para a Historiografia Aveirense", escla-recendo certos pormenores sobre a "Mina" - interessante artigo publicado umas semanas antes no mesmo jornal e assinado por José Figueiredo da Silva. Vários meses decorridos, João Evangelista de Campos iniciaria com periodicidade regular os seus agradáveis escritos, no referido semanário.

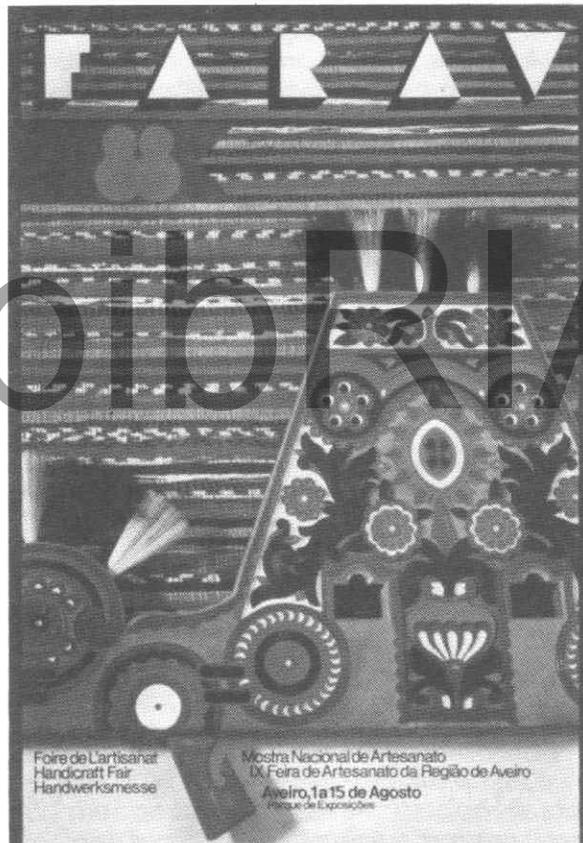
Foi com a recolha da primeira centena desses artigos que a Câmara Municipal de Aveiro, pelos Serviços da Cultura, compôs o presente livro, que tem o gosto de colocar na mão dos aveirenses. Se a sua publicação significa uma homenagem, também tem por fim dar a conhecer a nossa Terra.



FARAV/88

De 1 a 15 de Agosto, no Recinto Municipal das Feiras e Exposições, decorreu a IX Feira de Artesanato da Região de Aveiro — FARAV/88 - pela primeira vez também Mostra Nacional de Artesanato.

A edição deste ano ainda se caracterizou como Mostra Internacional de Artesanato, pois contou com a presença de representações da Espanha (Galiza), da Grécia, da URSS, da Hungria, da Bulgária, do Uruguai, da China, do Paquistão, da Índia, do Quénia, de Marrocos, de Angola e de outros países africanos.



Cartaz da FARAV/88
(Design: Jorge Trindade)

Numa organização da Câmara Municipal de Aveiro, com a colaboração da Região de Turismo da "Rota da Luz" e da Cooperativa de Artesãos "A Barrica", a FARAV/88 teve a presença de 46 artesãos a trabalhar ao vivo - 15 de Aveiro e 31 de diversas zonas do País.

*"A FARAV/88 - I Mostra Nacional de Artesanato - conforme se lia na abertura do guião da Feira, subscrita pelo Vereador do Pelouro da Cultura, Prof. Celso Baptista dos Santos - é um duplo certame que pretende ser uma das mais evidentes provas de que as artes ou **Indústrias** (como foram designadas durante muito tempo) populares tendem para se revitalizarem e não para se diluírem na voragem do progresso. Essa tem sido, aliás, a principal aposta ou razão de ser proposta desde há nove anos (esta é a IX FARAV - Feira de Artesanato da Região de Aveiro) à consideração não só da população como das entidades oficiais relacionadas com o sector, como dos próprios*

artesanos. E foram estes que, pelo renovado interesse e insistência, a nível de todo o País, como que obrigaram a alargar o âmbito da FARAV, acrescentando-lhe uma significativa presença de artesanos provenientes de praticamente todas as regiões do País bem como de outros países*.

Finalmente, para um breve relance do caminho percorrido, transcreve-se do referido guião a síntese deste certame, feita pelo Dr. Emanuel Cunha, dos Serviços de Cultura da Câmara Municipal de Aveiro:

- "No ano de 1978, a então Comissão Municipal de Turismo começou a diligenciar no sentido de promover, em Aveiro, no ano seguinte, uma Feira de Artesanato. Porém, vicissitudes várias obstaram a que tal iniciativa se concretizasse, com a amplitude desejada, embora, como afirmação inequívoca de levar por diante o certame, pelo menos três artesanos, em seis "stands", estiveram presentes na exposição/venda que ocupou a esplanada sobranceira à Praça da República.

O ano de 1980 marcou definitivamente o arranque da Feira do Artesanato da Região de Aveiro, que ocupou o já vasto espaço proporcionado pela Praça da República e esplanada contígua, sinal evidente de que foi grande a receptividade junto dos artesanos.

Em 1981 e 1982, já em condições bastantes aceitáveis pelos meios postos à sua disposição, a Feira realizou-se no pavilhão octogonal do Recinto Municipal das Feiras e Exposições; mas, em 1983 e 1984, voltou novamente à Praça da República, local então considerado como o mais privilegiado pela sua situação central em relação à cidade.

Contudo, atendendo à proporção entretanto atingida em 1985, o certame regressou ao recinto das Exposições Municipais, para, no ano seguinte, se realizar no mesmo lugar já sob a responsabilidade da Câmara, com o apoio da Cooperativa dos Artesãos da Região de Aveiro A BARRICA — o que, aliás, acontecera desde sempre — e da Região de Turismo da ROTA DA LUZ.

Do pequeno número de artesanos, a Feira foi crescendo e afirma-se cada vez mais, quer a nível distrital quer a nível nacional, crescimento esse traduzido no progressivo aumento do número de expositores, no volume de vendas, na diversidade e qualidade dos produtos expostos, considerando-se que o certame já atingiu o estatuto de feira distrital (e até nacional) pelos seus próprios meios.

Finalmente a FARAV é também o corolário das actividades dos artesanos, abrindo-lhes a possibilidade de mostrar e vender os seus produtos, e sensibiliza os visitantes para a preservação das artes tradicionais. Além disso, torna-se ainda um espaço de animação que permite uma maior dinâmica na captação e fomento do Turismo.

Este certame apresenta-se agora simultaneamente com a 1ª Mostra Nacional de Artesanato, cuja realização se baseia exactamente no êxito da FARAV propriamente dita*.

AGROVOUGA/88

Mostra agrícola, industrial e de artesanato, a AGROVOUGA é um certame ao serviço do desenvolvimento da Região de Aveiro e do País — o que se tem verificado desde a realização da primeira, em 1976. Logo em 1979, o Prof. Dr. Apolinário Vaz Portugal, Ministro da Agricultura e Pescas, realçava a importância da Feira, atribuindo-lhe o "Concurso Nacional do Bovino Leiteiro". Em 1982, o Dr. Basílio Horta, Ministro da Agricultura, Comércio e Pescas, classificou-a como "Feira Nacional do Bovino Leiteiro". Nos anos posteriores, a AGROVOUGA continuou a impor-se, de tal modo que hoje é uma das manifestações aveirenses com maior impacto em áreas diversificadas, ultrapassando mesmo as de carácter puramente agro-pecuário.

A AGROVOUGA/88 realizou-se de 10 a 18 de Setembro, no Recinto Municipal das Feiras e Exposições, e incluiu, além da tradicional exposição de maquinaria agrícola, uma Exposição de Artesanato e uma Mostra Comercial e Industrial da Região de Aveiro.

Por outro lado, durante os dias da AGROVOUGA/88, realizaram-se conferências, colóquios e debates de carácter técnico, actuação de grupos

folclóricos e musicais, concursos pecuários e concursos do queijo, desfiles de cavaleiros e atrelagens, etc.

A concretização da iniciativa coube a uma Comissão Executiva e teve o apoio da Direcção Regional de Agricultura da Beira Litoral, da Direcção Geral de Pecuária, das Cooperativas Agrícolas da Região, do Governo Civil do Distrito e da Câmara Municipal de Aveiro.

15

bibRIA



Cartaz da AGROVOUGA/88
(Design: Jorge Trindade)

A AGROVOUGA/88 contou também com uma componente cultural: o III Salão de Artes Plásticas de Artistas de Esgueira, cuja iniciativa ficou a dever-se à Junta de Freguesia local; devido ao facto de não existir em Esgueira um espaço disponível e apropriado e após os necessários contactos com a Comissão Executiva da AGROVOUGA/88, foi possível dar lugar ao certame no pavilhão octogonal.

Em todos os dias da Feira, publicou-se o "Diário" da AGROVOUGA/88, sob a direcção do jornalista Júlio de Sousa Martins; das palavras de abertura do primeiro número, subscritas pelo Presidente da Câmara Municipal de Aveiro, recortamos as seguintes:

"Não tem sido fácil o percurso da Agrovouga, ao longo dos seus já treze anos de existência, e cujo início, em 1976, teve a ver com a necessidade de lançar forte grito de alerta, a nível nacional, para o desprezo a que estava (e, afinal, continua a estar, embora se vislumbre uma luzinha ainda muito ao fundo do túnel do esquecimento) votada uma das zonas potencialmente mais ricas do nosso país: o Baixo Vouga.

Apesar das vicissitudes com que tem deparado e lutado, a Agrovou-

ga acabaria por se impor, sendo actualmente considerada a feira "mais importante e antiga do País do sector leiteiro".

As referidas vicissitudes tiveram a ver com numerosos factores, não só a nível de Poder Central como da falta de fé de algumas instituições oficiais naturalmente vocacionadas com o sector-base do certame, como ainda de aspectos de sanidade de animais (por vezes talvez exageradamente empolados - e coincidindo, como por acaso, com a data de realização da Feira).

No entanto, com tenacidade, persistência e elevado grau de empenhamento por parte dos seus responsáveis, a Agrovouga tem vencido galhardamente todos os obstáculos, e aí está cada vez mais viva e actuante, atraindo de ano para ano um maior e mais diversificado número de expositores e feirantes propriamente ditos, que acreditam na vitalidade e seriedade com que o certame se organiza e patenteia.

E de tal modo isto é verdade que, com o decorrer dos tempos, a Agrovouga passou a ser um certame com notório pendor industrial, não só relacionado com o sector agro-pecuário (o que seria natural), como também noutros domínios - o que demonstra a credibilidade que a Feira tem ganho com o decorrer das suas sucessivas edições".

Em todos os os dias da Feira, publicou-se o Diário da AGROVOUGA// 88, sob a direcção do jornalista Júlio de Sousa Martins; das palavras de abertura do primeiro número, subscritas pelo Presidente da Câmara Municipal de Aveiro, recortamos as seguintes:

— "NÃO tem sido fácil o percurso da Agrovouga, ao longo dos seus já treze anos de existência, e cujo início, em 1976, teve a ver com a necessidade de lançar forte grito de alerta, a nível nacional, para o desprezo a que estava (e, afinal, continua a estar, embora se vislumbre uma luzinha ainda muito ao fundo do túnel do esquecimento) votada uma das zonas potencialmente mais ricas do nosso país: o Baixo Vouga.

Apesar das vicissitudes com que tem deparado e lutado, a Agrovouga acabaria por se impor, sendo actualmente considerada a feira "mais importante e antiga do País do sector leiteiro".

As referidas vicissitudes tiveram a ver com numerosos factores, não só a nível de Poder Central como de falta de fé de algumas instituições oficiais naturalmente vocacionadas com o sector-base do certame, como ainda de aspectos de sanidade de animais (por vezes talvez exageradamente empolados - e coincidindo, como por acaso, com a data de realização da Feira).

No entanto, com tenacidade, persistência e elevado grau de empenhamento por parte dos seus responsáveis, a Agrovouga tem vencido galhardamente todos os obstáculos, e aí está cada vez mais viva e actuante, atraindo de ano para ano um maior e mais diversificado número de expositores e feirantes propriamente ditos, que acreditam na vitalidade e seriedade com que o certame se organiza e patenteia.

E de tal modo isto é verdade que, com o decorrer dos tempos, a Agrovouga passou a ser um certame com notório pendor industrial, não só relacionado com o sector agropecuário (o que seria natural), como também noutros domínios - o que demonstra a credibilidade que a Feira tem ganho com o decorrer das suas sucessivas edições".

Desde tempos imemoriais que a Ria de Aveiro - um dos acidentes geográficos mais raros e mais belos existentes na Europa - tem sido como que o "termómetro" de toda uma vasta região, de Ovar a Mira, com especial incidência no Concelho de Aveiro. Uma barra indecisa em local de abertura para o mar, por vezes fechando-se durante muito tempo, provocou desde sempre as diversas fases da vida das localidades afectadas: tempos áureos quando com fácil acesso ao mar, decadência e migrações quando transformada em grande laguna, com o seu rasto de males e calamidades.

Finalmente fixada a barra em 1808, após vaguear entre norte e sul, no local onde actualmente se encontra, a Ria de Aveiro passou a influenciar definitivamente a vida aveirense, agora no sentido de crescente prosperidade.

Por isso, não é de estranhar que a Ria mereça a Aveiro respeito e amor: manifestações de alegria, evidenciadas na vivacidade de corridas de moliceiros e outras embarcações de características únicas, na cor e alacridade de danças e cantares nos (ou junto dos) canais urbanos, no próprio reflexo dos edifícios de Arte Nova no espelho das águas, agora regularizadas por meio de eclusas e comportas.



Festa da Ria/88

Neste ano de 1988, o programa da Festa da Ria desenrolou-se desde 15 de Julho até 15 de Agosto.

Realizaram-se regatas e corridas de moliceiros e bateiras, provas de canoagem e de remo, actuação de vários agrupamentos, fados de Coimbra, festival regional e festival internacional de folclore, exposição sobre o barco moliceiro e uma conferência sobre as artes de pesca na Ria, de que se encarregou o Dr. Lamy Laranjeira, de Ovar.

Para nos referirmos apenas aos festivais de folclore, aponta-se a presença e a actuação dos seguintes grupos: Grupo Folclórico Etnográfico de Albergaria-a-Velha, Grupo Etnográfico da Gafanha da Nazaré, Grupo Folclórico de Eírol, Rancho Regional da Casa do Povo de Ílhavo, Grupo Folclórico "As Tricanas de Ovar", Rancho Folclórico do Baixo-Vouga (Eixo), Grupo Folclórico de Cacia, Grupo Jarasmim (Málaga-Espanha), Grupo "Dalmácija" (Jugoslávia), Grupo de "Kiri'at Malaji" (Israel). Além disso, regista-se a exibição da Tuna Musical Santa Cecília (São Bernardo), do Grupo Etnográfico e Cénico das Barrocas e da Companhia de Dança de Aveiro.

A CÂMARA MUNICIPAL E A "FINAVE"

Em reunião de 26 de Setembro, a Câmara Municipal de Aveiro deliberou aderir à Sociedade de Desenvolvimento Regional de Aveiro, depois de ter cuidadosa e demoradamente analisado o ante-projecto dos respectivos estatutos.

Em conformidade com os termos deste documento, a Sociedade de Desenvolvimento Regional de Aveiro, que adopta a denominação de FINAVE, é uma sociedade anónima e tem a sede na cidade de Aveiro; o seu objectivo é "a realização de operações financeiras, a promoção de investimentos produtivos e a prestação de serviços conexos, com a amplitude concedida pela lei às sociedades de desenvolvimento regional, na sua área de intervenção, bem como dedicar-se a todas as demais actividades que sejam ou venham a ser permitidas por lei a este tipo de sociedade".

A FINAVE poderá ainda realizar operações decorrentes de objectivos comuns ou de empreendimentos que interessem a mais de uma região, sendo-lhe facultado, para esse efeito, associar-se a sociedades congéneres.

Na prossecução dos seus objectivos e de acordo com a legislação aplicável, a Sociedade de Desenvolvimento Regional de Aveiro poderá realizar diversas operações financeiras, como: participar no capital de outras sociedades, realizar operações de crédito a médio ou longo prazo, conceder créditos, a médio prazo, para instalação ou renovação de equipamentos.

Além disso, a FINAVE poderá realizar operações de empréstimo, a médio ou longo prazo, às autarquias locais ou a entidades que explorem serviços de interesse público, com vista ao financiamento de infra-estruturas necessárias ao desenvolvimento económico e de equipamentos sociais da região; prestar garantias que assegurem o cumprimento de obrigações contraídas por empresas da região; subscrever ou adquirir obrigações e outros títulos de dívida negociáveis; e oferecer fundos no mercado interbancário, monetário ou de títulos.



Paços do Concelho. Edifício construído em 1797. Em 1920, foi demolido o terraço fronteiro, bem como o acesso à Igreja da Misericórdia.

VARANDAS, JANELAS E JARDINS FLORIDOS

A Câmara Municipal de Aveiro, promoveu, durante a Primavera de 1988, o concurso de varandas, janelas e jardins floridos. Após uma análise cuidada, a cargo de um júri escolhido para o efeito, a Edilidade, reunida em 18 de Julho, teve conhecimento da avaliação e atribuiu os respectivos prémios:



Rua Sr. dos Aflitos nº 11 - 1ª.

1 - Varandas. O primeiro prémio, de 50.000\$00, coube a Albano Vinagre Miguéis Picado, de Aveiro; o segundo, de 30.000\$00, foi para Alba Neves, de Aradas; o terceiro, de 20.000\$00, contemplou Maria Luisa Resende Gonçalves Andias, de Aveiro; o quarto, de 10.000\$00, beneficiou Ortélia Rocha, de Aveiro; e o quinto, de 5.000\$00, agraciou Maria da Anunciação Vinagre Moreira Fortes, de Aveiro.

Foram ainda distribuídas oito menções honrosas, acompanhadas de um prémio de 1.500\$00, que contemplaram Florinda Ferreira de Bastos, Alice Andrade Carvalho, Maria Gabriela Pires da Rosa, Maria Beatriz Almeida Ferreira da Silva Letra, Teresa de Jesus Tavares de Brito, Ilda Melo Neves, Ofília Rosa da Silva Coutinho e Maria Fernanda Dinis Cruz — todas de Aveiro.

2 - Janelas. Para as janelas floridas apenas houve uma senhora contemplada com uma menção honrosa: Dora Maria Oliveira Madaíl dos Santos, de Aveiro.

3 - Jardins. O primeiro prémio, de 50.000\$00, foi atribuído a Maria Sarrico Vieira da Silva; o segundo, de 30.000\$00, beneficiou António Borrhalho Rangel; e o terceiro, de 20.000\$00, agraciou Dora Maria Oliveira Madaíl dos Santos.

Os prémios foram entregues aos contemplados, durante a reunião do Executivo, realizada em 3 de Outubro.

CIDADES IRMÃS E AMIGAS

Em Novembro passado, deslocou-se à cidade-irmã de Oita, no Japão, uma delegação aveirense, presidida pelo Dr. José Girão Pereira, Presidente da Câmara Municipal, para comemorar o décimo aniversário da assinatura do respectivo protocolo. Os aveirenses foram recebidos cordialmente pelas entidades oficiais de Oita e tiveram ocasião de estabelecer variados contactos e de visitar diversos departamentos, como o Centro Cultural, o Hospital Luís de Almeida, uma Escola de Ensino Básico. A visita ficou assinalada com a plantação de três árvores. Entretanto, a Câmara Municipal de Oita foi convidada a visitar Aveiro, em Maio de 1989.



Irmação com a Cidade de Santo António do Príncipe - S. Tomé.

No dia 9 de Dezembro, no salão nobre dos Paços do Concelho, realizou-se a cerimónia da assinatura do protocolo de irmanação das cidades de Aveiro e de Santo António do Príncipe. Já de há meses, sobretudo aquando da visita do Presidente da Edilidade Aveirense a São Tomé e Príncipe, que se preparava este acto, com a finalidade de incrementar relações de amizade com Portugal. No âmbito de acções concretas, o nosso Município, correspondendo a solicitação de apoio, concorreu recentemente para as obras de restauro do edifício dos Paços do Concelho daquela cidade, com uma traça arquitectónica de alguma forma semelhante ao edifício-sede do Município de Aveiro.

Por outro lado, na sequência de várias deliberações, está marcada para os dias 11 e 12 de Fevereiro de 1989 a assinatura do protocolo de irmanação entre Aveiro e Bourges, cujo acto solene decorrerá nesta cidade francesa. Além disso, também está prevista a assinatura do protocolo de irmanação com Arcachon durante a próxima Primavera, em data a combinar oportunamente.

Notícias Breves

- 4 de Julho** A Câmara Municipal, em reunião deste dia, teve conhecimento de que a Comissão Organizadora da "IV Bienal de Artes Plásticas", realizada em Lagos, se propunha levar a efeito em Aveiro uma exposição das obras que dela fizeram parte, no salão e galeria municipais; por se considerar tal iniciativa de interesse, foi deliberado patrociná-la. **Exposição de Artes Plásticas**
- A Câmara também tomou conhecimento de um ofício da Associação de Desportos de Aveiro, pelo qual se manifestava a intenção de entregar ao Município todo o espólio (troféus e demais prémios), para o futuro Museu Municipal; foi deliberado aceitar a proposta e manifestar àquele organismo a gratidão da Câmara. **Museu Municipal**
- 11 de Julho** Presente e apreciado o estudo prévio do Pavilhão Gimnodesportivo do Clube dos Galitos, a Câmara Municipal considerou o mesmo aprovado. **Clube dos Galitos**
- 18 de Julho** A Câmara deliberou conceder ao Sport Clube Beira-Mar, durante a próxima época de futebol - Agosto/88 a Junho/89 - uma comparticipação mensal de um milhão de escudos. **Sport Clube Beira-Mar**
- 8 de Agosto** Tendo em vista as já longas relações de amizade entre Aveiro e Bourges, foi deliberado concretizar o projecto de irmanação num futuro próximo. **Aveiro-Bourges**
- 5 de Setembro** Pelo Presidente foi comunicado ao Executivo que se vai concretizar a ideia da erecção de um monumento à Música, cuja implantação será no Largo do Alboi, em frente da sede da Banda Amizade. **Monumento à Música**
- 17 de Outubro** A Câmara deliberou mandar proceder ao restauro do "Calvário" de Requeixo, junto à igreja matriz. **Calvário de Requeixo**
- 7 de Novembro** Tendo em vista que a curto prazo irão iniciar-se as obras da nova Biblioteca Municipal no antigo edifício do Magistério Primário Particular, torna-se urgente conseguir instalar as associações que aí se encontram; para isso, a Câmara tomou conhecimento do teor de um projecto de protocolo a celebrar com a Companhia Aveirense de Moagens, relativo à cedência, por um ano, de instalações para aquele fim, sitas na Rua dos Santos Mártires. A Câmara deliberou concordar e aceitar o teor daquele documento. **Sede das Associações Culturais**
- 21 de Novembro** O Executivo deliberou adjudicar a construção do Centro Social de Verba. **Centro Social de Verba**
- 28 de Novembro** A Câmara Municipal deliberou encarregar a respectiva Comissão para efectuar novos contactos em ordem à execução deste Monumento, em virtude de não terem surtido efeito diligências anteriores. **Monumento ao Marnoto e Salineira**

1989 - Efemérides

20-01-1464	O bispo de Coimbra D. João Galvão procedeu à dedicação litúrgica da igreja do Convento de Nossa Senhora da Misericórdia, dos Padres Dominicanos.	525 anos
05-02-1914	Completo-se a abertura à exploração do caminho de ferro do Vale do Vouga, com a inauguração do último troço, das Termas de S. Pedro do Sul e Moçamedes.	75 anos
08-03-1514	El-Rei D. Manuel I deu foral novo a Ílhavo, Sá e Verdemilho.	475 anos
18-03-1614	Faleceu em Cabo Verde o bispo D. Frei Sebastião da Ascensão que, embora natural de Pinheiro da Bemposta, professou no Convento Dominicano de Aveiro.	375 anos
10-04-1864	Com a chegada dos primeiros comboios de Coimbra e do Porto, foi inaugurada a via férrea em Aveiro (Linha do Norte) e a respectiva estação.	125 anos
16-05-1864	Realizou-se em Aveiro o funeral de José Estêvão Coelho de Magalhães, que constituiu uma imponentíssima manifestação de pesar; os restos mortais do saudoso aveirense foram tumulados no cemitério público, em jazigo próprio.	125 anos
10-08-1814	Entrou em Aveiro, onde ficou aquartelado, o Batalhão de Caçadores nº 10, que foi recebido festivamente.	175 anos
12-08-1889	Foi inaugurada em Aveiro a estátua do tribuno José Estêvão Coelho de Magalhães.	100 anos
19-09-1289	A Vila de Eixo foi doada à Ordem de Malta por D. Leonor Afonso, filha bastarda de El-Rei D. Afonso III - a "esposa repudiada".	700 anos
04-10-1939	Iniciou a sua actividade o Seminário Diocesano de Santa Joana Princesa, em edifício alugado; em 14 de Novembro de 1951, seria transferido para edifício próprio.	50 anos
25-12-1464	No Mosteiro de Jesus, receberam o hábito de noviças dominicanas a fundadora D. Beatriz Leitão, as suas filhas D. Catarina de Ataíde e D. Maria de Ataíde, e ainda outras senhoras; foram as primeiras religiosas do afamado Convento.	525 anos

Associação Comercial de Aveiro

"O Vereador Sr. Eng. Carlos Santos lembrou a comemoração dos 130 anos de vida da Associação Comercial de Aveiro, que se completam no próximo dia 25 de Novembro, e propôs que à mesma seja atribuída uma distinção honorífica pela passagem daquela data, tendo para isso feito a entrega de um apanhado dos elementos considerados de maior relevância e que, em seu entender, constituem o curriculum daquela Entidade. Foi deliberado, por unanimidade, que os Serviços de Cultura analisem aquele documento e emitam parecer relativamente ao assunto, com vista a resolução na próxima reunião".

(Reunião da C.M.A., de 7-11-1988; Acta nº 43)

bibRIA

"Em seguimento do deliberado na última reunião e considerando que a Associação Comercial de Aveiro tem, ao longo dos seus 130 anos de existência, pugnado pelo desenvolvimento do Concelho, Região e Distrito; considerando que tem estado na primeira linha de defesa na maioria dos interesses da Região, lutando denodadamente contra as injustiças que amiúde perpetraram contra este Distrito; considerando que tem sido um elemento aglutinador dos comerciantes e, como tal, contribuiu para a união deste sector, tão importante para a economia e desenvolvimento regional; considerando a abnegação e o desinteresse sob o ponto de vista material dos mentores desta mesma Associação, desde a respectiva criação; considerando, ainda, que, sempre que solicitada, a Associação tem estado à disposição das Associações Culturais e Desportivas, evidenciando assim mais um dos sectores da intervenção que podem ser esquecidos; foi deliberado, por unanimidade, atribuir a Medalha de Mérito Municipal àquela Associação, pela comemoração dos seus 130 anos de existência".

(Reunião da C.M.A., de 14-11-1988; Acta nº 44)